

Caio Vieira Reis de Camargo

**TIPOLOGIA E USO DA VOZ MÉDIA EM APOLODORO:
ESTUDO SEMÂNTICO BASEADO EM CORPUS**



ARARAQUARA – SP.
2011

CAIO VIEIRA REIS DE CAMARGO

**TIPOLOGIA E USO DA VOZ MÉDIA EM APOLODORO:
ESTUDO SEMÂNTICO BASEADO EM CORPUS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Ensino-aprendizagem de línguas

Orientadora: Profa. Dra. Anise de Abreu Gonçalves D'Orange Ferreira

Bolsa: CNPQ

ARARAQUARA – SP.
2011

Camargo, Caio Vieira Reis de

Tipologia e uso da voz média em Apolodoro : estudo semântico
baseado em corpus / Caio Vieira Reis de Camargo – 2012

147 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa) –

Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus
de Araraquara

ORIENTADOR: ANISE DE ABREU GONÇALVES D'ORANGE FERREIRA

1. Voz média grega . 2. Abordagem semântica baseada em corpus.
3. Apolodoro. I. Título

CAIO VIEIRA REIS DE CAMARGO

TIPOLOGIA E USO DA VOZ MÉDIA EM APOLODORO: ESTUDO SEMÂNTICO BASEADO EM CORPUS

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Linha de pesquisa: Ensino-aprendizagem de línguas

Orientadora: Profa. Dra. Anise de Abreu Gonçalves D'Orange Ferreira

Bolsa: CNPQ

Data da defesa: 05/01/2011

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

PROFa. Dra. Anise de Abreu Gonçalves D'Orange Ferreira –
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP/ ARARAQUARA

Presidente e Orientador

PROFa. Edvanda Bonavina da Rosa
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP/ ARARAQUARA

Membro Titular

PROFa. Dra. Maria Aparecida de Oliveira Silva
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - USP/SÃO PAULO

Membro Titular

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras - UNESP – Campus de Araraquara

Esta dissertação é dedicada a minha avó Zoraide Vieira dos Reis, que, por anos, cantou-me histórias, dedicando sua aposentadoria ao crescer de seu neto e, agora, sempre que me encontra, ansiosamente, pede por ouvir as histórias que passei a escrever.

Agradecimentos

Primeiramente, gostaria de agradecer minha orientadora, Anise de Abreu Gonçalves D'Orange Ferreira, pelo minucioso acompanhamento de meu trabalho de pesquisa, que tornou possível o resultado que encontramos nesta dissertação. Seu conhecimento é, sem dúvida, uma inspiração para a sequência de meu caminho acadêmico, e a pessoa maravilhosa que é, repleta de tão belas virtudes, sempre será alvo de minha admiração.

Agradeço a meus pais, Alberto José de Camargo e Regina Ester Vieira Reis de Camargo que, hoje, enxergam nesta dissertação, o resultado de anos, desde o pequeno menino, galgando os degraus de uma criação à base da sinceridade, do diálogo e do amor.

Ao meu querido irmão, Marcelo Vieira Reis de Camargo, "mestre das energias renováveis", que, como um refinado maestro, sempre me ajudou a encontrar, da forma mais harmônica e bela, as notas que faltavam para concluir esta melodia que, hoje, toca, alegremente.

Aos meus queridos amigos, Raoni Exaltação Masson e Pedro Marcussi de Carvalho, cujos laços fraternos sempre recarregaram minhas energias nos momentos em que ela se encontrava à beira do esgotamento.

À Edvanda Bonavina da Rosa, fica meu eterno agradecimento por seus ensinamentos que, desde o início de minha vida universitária, começaram a lapidar as palavras que se espalham neste trabalho.

À minha avó Zoraide Vieira Reis, princesa de minhas fábulas, que, ao lado de meu avô Antônio Reis, sempre presente, fez com que essa criança conseguisse criar as próprias histórias.

Aos meus alunos da Universidade Estadual de Maringá, que me deram a certeza quanto ao acerto em minha escolha profissional como professor.

À CNPQ, pela bolsa fornecida pela realização da pesquisa.

Por fim, meu agradecimento aos professores da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, responsáveis pela construção de todos os passos de minha formação que culminam, agora, na conclusão deste mestrado.

Caio Vieira Reis de Camargo

"O assunto mais importante do mundo pode ser simplificado até ao ponto em que todos possam apreciá-lo e compreendê-lo. Isso é - ou deveria ser - a mais elevada forma de arte." Charles Chaplin

Resumo

Este trabalho de pesquisa foi elaborado em continuação àquele realizado em Iniciação Científica, financiado pela FAPESP, sob a orientação da Profa. Dra. Edvanda Bonavina da Rosa, em que foram analisados exemplos de verbos gregos na voz média, extraídos das narrativas mitológicas da figura heroica de Hércules, presentes na obra *Biblioteca*, de Apolodoro. Nessa pesquisa, optamos por fazer uma pequena revisão teórica sobre trabalhos que tratassem sobre a medialidade, não somente do grego, mas também em outras línguas, como o português, a fim de traçar análises comparadas entre elas. Coletados os exemplos, a escolha teórica para analisá-los foram as classificações dos verbos gregos na voz média estabelecidas por Allan (2003), a partir de critérios semântico-cognitivos, os quais buscam definir o escopo do emprego da medial nos textos helênicos, definindo as nuances de seu uso, as formas mais e menos recorrentes, levantando as hipóteses que tratassem das dificuldades de delimitar, diante de seu variado leque de emprego, as principais características dessa forma verbal.

Neste trabalho de mestrado, sob a orientação da Profa. Dra. Anise Abreu Gonçalves D'Orange Ferreira e financiado pelo CNPQ, aprofundamos no estudo sobre a voz média do grego antigo, elaborando um capítulo teórico dedicado a esse tema, em que buscamos encontrar as intersecções existentes nos diferentes estudos sobre a medial, estabelecendo seus principais traços, sistematizando as variações possíveis de sua ocorrência, além de tentar tornar mais claras as fronteiras que a separam das outras vozes: ativa e passiva. Para tanto, tomamos por base a teoria funcional-cognitivista, afim de expandir as abordagens linguísticas que tangem os estudos clássicos. Ademais, ampliamos nosso *corpus* de análise, selecionando os Livros I, II e III de *Biblioteca*, de Apolodoro, que reúne as narrativas mitológicas gregas, desde o surgimento do universo, até o retorno de Medéia à cidade de Atenas. Nessas passagens, foram extraídas formas verbais médias contextualizadas, a fim de empregar os critérios de análise selecionados. Sobre essa seleção, fazemos uma abordagem baseada em *corpus*, isto é, utilizamo-nos de ferramentas computacionais que otimizam os trabalhos de pesquisa e nos auxiliam na agilidade do andamento das tarefas, oferecendo recursos que permitem o aprofundamento nas análises e na consequente extração de resultados mais plausíveis. Com essa ampliação, continuamos com os critérios estipulados por Allan (2003), a fim de verificar se as categorias por ele estabelecidas abarcam os diferentes exemplos encontrados de voz média. Com efeito, apresentamos neste trabalho uma conceituação

mais ampla para o tema, de modo que ela seja uma formulação a partir do que outros autores escreveram.

Palavras-chaves: voz média grega; linguística cognitiva; abordagem baseada em *corpus*

Abstract

This research was elaborated as a sequence of my undergraduate research, supported by FAPESP, under the orientation of Profa. Dra. Edvanda Bonavina da Rosa, in which we analyzed examples from Greek middle verbs from the mythological narratives of *Library*, written by Apolodoro. On this former work, we decided to make a small theoretical review about the works on ancient Greek middle voice, as well as on other languages, like Portuguese, in order to establish comparative analysis between them. Once collected the examples, we have chosen Allan's (2003) groups of middle verbs to classify the occurrences we found, to define its scope, the most used forms and to formulate hypothesis to make reflections upon the attempt to delimitate Greek's middle voice within its all variable uses.

On this master degree's dissertation, under Profa. Dra. Anise Abreu Gonçalves D'Orange Ferreira's orientation, supported by CNPQ, we went deep on our studies about Greek's middle voice, elaborating a theoretical chapter to this subject, trying to find the intersections among middle voice's works, defining its primary aspects, organizing its different uses and furthermore making clearer the boundaries that separate the middle voice from the active and the passive. To do so, we chose cognitive linguistics as our theoretical basis, in order to expand linguistic works on classical studies. Besides, we have amplified our corpus, selecting Books I, II and III from Apolodoro *Library*, which gathers Greek mythological passages, since the beginning of the universe, until Medea's return to Athens.

On this passages, we extracted middle verbs to utilize our selected criteria. About this selection, we make a corpus approach, in other words, we use softwares to improve our research, in both efficiency and speed, as well as to become possible more plausible conclusions. Amplifying the corpus, we still use Allan's classifications to classify the middle verbs. Therefore, we present on this work one large study about the issue, so it can be a reformulation from what other authors have written.

Key-words: Middle voice; ancient Greek; cognitive linguistics; corpus approach

Sumário da Dissertação

INTRODUÇÃO.....	p.13
1. As vozes verbais e a voz média do grego antigo: revisão da literatura.....	p.23
1.1 O conceito de voz e a teoria funcional-cognitiva.....	p.26
1.1.1 O Modelo "Bola de Bilhar" de Langacker.....	p.28
1.2 A voz ativa.....	p.31
1.3 A voz passiva.....	p.39
1.4 A voz média.....	p.45
1.4.1 Verbos Depoentes.....	p.60
2. Classificação preliminar dos usos da voz média no <i>corpus</i> de estudo: uma abordagem semântica.....	p.66
2.1 Média - passiva.....	p.67
2.2 Média como processo espontâneo.....	p.69
2.3 Média como processo mental	p.74
2.4 Média como movimento corporal.....	p.78
2.5 Média como ação coletiva.....	p.81
2.6 Média recíproca.....	p.83
2.7 Média reflexiva direta.....	p.85
2.8 Média perceptiva.....	p.88
2.9 Média como atividade mental.....	p.91
2.10 Média como ato de fala.....	p.93
2.11 Média Reflexiva Indireta.....	p.95
2.12 Análise dos traços semânticos.....	p.97
2.13 O mapa semântico da voz média.....	p.98
3. Re-classificação do uso da voz média em Apolodoro: uma abordagem baseada em <i>corpus</i>	p.101
3.1 O <i>corpus</i> selecionado e a aplicação dos <i>softwares</i> de pesquisa.....	p.101
3.2 A categoria prototípica – análise das ocorrências encontradas.....	p.108
3.3 Uma nova categorização.....	p.117

3.3.1 Atividade Mental x Processo Mental.....	p.118
3.3.2 Reflexiva (Direta e Indireta)	p.118
3.3.3 Movimentação Corporal x Ação Coletiva.....	p.118
3.3.4 Média-Passiva x Processo Espontâneo.....	p.118
4. Implicações para as sinonímias entre vozes ativa e média.....	p.121
4.1 Ativa vs Média.....	p.121
4.2 Verbos ativos e médios sinônimos.....	p.126
4.2.1 όρμάω e όρμάομαι.....	p.130
4.2.2 πειράω e πειράομαι.....	p.131
4.2.3 πολιτεύω e πολιτεύομαι.....	p.132
4.2.4 πηδάω e άλλομαι.....	p.132
4.2.5 έθέλω e βούλομαι.....	p.134
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	p.137
REFERÊNCIAS.....	p.140

Introdução

A Linguística, como ciência recente, vem sendo impulsionada pelas diversas e importantes teorias que a compõem ao longo dos anos. Várias são as áreas do conhecimento ligadas a ela que permitem aprofundamentos nos estudos de uma dada língua. Dessa forma, os trabalhos voltados para as línguas clássicas ganharam força, já que com as novas correntes de pensamento linguístico, novas propostas e abordagens surgiram, as quais, embora tenham uma língua não falada como objeto de estudo, permitem a maximização de suas reflexões, podendo ser aplicadas como parâmetros para qualquer outro estudo linguístico, como, por exemplo, para o de uma língua moderna.

Historicamente, a categoria de voz tem suscitado muita dificuldade, tanto no que se refere a questões conceituais quanto no que respeita a sua tipologia. Na Antiguidade, o estudo da gramática inicia-se com Dionísio Trácio, que escreveu um tratado breve e metódico, intitulado *Téchne grammatiké*. No parágrafo 13, “*Do verbo*”, esse autor se refere já às três vozes verbais, que ele denomina *diáthesis*¹: a ativa (*enérgeia*), a passiva (*páthos*) e a média (*mesótes*). A voz média é por ele definida como a que indica ora atividade, ora passividade. Conforme Boehm (1998), o termo *diáthesis* tem sentidos variados para os gramáticos gregos, podendo variar entre “dispor”, “organizar” e “pôr em tal ou tal disposição o espírito ou o corpo”. Para essa autora, na *Téchne grammatiké*, *diáthesis* corresponde à relação entre os agentes com o processo e sublinha a coincidência entre a oposição das formas e a oposição semântico-sintática. Também merece menção a obra de Apolônio Díscolo, que deixou uma obra vasta, mas cuja maior parte não chegou até nós. Esse autor também se refere às três vozes, em sua obra *Da sintaxe* III, 54. Segundo Moura Neves (1987, p. 197), para essa autora, a voz média representa uma convergência do sentido passivo e do ativo, embora algumas formas médias só tenham significação ativa e outras só tenham significação passiva.

Os gramáticos latinos, herdeiros da teoria gramatical grega, não empregam, entretanto, a designação “*diáthesis*”, mas forjam vários termos para expressar essa noção. Varrão, por exemplo, emprega três termos, *significatio*, *genus e modus*, mas o termo que se estabelece é “*vox*”, voz, correspondente ao grego *phoné*, que pode ter tido

¹A questão da diátesis verbal será abordada no decorrer deste trabalho.

o sentido de “*significante*”. Na tradição gramatical latina, a classificação do verbo segue o princípio morfológico e a tradição europeia segue esse mesmo procedimento. A França segue a terminologia latina, empregando o termo “voz”. Assim são os estudos de Humbert e de Chantraine, por exemplo. Em sua obra *Syntaxe Grecque*, Humbert (1963, p.100) refere-se às dificuldades para o ensino e para a compreensão da voz média. Esse autor afirma que essa dificuldade está diretamente ligada aos antigos gramáticos, tendo em mente os gramáticos de Alexandria. Afirma Humbert (1963):

Na realidade, enganados pela importância *lógica* da oposição entre *agente* e *paciente*, os gramáticos antigos consideraram como essencial a distinção da ativa e da passiva: conseqüentemente, eles deixaram num plano *secundário* e *equivocado* a média. No entanto, se considerarmos conjuntamente o desenvolvimento das vozes nas línguas indo-europeias e sua história no próprio grego, constata-se que há apenas duas vozes *fundamentais*: a ativa e a média; a passiva constituiu-se, lentamente, apenas às custas da média, da qual ela tomou emprestada a maior parte de suas formas e à qual ela permanece profundamente associada². (p.65)

Outros estudiosos retomam as reflexões gregas, e propõem um retorno à nomenclatura grega, referindo-se assim, à diátese. Entre esses estudiosos podem ser citados Benveniste (1966) e Vendryes (1948). Lima (2008) reforça essa dificuldade na categorização verbal constante nos estudos linguísticos:

Os estudos linguísticos em bases estruturais e gerativistas não têm conseguido até o momento dar conta da categoria de voz. Camara Jr. (1977, s.v.voz), por exemplo, amparado num critério formal, considera como vozes a ativa, a passiva e a reflexivo-medial, mas define mal a voz medial que ora é considerada como um tipo de voz, ao lado da passiva e da ativa, ora é tida como subtipo da passiva (médio-passiva).

Lima (2008) ainda aponta para a falta de uma equivalência da voz média nas línguas modernas. Para ela, a medial possui relações bem estreitas com a passiva e a reflexiva, o que acaba por confundi-la com estas. Essa dificuldade em distingui-las aparece na própria descrição confusa apresentada pelas gramáticas tradicionais, uma vez que os autores oscilam nas classificações de algumas formas como exemplos de voz

² Tradução nossa.

média, passiva ou reflexiva. Em português³, a voz média foi abordada por autores pré e pós – NGB e, na maioria das vezes, os gramáticos a definem como um subtipo da reflexiva, cujo traço mais geral seria a presença do pronome *se*. Said Ali (1963) aprofundou os estudos sobre voz verbal e atribui à média a maior parte de seus comentários. Considera-a como forma intermediária entre a ativa e a passiva, com um pronome reflexivo sempre presente, porém com funções abrangentes. Para o filólogo, a voz média é capaz de expressar reflexividade, reciprocidade e outras noções, tal como indica que uma ação não parte de um sujeito, mas que este foi afetado: “a ação se executa por si mesma no objeto de que se fala”. (1964, p.179). Nesses casos, a medial denota atos espontâneos, sem agente ou causa aparente. A escassez de estudos comparados da medial grega para com o português é significativa, o que torna sua compreensão mais complicada. Poucas são as abordagens comparativas da voz média. Embora haja, conforme observamos, autores que se preocupem em buscar a equivalência dela em português, poucos são os trabalhos desenvolvidos nessa área e necessitam, ainda, de um maior aprofundamento. Diante disso, é necessário um trabalho descritivo que não se limite a um estudo comparativo.

A voz média perdurou, até recentemente, como alvo de pesquisa de estudos de línguas clássicas e indo-europeias. Nas últimas décadas, contudo, esse tema passou a ser objeto de estudo de pesquisas tipológicas, diante do fato de que os sistemas médios são muito similares entre as línguas, mesmo entre aquelas que não compartilham uma raiz em comum. Dos trabalhos mais recentes, tais como os de Kemmer (1993), Klaiman (1992), Maldonado (1999), dentre outros, notamos, por exemplo, uma enorme semelhança entre o sistema reflexivo das línguas europeias modernas e o sistema de voz média conforme encontrado no grego antigo e no sânscrito. Cabe ressaltar que o termo "voz média" é aplicado de forma ampla nas pesquisas linguísticas do século XX. Valfells (1970), por exemplo, define-a como uma categoria formal, uma categoria flexional do verbo do grego clássico. Lyons (1969), por sua vez, adota a ideia de voz média como algo puramente semântico, como indicador de uma ação ou estado que afeta o sujeito do verbo em seu interesse. Não há, de fato, uma definição aceita de forma generalizada, a qual consiga relacionar seus diferentes empregos nas mais diversas línguas de forma satisfatória, reunindo as ocorrências em que esse termo é utilizado como classificação.

³ Para maiores detalhes sobre a medialidade no português, cf. Lima(2008).

Conforme salienta Kemmer (1993), as frases abaixo, extraídas de quatro línguas distintas, foram construídas em voz média:

1) Grego antigo

λούομαι τάς χεῖρας "Lavo minhas mãos"

ἄλλομαι "Eu me atiro"

βούλομαι "Eu desejo"

2) Islandês Moderno

kann klæddi-st "Ele se vestiu"

bókin fann-st "O livro foi encontrado"

ég vona-st til ad fara "Espero ir"

3) Francês

ce papier se recycle "Esse papel é reciclável"

le ciel se fait sombre "O céu está escurecendo"

le riz se cultive en Chine "Cultiva-se arroz na China"

4) Inglês

the book that sells well "O livro que se vende bem"

the door opened "A porta se abriu"

the soup that eats like a meal "A sopa que se come como refeição".⁴

Para a autora, com base nesses levantamentos, não há uma generalização semântica capaz de abarcar esses diferentes empregos, além de não haver diferenças naquilo que define um verbo como médio, se pensarmos que nos exemplos 1 e 2 o indicador da construção é o afixo, em 3, o pronome *se*, e em 4, não parece haver qualquer indicador morfossintático que diferencie de construções intransitivas ativas. Há autores que empregam a terminologia de médio-passiva, quase-reflexiva, pseudo-reflexiva, neutra, construção sujeito-paciente e depoente. Dessa forma, embora o trabalho de Kemmer (1993) reúna a análise da voz média em vários sistemas linguísticos⁵, em grego antigo, embora haja a marcação morfológica em relação à ativa, não ficam claras, frequentemente, as reais diferenças que dividem essas duas categorias e, nesse caso, é necessário compreender e identificar um padrão semântico que, ao mesmo tempo em que reúne e classifica os diversos exemplos das variações do emprego

⁴ Exemplos extraídos de KEMMER (1993, p.2). Vale lembrar que, para línguas modernas, como francês e inglês, a autora afirma que, embora não seja uma categoria formal da língua, a voz média se constrói semanticamente.

⁵ No capítulo aprofundaremos mais na análise linguística de Kemmer sobre a voz média.

das vozes, possa estabelecer, ou ao menos inferir, as fronteiras que separam as três vozes verbais da língua.

Especificamente sobre a voz média grega, enfoque desta dissertação, a quantidade de trabalhos, frequentemente publicados em língua inglesa, que tratam dessa questão não é tão ampla, ao passo que na maioria das vezes, muitas das abordagens se restringem a um caráter normativo, que limita e dificulta a compreensão das diferentes formas de emprego dessa forma verbal. Nos estudos linguísticos acerca das vozes verbais, autores, como o gramático francês Humbert (1963), apresentam a formação da voz média como anterior à da passiva, configurando-se, ao lado da ativa, como as possibilidades de construção do sentido verbal⁶. Ainda nas gramáticas tradicionais, defende-se a ideia de um sujeito que possui um “interesse” na ação que realiza. Conforme ressalta Goodwin (1930, p.35), “na voz média, o sujeito é apresentado como agente sobre si mesmo ou, de alguma maneira, sobre algo que lhe concerne”. No grego antigo, embora não seja tão prolífica quanto a ativa, compreender a voz média não se limita a entender sua morfologia, uma vez que seu campo semântico é bastante amplo e encontrar um padrão para seu emprego não é uma tarefa simples. Consoante mencionado acima, as gramáticas do grego antigo enumeram alguns empregos da voz média, entretanto mesmo em meio a essas definições, surgem dúvidas como: a) existe algum elemento semântico que una esses diferentes tipos de uso? Se sim, como identificá-lo? e b) compreendidos os vários usos da voz média como uma estrutura polissêmica, de que forma esses empregos estão relacionados uns aos outros? Uma vez comuns as abordagens normativas que pouco aprofundam no estudo desse aspecto verbal, que, exclusivo a algumas línguas, especialmente às clássicas, desapareceu na maioria das línguas modernas, pelo menos do ponto de vista morfológico, contribuindo para a escassez de estudos comparados, abordagens semânticas têm se mostrado bastante eficientes no que diz respeito à interpretação e compreensão dos verbos gregos empregados na voz média. Existem interessantes trabalhos que tratam da medialidade em línguas como o português, o grego moderno, o francês, dentre outras, os quais servem de baluarte teórico para nosso trabalho voltado para o grego clássico.

Diante, então, de pesquisas que visam à tentativa de definição da voz média, ora divergentes, ora convergentes, buscamos, nesta dissertação, reuni-las diacronicamente, a partir do que surgiram questões, tais como: a) quais são essas definições de voz média

⁶Acerca da origem história da voz média, no capítulo 1 de nossa dissertação, trataremos com maior ênfase essa questão, de modo a entender a interferência desse fator na compreensão da medial.

nos estudos realizados até o presente?; b) quais os traços semânticos e como estabelecer a diferença entre as demais vozes?; c) como os papéis semânticos contribuem para essa distinção?; d) qual o envolvimento do sujeito (tal qual expresso por Manney (2001) nos verbos médios de nosso *corpus*?. A realização de um trabalho descritivo, por meio do uso de ocorrências contextualizadas e da língua em uso permite um maior trabalho de investigação e esclarecimento da categoria de voz, em especial, da medial. Conforme ressaltamos, embora tenha suas particularidades morfológicas, estabelecer os traços semânticos da voz média torna-se um problema, visto que nem sempre são claras as fronteiras que a separam da ativa e da passiva. Há, por exemplo, sinonímias entre formas ativas e médias, cuja diferenciação requer uma análise detalhada e comparada dessas ocorrências nos textos, questão esta que será abordada no decorrer deste trabalho. Uma das ferramentas essenciais para a compreensão desse domínio verbal está ligada aos papéis semânticos dos sujeitos e aos esquemas de imagens construídos nas frases, contribuindo, assim, para a compreensão das particularidades da medial. Nesta dissertação, a ideia central defendida em relação ao emprego da voz média grega gira em torno da noção de *afetividade do sujeito*, elemento este presente nos exemplos levantados e analisados e diretamente ligado aos papéis semânticos dos sujeitos oracionais. Desse modo, selecionamos as onze categorias semânticas da voz média estabelecidas por Allan (2003), no intuito de englobar nelas os exemplos colhidos no *corpus*, ao mesmo tempo em que analisamos a necessidade de um aumento no número de classificações, ou mesmo na diminuição destas. Para alcançar nossos objetivos, propusemo-nos a: a) identificar e mapear as ocorrências de voz média (i.e. de morfologia médio-passiva) no *corpus* proposto, selecionadas por programas computacionais específicos; b) efetuar as concordâncias, analisar o cotexto, as colocações e clusters das formas encontradas e comparar com as classificações teoricamente definidas como voz média, observando o campo semântico da voz média no *corpus* e c) levantar os padrões frasais, ou unidades sintagmáticas com emprego dos verbos na forma e no sentido da voz média, com base na frequência de sua ocorrência.

Ao longo de nossa exposição acerca da voz média no grego clássico, apresentaremos aspectos da teoria cognitiva que fundamentam nossas inferências. A linguística cognitiva define a gramática de uma língua como uma descrição compreensível da estrutura daquela língua, e sustenta o conceito de que formas linguísticas são essencialmente baseadas em estruturas semânticas. Além disso, para essa vertente do pensamento linguístico, o saber linguístico é englobado por um

conhecimento geral, de modo que o conhecimento da língua de um indivíduo é informado e influenciado por outros tipos de conhecimento não linguístico altamente estruturado. Com efeito, a distinção entre o sentido semântico e pragmático passa por níveis, ao invés de ser absoluta, e o conhecimento linguístico é dito como enciclopédico por natureza. Em outra grande área da pesquisa da linguística cognitiva, argumenta-se que comumente orações recorrentes construídas em nível prototípico designam eventos que são centrais à experiência humana e o significado linguístico em geral é corporificado e experimental por natureza. A Linguística cognitiva mantém que o significado linguístico é baseado no falante. Os usuários da língua, quando expressam uma dada ideia por meio de um sentido linguístico, fazem escolhas de codificação específica a partir de inúmeras opções disponíveis; nesse sentido, eles impõem uma das muitas perspectivas subjetivas possíveis, ou interpretações, numa situação particular ou evento. Diferentes interpretações do mesmo evento objetivo tipicamente envolvem um ajuste em a) relativa proeminência dada a suas várias partes, b) a perspectiva a partir da qual é vista e/ou c) o nível de especificidade em que o evento é caracterizado. Em outras palavras, o significado de uma expressão inclui tanto seu conteúdo semântico geral bem como as imagens específicas variáveis que convergem a qualquer uma das estruturas possíveis que poderiam alternativamente codificar a mesma situação.

Embora nosso trabalho esteja voltado para o estudo da voz média no grego antigo, o *corpus* selecionado envolve apenas um autor da época. Enquanto a presença ou ausência de uma construção na voz média numa determinada raiz verbal não é absolutamente previsível, pode ser sempre motivada, uma vez que seu sentido central esteja estabilizado. Portanto, neste estudo, embora Manney não teorize sobre o grego antigo, nós assumimos, para essa investigação, as suas hipóteses nas análises do grego antigo, baseadas nas abordagens cognitivas da análise linguística de que a) a estrutura morfossintática tal como flexão verbal possui conteúdo semântico e b) a ocorrência de uma flexão média em contextos particulares pode ser quase sempre motivada. A autora assim justifica essas possibilidades por meio dos seguintes exemplos transliterados do grego moderno:

a) iperaspízete ta anθrópina dikeómata

defende: 3 p. sg; média os direitos humanos

Ela/ele defende/está defendendo os direitos humanos (acusativo)

(sujeito afetivamente envolvido ou está defendendo seus próprios direitos como um caso de direitos humanos)

b) iperaspízi ta anθrópina dikeómata

defende 3p. sg.; ativa os direitos humanos (acusativo)

(sujeito menos envolvido com o que defende)⁷

Para Manney (2001), a construção média no item 4 implica que o sujeito defende os direitos humanos com uma grande fama de paixão e zelo, e que ele/ela está pessoalmente envolvido com a causa que ela/ele defende. A construção ativa em 4b, por outro lado, é neutra a respeito desse envolvimento pessoal, e comparada à sentença 4a sugere que o sujeito está, de algum modo, separado daquilo que defende. Verificamos que na forma média, 4a, constrói-se a noção de que o enunciador dá ao actante no texto uma qualidade semântica ao seu agir, "defender", que é um comprometimento do sujeito, tornando-o "ator" do agir ou implicado de alguma forma, enquanto que a forma ativa em 4b apresenta distanciamento, e que esses significados esquemáticos estão relacionados aos sentidos propostos pela média e a ativa prototípicas. Ao longo de nossa análise dos exemplos de voz média, mostraremos se e como esse envolvimento do sujeito passa a ser identificado e se ele é fator determinante nessa oposição *ativa/média*. Ademais, outro pressuposto da teoria cognitivista adotado neste estudo é que não há dicotomia estreita entre predicabilidade absoluta e arbitrariedade de uma dada construção linguística. Ao contrário, linguistas cognitivos argumentam em favor de uma posição alternativa entre esses dois extremos, que é a motivação. Motivação é uma análise semântica para a ocorrência de uma estrutura linguística particular. Mais especificamente, é uma conexão inferida entre uma dada forma em um contexto e um sentido menos central da mesma forma em outro contexto. Sendo assim, por meio da teoria funcional-cognitivista, buscaremos encontrar justificativas para os diferentes empregos da voz média do grego antigo.

Estudar um dado aspecto linguístico requer o contato direto com determinada língua e, no caso do grego, uma língua literária, ou seja, não utilizada para a comunicação, o contato direto é feito com os textos. Utilizando-nos da linguística de *corpus*, como ferramenta metodológica, torna-se possível realizar um estudo linguístico empírico e, para nosso trabalho, o *corpus* selecionado foi o Livro I de *Biblioteca*, de Apolodoro, uma vez que se trata da reunião de várias narrativas da mitologia grega, além de o texto não apresentar formas dialetais, já que está escrito na forma jônico-ática, padrão ateniense clássico. A Linguística de Corpus opera com ferramentas que

⁷ Exemplos extraídos de MANNEY (2001, p.7)

permitem a descrição de vários aspectos linguísticos e, conforme salienta Sardinha (2000);

A Linguística de Corpus ocupa-se da coleta e exploração de corpora, ou conjunto de dados linguísticos textuais que foram coletados criteriosamente com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem através de evidências empíricas, extraídas por meio de computador(p.3)

Sardinha (2000) fundamenta, assim, seus estudos da linguagem por considerá-la um sistema probabilístico que deve ser estudada numa abordagem empírica. Sua sustentação baseia-se na verificação de que apesar de a língua permitir diversas combinações de usos nos eixos paradigmático e sintagmático, algumas formas e combinações ocorrem com muito mais frequência que outras. Da mesma forma que o autor, adotamos, nesta pesquisa, uma abordagem empírica, considerando o uso da linguagem, em situações autênticas de produção que, aqui vem a ser o contexto de produção literária do gênero narrativo-mítico. No que tange à questão de ensino-aprendizagem, esta pesquisa foi planejada com a finalidade de preencher uma lacuna didática, ao tentar responder algumas questões sobre o uso da voz média. Uma vez que as abordagens didáticas da voz média também não se mostram capazes de abarcar toda sua complexidade, buscamos, com o resultado de nosso trabalho, contribuir para a elaboração futura de material instrucional baseado nos resultados desta pesquisa. Os estudiosos de grego antigo, normalmente, buscam auxílio em gramáticas normativas as quais, muitas vezes, prejudicam a compreensão devido à complexidade e falta de clareza. Além disso a maioria dos materiais são livros estrangeiros, exigindo o domínio de outra língua, e a necessidade de tradução e entender exemplos forjados em língua estrangeira. Estudar uma língua sob perspectiva de outra que não seja a nativa acentua os problemas para apropriação do conteúdo.

Nosso trabalho de Iniciação Científica⁸ nos assegurou quanto à viabilidade didática de se trabalhar com Apolodoro, visto que sua obra está escrita no dialeto jônico-ático e compila diversas passagens mitológicas, uma vez que é grande o interesse por figuras heroicas gregas. Vale destacar que a obra *Biblioteca*, do autor em questão, de grande riqueza cultural e literária, não possui tradução para o português. Além disso, os estudos linguísticos com base nesse *corpus* se voltaram para questões de tradução ou

⁸ Para maiores detalhes, cf. CAMARGO & ROSA (2009)

da cultura grega, sendo inédita a abordagem que o utiliza a fim de tratar da voz média grega. Permanecem, portanto, abertos os caminhos para um material de suporte didático voltado para o estudo da voz média do grego.

Esta dissertação é composta por quatro seções, ao longo das quais apresentamos, respectivamente, os estudos teóricos sobre as vozes verbais do grego antigo, as classificações empregadas para a voz média, a abordagem baseada em corpus e a análise das sinonímias. **No primeiro capítulo**, expor-se-á um quadro teórico que contemple as três vozes presentes nos verbos do grego clássico, passando pela ativa e pela passiva, de tal modo a culminar na ênfase à voz média, a qual procuramos tratar do ponto de vista semântico-cognitivo. Nessa seção, nosso objetivo é relacionar a teoria funcional cognitivista com o emprego das vozes verbais. **No capítulo dois**, apresentaremos as classificações estabelecidas por Allan (2003), analisando-as com base nos exemplos encontrados no corpus analisado, de forma a verificar a possibilidade de redução do número de categorias, ou mesmo a ampliação destas, além de expor os traços e um mapa semântico desses verbos na voz média. **No terceiro capítulo**, apresentamos a Linguística de Corpus como ferramenta metodológica para este trabalho, a partir da qual, por meio dos *softwares* previamente selecionados, foi possível otimizar os mecanismos de levantamento e análise de dados. Ademais, delimitaremos o emprego da voz média nesse *corpus*, delimitando o escopo desses verbos no autor selecionado. **No último capítulo (4)**, finalmente, faremos uma análise de alguns pares de verbos ativos/médios sinônimos, analisando as principais características que os aproximam e os separam, com base em exemplos contextualizados. Com efeito, acreditamos que este projeto de mestrado permite contribuir para o entendimento da voz média e fornecer insumo para ensino-aprendizado de grego antigo, a partir da pesquisa linguística, reunindo num material de extensão todo o conteúdo teórico pesquisado, além de textos complementares sobre mitologia grega, essenciais na formação de um estudioso do grego clássico.

Capítulo 1 - As vozes verbais e a voz média do grego antigo: revisão da literatura

As gramáticas do grego antigo deixam clara a existência de três vozes verbais presentes na língua, todas marcadas morfologicamente, sendo elas: ativa, passiva e média. De modo comparado às línguas modernas, principalmente em relação às línguas neolatinas, as duas primeiras operam por meio de mecanismos semelhantes, enquanto a média, por sua vez, torna-se um traço restrito às línguas clássicas⁹. É comum um iniciante nos estudos do grego antigo, ao primeiro contato com a terminologia "média", associá-la à voz reflexiva, presentes nas línguas modernas, muitas vezes em decorrência das explicações que encontra em materiais de apoio a esse assunto. Entretanto, à medida em que esse aluno se depara com os textos helênicos, nota que, por mais que exista, ocasionalmente, alguma semelhança entre elas, há empregos da medial que não condizem com a forma de operação de sua língua nativa. Muitas dúvidas, de fato, surgem acerca do emprego da voz média, não só pela sua relativa distância para com uma equivalência com uma língua moderna, mas também pela versatilidade de seu emprego, que, muitas vezes, dificulta criar uma intersecção que possa ligar as várias formas de se empregá-la.

Um estudante de grego, ainda em estudos iniciais da língua, provavelmente identificará as diferenças das construções das vozes verbais diante da presença de diferentes desinências assinaladas morfologicamente, em que dispomos a conjugação do verbo $\sigma\tau\acute{\epsilon}\lambda\lambda\omega$ ¹⁰ (tabelas 1 e 2) no presente do indicativo e no imperfeito do indicativo, em suas formas ativa e média.

⁹ A fim de não irmos de encontro aos trabalhos mais recentes, pensamos na voz média como uma categoria morfologicamente marcada nas línguas clássicas, não nos referindo à questão semântica, abordada por muitos autores nos estudos de línguas modernas, inclusive mencionados no decorrer deste trabalho.

¹⁰ O verbo $\sigma\tau\acute{\epsilon}\lambda\lambda\omega$, uma vez polissêmico, nas vozes ativa e média pode significar *vestir* (algo ou alguém) e *vestir-se*, respectivamente. Curioso ressaltar que, nesse caso, o emprego da média, em termos de tradução, coincide com a construção reflexiva do português. Essa equivalência, entretanto, conforme ressaltamos, limita-se a uma parcela de exemplos da medial.

Tabela 1 - Presente e Imperfeitos ativos

Presente do indicativo ativo	Presente do indicativo médio
στέλλω	στέλλομαι
στέλλεις	στέλλῃ
στέλλει	στέλλεται
στέλλομεν	στελλόμεθα
στέλλετε	στέλλεσθε
στέλλουσι(ν)	στέλλονται

Tabela 2 - Presente e Imperfeitos médios

Imperfeito do indicativo médio	Imperfeito do indicativo médio
στέλλον	στέλλομην
στέλλες	στέλλου
στέλλε	στέλλετο
στέλλομεν	στελλόμεθα
στέλλετε	στέλλεσθε
στέλλον	στέλλοντο

A partir do momento em que se identifica uma distinção morfológica entre elas, qual, então a diferença de significado entre ambas? Nesse sentido, as formas médias, então, encontradas no texto não podem ser substituídas, sem prejuízo de sentido, por uma construção ativa¹¹? Qual seria o motivo para o desaparecimento da voz média nos sistemas linguísticos das línguas modernas? Uma vez existente, em alguns casos, certa proximidade entre voz média e reflexiva, quando não o há, como compreendê-la? Em se tratando de grego antigo, temos uma língua literária, não utilizada para comunicação, cuja manifestação se dá por meio dos textos escritos que chegaram até nós e, por isso, inferimos que as escolhas feitas pelo autor do texto são motivadas linguisticamente¹² e

¹¹ No último capítulo desta dissertação, haverá uma seção destinada à oposição ativa vs média, em que trataremos com maior profundidade a questão de marcação, significado e recorrência.

¹² O conceito de motivação será tratado na seção em que abordarmos a teoria cognitiva.

assinalam para uma distinção que, a princípio, um falante nativo faria das construções verbais, dada a coexistência das três possibilidades de construção da voz verbal grega.

Uma das principais dificuldades de se compreender a categoria "voz" se deve à enorme disparidade entre as categorizações feitas pelos mais diversos estudos. Por exemplo, é comum os autores definirem as vozes verbais como ativa, passiva e reflexiva e a média como um tipo de reflexiva, embora não seja seu único emprego. Entretanto, há estudiosos que incluem a depoente como um tipo de voz, enquanto outros a entendem como aqueles verbos que só existem ou na forma média ou na ativa. O termo *diátesis*, por exemplo, tal qual apresentamos, brevemente, na introdução desta dissertação, ainda gera dúvida quanto ao seu significado, principalmente diante do fato de que há autores que o tratam como sinônimo de voz verbal, e outros que os distinguem. Neste nosso estudo, entendemos *diátesis* tal qual afirmam Vasquez-Yamuza (1999):

A relação entre diátesis e vozes verbais não tem porquê ser simétrica, pode haver mais vozes do que diátesis ou ao contrário. As diátesis se definem umas frente a outras, são alternativas de apresentação de um predicado léxico determinado e, portanto, do estado dos assuntos refletidos. Chamamos conjunto de alternativas a diferenças semânticas do marco predicativo. Essas diferenças permitem, por exemplo, que possamos apresentar a mesma situação como uma ação ou como um processo, variações que supõem um câmbio na configuração do marco predicativo. (p.215)

Num marco predicativo de ação na voz ativa, por exemplo, o sujeito possui a função semântica de agente. No caso de uma ação de manipulação, o segundo argumento será um objeto paciente, de acordo com a tabela 3.

Tabela 3 - Relação sujeitoobjeto na voz ativa

Predicado Ativo	Sujeito Nominativo	Objeto Acusativo
ação	agente	paciente

No caso de um exemplo de um verbo na voz média, um sujeito oracional poderá exercer duas funções semânticas ao mesmo tempo, conforme mostrado na tabela 4.

Tabela 4 - Relação sujeitoobjeto na voz média

Predicado Médio	Sujeito Nominativo
ação	agente-paciente

É nosso objetivo elucidar, ao longo deste trabalho, quais terminologias e definições seguimos, a fim de deixar claro como elas atuam em nossas reflexões. Dessa forma, nas seções em que tratamos especificamente de cada uma das vozes do grego antigo, teceremos comentários acerca da *diátesis* correspondente a cada uma delas, como forma de nos auxiliar na compreensão das fronteiras que as separam. Cabe ressaltar, contudo, que existe uma dificuldade em relação a expressão das *diátesis*, uma vez que o grego antigo não dispõe de morfemas próprio em todos os modos e tempos para as três vozes descritas na língua. Conforme mencionamos anteriormente, a teoria que fundamenta nossas análises e interpretações é a funcional-cognitiva, cujos conceitos devem ser mencionados antes de analisarmos cada uma das vozes verbais gregas.

1.1 O CONCEITO DE VOZ E A TEORIA FUNCIONAL-COGNITIVA

A Linguística Cognitiva é "um modelo bastante recente vinculado à neurociência e à sociolinguística", segundo Abreu (2010), baseado na percepção e na conceituação humana acerca do mundo. A linguagem não é uma faculdade autônoma, mas uma forma de pensar o mundo e o conhecimento da linguagem emerge do uso da própria linguagem. Dentre os grandes temas da Linguística Cognitiva estão a integração conceptual, a teoria dos espaços mentais, a categorização e a teoria dos protótipos, com os quais torna-se possível criar novas abordagens nos estudos linguísticos, inclusive nos de línguas clássicas. Comumente, o conceito de voz está relacionado à transitividade da oração. Por exemplo, para os falantes de português, a rigor, só é possível identificar voz ativa e passiva em construções com verbos transitivos, o que já não ocorre no grego antigo. Para Langacker (1991), as alterações de voz podem ser caracterizadas como codificações de diferentes escolhas de um sujeito oracional; dessa forma, uma construção passiva pode ser tratada como uma expressão marcada por uma configuração especial em que o sujeito esperado é ignorado em favor de um sujeito menos característico. A noção de transitividade e sua importância gramatical foi reconhecida, primeiramente, por Hopper e Thompson, num artigo publicado em 1980¹³, para os quais a categoria transitividade da gramática possui uma estrutura construída sob um protótipo, definido por um grupo de categorias semânticas. Eles esboçam essas características conforme explicitado na tabela 5:

¹³ Tabela extraída de HOPPER & THOMPSON (1980, p.7)

Tabela 5 - Características da transitividade

	Alta Transitividade	Baixa Transitividade
A. Participantes	2 ou mais participantes	1 participante
B. <i>Kinesis</i>	Ação	Não-ação
C. Aspecto	Télico	Atélico
D. Pontualidade	Pontual	Não Pontual
E. Volitividade	Volitivo	Não volitivo
F. Afirmação	Afirmativo	Negativo
G. Modo	Real	Irreal
H. Agência	Agente com alto potencial	Agente com baixo potencial
I. Afetação do objeto	Objeto totalmente afetado	Objeto não afetado
J. individualização do objeto	Objeto altamente individualizado	Objeto não individualizado.

Com efeito, toda oração pode ser enquadrada dentro de um ranque de transitividade, a partir dos traços semânticos que apresentam. Hopper & Thompson (1980), os quais exemplificam a partir das seguintes frases.

- a) *Jerry likes beer* (Jerry gosta de cerveja);
- b) *Jerry knocked Sam down* (Jerry nocauteia Sam);

Quanto maior o número de características semânticas de alta transitividade apresentadas pela oração, mais transitiva ela será. Assim, o segundo exemplo apresenta maior transitividade do que o primeiro, já que apresenta as seguintes propriedades.

- a) *Kinesis*: ação;
- b) Aspecto: télico;
- c) Pontualidade: pontual;
- d) Afetação do objeto: total;
- e) Individualização do objeto: alta, referencial, animado e característico.

Dentre as características enumeradas por Hooper & Thompson (1980), Givón (1984) elege duas de extrema importância para ele: *agência* e *afetação* e, nesse sentido, uma oração transitiva prototípica¹⁴ passa a ser condicionada por dois motivos: a) presença de um agente/causa visível, volitiva e controladora e; b) presença de um paciente/efeito claramente visível no registro do resultado. Para ele, essas duas noções estão fortemente condicionadas pela propriedade oracional de *perfectividade* e a conexão entre elas pode ser descrita como:

¹⁴Em termos gerais, categoria prototípica é aquela que melhor exemplifica determinada categoria. No capítulo 3 desta dissertação, trataremos com mais detalhe essa questão, quando analisarmos os exemplos de voz média coletados em nosso *corpus* de trabalho.

a) Afetação do paciente: "Quanto mais completo é um evento, mais provavelmente o paciente registra ao máximo o efeito da ação."

b) Eficácia do agente: "Quanto mais completo e bem sucedido é o evento, mais provável que o agente seja a causa efetiva, direta e deliberada dessa realização".

Portanto, para Givón, são exemplos de orações prototípicas as seguintes construções do inglês: a) *Mary cuts the meat* (Mary corta a carne); e b) *John destroyed the house* (John destruiu a casa). Todavia, como a noção de transitividade prototípica pode nos auxiliar no estudo da voz média? Essa pergunta nos remete diretamente ao modelo cognitivo proposto por Langacker (1991), cujo esquema será utilizado para esclarecer as diferenças de sentido existentes entre as vozes verbais do grego a partir da seção a seguir.

1.1.1 O Modelo "Bola de Bilhar" de Langacker

O modelo "Bola de Bilhar" consiste em um modelo cognitivo. Segundo a gramática cognitiva, os significados devem ser analisados em relação aos domínios cognitivos, os quais podem ser definidos, consoante Langacker (1987), "como o contexto de caracterização de uma unidade semântica" e, dessa forma, eles podem ser vistos como a base do conhecimento em relação ao qual o sentido de uma expressão pode ser avaliado¹⁵. Um modelo cognitivo pode se apresentar de uma forma mais idealizada ou arquetípica, idealização essa que nos conduz à noção de *modelo cognitivo*, exatamente o que constitui a "Bola de Bilhar", de Langacker, um modelo cognitivo arquetípico que estrutura a concepção que temos acerca dos eventos e que concebe o mundo como contendo objetos que estão em constante movimento, fazendo contato uns com os outros, participando de interações energéticas. A figura 1 representa essa noção.

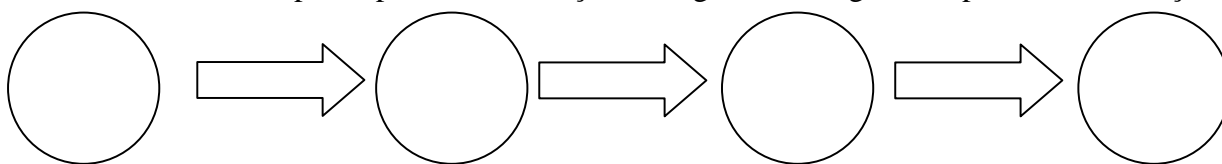


Figura 1 - O modelo Bola de Bilhar de Langacker

Conforme a figura, uma entidade (representada pela bola), carregada com energia, entra em contato com a segunda entidade. O resultado é a transmissão da energia da primeira fonte para a segunda, cuja representação é feita pela flecha. Essa segunda entidade entra em contato com uma terceira e, então, repete-se o processo de

¹⁵ Conforme ressalta Allan (2003), uma unidade linguística invoca múltiplos domínios cognitivos, cujo número não pode ser muito bem delimitado. Essa seria a visão enciclopédica da semântica (em oposição à visão dicionário), na qual afirma-se que não há limite específico entre o conhecimento linguístico e o não-linguístico.

transmissão de energia, que pode continuar de forma ininterrupta, até que uma entidade absorva a energia e passe por uma mudança de estado, o que passa a ser representado na figura 2:

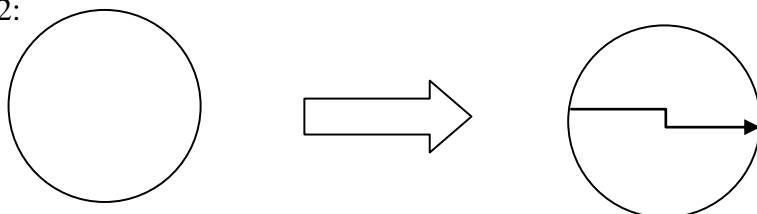


Figura 2 - A transmissão de energia na oração transitiva prototípica

No caso do evento transitivo prototípico, o agente é o início da cadeia da ação e a cauda, o paciente. Esse modelo representa o papel mais prototípico de *agente/paciente*. E assim explica o autor:

O agente arquetípico é uma pessoa que volitivamente inicia uma atividade física, resultando, por meio de contato físico, numa transferência de energia a um objeto externo. Seu oposto é o paciente arquetípico, um objeto inanimado que absorve a energia transmitida via contato físico iniciado externamente e, assim, passa por uma interna mudança de estado. (LANGACKER, 1991, p. 285).

O modelo "Bola de Bilhar" será retomado mais adiante, a fim de explicitarmos as particularidades de sentido presentes nos verbos gregos construídos na voz média. Vale ressaltar que, diante da riqueza e da grande variedade da experiência humana, nem toda oração se enquadra nesses arquétipos. Langacker (1991) descreve o paciente arquetípico como o objeto afetado no evento, porém há uma classe de pacientes que são os objetos criados, os quais não possuem existência prévia, mas surgem a partir do próprio evento, como na frase, *Ela construiu uma casa*. Esses objetos não costumam ser distintos,¹⁶ porém a noção de uma oração transitiva prototípica é importante para as relações gramaticais que envolvem *sujeito* e *objeto*, pois, a partir delas, os papéis semânticos podem ser estabelecidos, os quais são de extrema importância na análise da diferença de sentido na variação de voz nas construções verbais do grego antigo. Em sua lista de papéis semânticos, Langacker (1991), estabeleceu os seguintes:

¹⁶Não é nosso objetivo, contudo, aprofundar nessa questão dos diferentes tipos de objeto que podem não se enquadrar no modelo cognitivo de Langacker (1991). Por hora, as noções apresentadas pela teoria do autor se voltarão ao estudos das vozes verbais do grego antigo.

- *Agente e paciente*
- *Instrumento*: um objeto físico manipulado pelo agente para afetar o paciente e, portanto, servir como um intermediário na transmissão de energia.
- *Experienciador*: uma entidade animada engajada num evento mental.
- *Zero*: uma entidade que meramente ocupa um lugar ou exibe uma propriedade estática.

O próprio autor admite ser essa uma lista inicial, dando margem à inclusão de novos papéis semânticos. Allan (2003) ao aprofundar nos estudos linguísticos do verbo grego, amplia essa lista, acrescentando-lhe as seguintes categorias:

- *Beneficiário*: uma entidade animada que recebe benefício como resultado do evento.
- *Recipiente*: uma entidade animada para cuja posse algo é transferido.
- *Causa*: uma entidade inanimada que causa uma mudança física ou mental em outra entidade.
- *Fonte*: o local a partir do qual se move uma entidade ou, metaforicamente, o estímulo de um processo mental.
- *Objetivo*: o local para o qual uma entidade se move.

A fim de elucidarmos um pouco essas categorias, seguem três frases extraídas da obra *Biblioteca*, de Apolodoro, em que identificamos alguns desses papéis semânticos.

a) [...] Ἡρακλῆς ἔλαβε παρὰ Ἑρμοῦ μὲν ξίφος - [...] Héracles recebeu uma espada de Hermes - Apol. *Biblio.* 2.4.11

Ἡρακλῆς	ἔλαβε	ξίφος
Sujeito recipiente : <i>Héracles.</i>	Verbo: receber, 3ª singular, aoristo do indicativo ativo - <i>recebeu</i>	Objeto direto: <i>espada.</i>

b) [...] Ἡρακλῆς καὶ Φόλον τελευτήσαντα θεασάμενος,θάψας αὐτὸν [...] -
Héracles, após ver Folo morto, enterrou-o [...] - Apol. *Biblio.* 2.5.4

Ἡρακλῆς	θάψας	αὐτὸν
Sujeito agente: <i>Héracles.</i>	Verbo: enterrar, 3 ^a singular, aoristo do indicativo ativo. - <i>enterrou</i>	Objeto paciente: <i>ele.</i>

c) [...] Ἡρακλῆς καθαίρεται μὲν ὑπὸ Θεσπίου [...] - Héracles é purificado por Téspio -
Apol. *Biblio.* 2.4.11

Ἡρακλῆς	καθαίρεται	ὑπὸ Θεσπίου
Sujeito paciente: <i>Héracles.</i>	Verbo: purificar, 3 ^a singular, aoristo do indicativo passivo. - <i>foi purificado</i>	Agente da passiva animado: <i>por Téspio.</i>

Os papéis semânticos, tal qual apresentados nos três exemplos, serão abordados com maior ênfase nas seções sobre as vozes verbais gregas, analisando-os a partir de exemplos contextualizados, com base na *diátesis* correspondente a cada uma delas. Na seção a seguir, trataremos teoricamente das três vozes verbais que contempla o grego antigo, começando pela ativa, seguida pela passiva e concluindo na média.

1.2 A VOZ ATIVA

Conforme mencionamos na seção anterior, uma importante ferramenta para o auxílio dos estudos de vozes verbais é a análise dos papéis semânticos dos sujeitos, os quais nos ajudam a elucidar as diferenças de sentido existentes nas variedades de construção verbal. Para os falantes de português, de maneira geral, uma construção ativa gira em torno de um sujeito *agente* que executa uma ação sobre um objeto *paciente*, sendo o verbo que expressa esse processo, transitivo direto tal como esboçado em frases como: *Maria chutou a bola* e *Paulo devorou o bolo*. Em grego, bastante semelhante ao mecanismo do português, o sujeito da voz ativa configura-se como agente do processo, no entanto o verbo não necessariamente deve ser transitivo direto, conforme apontam os exemplos abaixo:

- a) οἶκοι ἐστὶν ὁ παῖς **O menino está em casa**
 b) τρέχει ὁ παῖς **O menino corre**
 c) τὸ κρέας ἐσθίει ὁ παῖς **O menino come carne**

Nas sentenças (a) e (b) acima, os verbos **ἐστὶν** e **τρέχει** são intransitivos, mas empregam a forma padrão para os verbos gregos que é chamada *ativa*. Das três sentenças, contudo, apenas a terceira possui um verbo *transitivo*, **ἐσθίει** (come). Nesse caso, o termo *ativa* é mais apropriado, porque o sujeito gramatical realiza a ação e o verbo possui um objeto direto, **τὸ κρέας** (carne). Goodwin (1930) reforça essa ideia ao afirmar que na voz ativa, o sujeito é representado como agente como nos exemplos: *τρέπω τοὺς ὀφθαλμούς*, *eu viro meus olhos*; *ὁ πάτερ φιλεῖ τὸν παῖδα*, *o pai ama seu filho*; *ὁ ἵππος τρέχει*, *o cavalo corre*.

Segundo Conrad (2003), essa forma padrão é geralmente chamada de *ativa*, embora essa categorização não seja relevante, a menos que o verbo seja transitivo. Retomando nossas reflexões sobre o conceito de transitividade prototípica, uma oração ativa, tradicionalmente, conta com um verbo transitivo direto e, conseqüentemente um objeto direto, com um sujeito que realiza a ação expressa por esse verbo. Assim, a oração **c.** preencheria todos esses requisitos e, portanto, seria o exemplo que melhor representaria uma construção ativa. O gramático francês Humbert (1964) traz em sua obra explicações bastante pertinentes e aprofundadas acerca das vozes e, muitas vezes, mais completas que muitos outros trabalhos linguísticos. O autor aponta para importantes considerações acerca da voz ativa.

Para a forma, é fácil definir a ativa por suas desinências que, com exceção do perfeito, opõe-na vigorosamente à média: mas é difícil precisar, do ponto de vista da significação, os valores que lhe são próprios. Dizer somente que ela exprime uma atividade ou ação não é mais que indicar a mais aparente de suas características: com efeito, se essa noção é evidente numa construção como *ἔχειν ἵππον* (*ter um cavalo*), ela se atenua notavelmente numa construção intransitiva, como *εὖ ἔχειν* (*portar-se bem*) e desaparece em *εὖ πάσχειν* (*receber os benefícios, ser bem tratado*), que exprime muito bem um estado devido à atividade de um outro, o qual serve, frequentemente, de passiva a *εὖ ποιεῖν* (*fazer o bem*). Notemos que é bastante improvável que

esse mesmo verbo *πάσχειν*, que se liga à palavra *πάθος*, a qual define a passiva, seja de forma unicamente ativa.¹⁷ (p.130)

Por conseguinte, o autor afirma que a ativa exprime, então, quer uma ação que se aplica a um objeto (construção transitiva), quer uma ação que não comporta um objeto (construção intransitiva), quer um estado. Quando um verbo ativo (intransitivo) exprime um estado, aproxima-se, pelo sentido, a um passivo; certos empregos do intransitivo podem parecer, à primeira vista, como transitivos e semanticamente próximos a um médio; enfim, a *ἐνέργεια* (energia) da ativa, que parece mitigar quando o verbo exprime um estado, reforça-se quando a mesma voz assume um valor causativo. Mas se há construções transitivas e intransitivas, nenhum verbo é, por si próprio, transitivo ou intransitivo: tudo o que é possível dizer é que tal verbo comporta normalmente um objeto direto, mas o verbo o mais constantemente transitivo pode sempre ser empregado sem o objeto direto. No grego clássico, em se tratando dessa categoria, duas noções devem ser ressaltadas: *agentividade* e *transitividade*. Esta, embora menos representada, intervém de forma central em variações entre ativa e passiva e ativa e média; aquela, por sua vez, já se faz presente em todas as realizações da ativa. Do ponto de vista da transitividade, Givón (1984) define uma oração transitiva prototípica pela a) presença de um agente/causa visível, volitivo e controlador e; pela b) presença de um paciente/efeito visível, de forma clara, no registro do resultado. Com efeito, o autor afirma que "a *diátesis* ativa apresenta uma ação, no sentido mais amplo da palavra, que se enuncia a propósito de seu agente ou iniciador, que é o tópico do discurso (GIVÓN, 1983, p.9); e é na *diátesis* ativa em que há a união das funções agente e sujeito tópico, a qual passa a ser uma exclusividade da construção ativa.

Se pensarmos no modelo cognitivo proposto por Langacker (1979) para resumir os traços da voz ativa poderíamos eleger esquema representativo da figura 3.

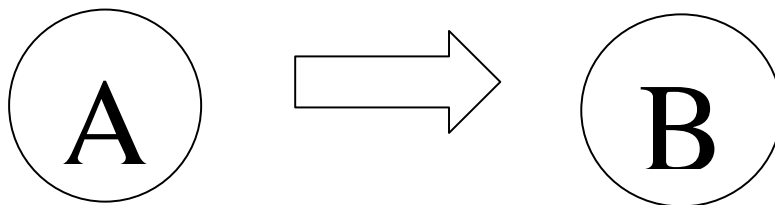


Figura 3 - A voz ativa no modelo cognitivo de Langacker

¹⁷Tradução nossa.

O sujeito, representado por A, tem função de *agente* e incide sobre o objeto *paciente*, representado por B, e o processo expresso pelo verbo fica representado na flecha. Conforme vimos, as construções ativas do grego antigo nem sempre contemplam verbos transitivos direto e, por isso, o esquema de representação acima abarca a construção ativa prototípica. A transitividade envolve uma escala baseada numa série de traços do elemento sujeito, do elemento objeto e do predicado verbal. Estruturas altamente transitivas são aquelas em que há um fluxo de energia progressivo que se encaminha do agente da ação, o qual atua de forma voluntária, até um objeto pré-existente, que não é resultado da ação, individuado, isto é, definido ou diferenciado, possível de se perceber que foi afetado pelo fluxo de energia. Em relação ao elemento verbal, os requerimentos com tendência a ser cumpridos são designar uma ação sem prolongamento indefinido, que tenha seus limites e, além disso, um modo factual, com uma referência específica, com polaridade positiva. Serão menos transitivas, portanto, as estruturas em que falte algum desses elementos como, por exemplo, no caso de uma má diferenciação entre objeto e predicado verbal, ou em que o sujeito não seja conhecido ou humano e a situação designada não seja um feito ou se plante com limites difusos.

Vasquez-Yamuza (1999) são autores da gramática funcional-cognitiva do grego antigo, em que utilizam as novas abordagens da Linguística Cognitiva para tratar das particularidades da categoria *voz*. Acerca da ação transitiva, a tabela 6 reúne os principais traços indicados pelos autores.

Tabela 6 - A ação transitiva do ponto de vista funcional-cognitivista

Predicado Ativo	Sujeito Nominativo	Objeto Acusativo
Ação manipuladora	Agente	Paciente
> fluxo de energia	+ controle	- controle
+ dinamismo	- afetação	+ afetação
+ télica	+ definição	+ pré-existência
+ perfectiva	+ humano	+ definição
+ positiva		
+ factual		
+ específica		

Os autores afirmam que a condição *sine qua non* para que haja uma ação é a apresentação agentiva da situação, isto é, a apresentação do ponto de vista do agente ou

iniciador real ou suposto, já que os predicados de ação constituem como a zona funcionalmente ativa dentro da categoria. A característica básica da ação transitiva é constar de dois participantes, com o que garanta a possibilidade de variações ou alterações da perspectiva desde a que se represente a ação. Nesse sentido, tal como afirmava Givon e mencionado acima, as duas principais noções presentes na configuração dessa categoria são a *agentividade* e a *transitividade*. De maneira geral, essa condição de um *sujeito-agente* é um traço de fácil identificação na maioria das ocorrências de voz ativa, tais como nas frases abaixo:

a) Ἡρακλῆς τοὺς δράκοντας ταῖς χερσὶν διέφθειρε. – Hércules com as mãos **aniquilou** as serpentes. (*Apol. Biblio. 2.4.8*)

b) Ἀμφιτρύων πάλιν ἔπεμψεν αὐτὸν εἰς τὰ βουφόρβια. – Anfitrião o **enviou**, novamente, aos rebanhos. (*Apol. Biblio. 2.4.9*)

c) Ἡρακλῆς τὴν ἔλαφον **συνεδίωξεν** – Hércules **perseguiu** a cervas. (*Apol. Biblio. 2.5.3*)

d) ὁ καπρός τὴν Ψωφῖδα **ἠδίκει** – O javali **devastou** a Psófida. (*Apol. Biblio. 2.5.4*)

Segundo Vasquez-Yamuza (1999), além desse traço do traço *agentividade*, a voz ativa pode ser analisada a partir do predicado, cuja construção, nessa categoria pode envolver três grupos: *manipulação*, *transferência* e *traslado*. Em todas essas categorias há traços fundamentais, porém, cabe ressaltar que elas, embora expressem perfeitamente a *diátesis* ativa, não são uma exclusividade desta. Acerca dessas três possibilidades de sentido na ativa, temos:

a) Na manipulação, um agente que atua sobre uma outra entidade, com ou sem a ajuda de um instrumento, e pode ser expressa em predicados como *fazer*; *destruir*, *degolar*, *matar*, *alterar*, *romper*, *cortar*, dentre outros, exercidos materialmente. Vale lembrar que no caso de verbos como *destruir*, *matar*, *degolar* e *cortar*, o paciente é uma entidade pré-existente; por exemplo:

Ex.1) [...] μίαν τῶν Ἄιδου βοῶν ἀπέσφαξεν. - [Héracles] **degolou** uma das vacas de Hades. (Apol. *Biblio.* 2.5.12)

ἀπέσφαξεν (verbo ἀποσφάζω) 3 ^a p.sg aoristo	Ἡρακλῆς	μίαν τῶν βοῶν
Predicativo ativo	(Sujeito nominativo)	Objeto acusativo
Ação manipuladora	agente	paciente
<i>degolou</i>	<i>Héracles</i>	<i>Uma das vacas</i>

Ex.2) Ἡρακλῆς Εὐρυτίωνα ἀπέκτεινεν - Héracles **matou** Euritião. (Apol. *Biblio.* 2.5.5)

ἀπέκτεινεν (verbo ἀποκτείνω) 3 ^a p.sg aoristo	Ἡρακλῆς	Εὐρυτίωνα
Predicativo ativo	(Sujeito nominativo)	Objeto acusativo
Ação manipuladora	agente	paciente
<i>Matou</i>	<i>Héracles</i>	<i>Euritião</i>

Ex.3) [...] [Ἡρακλῆς] Διὸς Κηναίου βωμὸν ἰδρύσατο - Héracles **construiu** um altar de Cenaio Zeus - (Apol. *Biblio.* 2.7.7)

ἰδρύσατο (verbo ἰδρύσω) 3 ^a p.sg aoristo	Ἡρακλῆς	βωμὸν
Predicativo ativo	(Sujeito nominativo)	Objeto acusativo
Ação manipuladora	agente	paciente
<i>Construiu</i>	<i>Héracles</i>	<i>altar</i>

No caso do terceiro exemplo, verbo *construir*, o paciente não é pré-existente e, por essa razão, Vasquez e Yamuza (1999) também afirmam que o grau de transitividade em orações desse tipo é menor em relação àquelas em que o paciente pré-existe.

b) Na transferência, como um modelo mental básico com uma transitividade alta, há duas entidades, geralmente humanas, e um objeto paciente que se transfere de uma para

a outra. Segundo os autores, há esquemas semânticos bem diferenciados, o da transferência propriamente dita e o da recepção. O primeiro impõe a perspectiva do doador e supõe a presença de um receptor e um paciente. Nesse protótipo, o doador é agente, caracterizado fortemente pelo traço + *controle*. Os predicados que mais recorrem a esse protótipo são os de significado *dar, ordenar, dizer, ensinar, recordar*.

Ex.1) [Εὐρυσθεύς] ἔνατον ἄθλον Ἡρακλεῖ ἐπέταξε ζωστήρα κομίζειν τὸν Ἴππολύτης - Euristeu **ordenou** a Hércules como nono trabalho capturar o cinturão de Hipólita - (Apol. *Biblio.* 2.7.9)

ἐπέταξε - verbo ἐπιτάσσω 3 ^a p.sg aoristo	Εὐρυσθεύς	ἄθλον	Ἡρακλεῖ
Predicado ativo	Sujeito nominativo	Objeto acusativo	Objeto dativo
Ação de transferência	Agente	Paciente	Receptor
<i>ordenou</i>	<i>Euristeu</i>	<i>trabalho</i>	<i>A Hércules (a ele)</i>

Conforme assinalado, na frase temos o agente doador *Euristeu*, o receptor, *Hércules*, e o objeto paciente *trabalho* que transfere entre ambos. E como última categoria temos:

c) Traslado¹⁸: envolve predicados de movimento como *trazer, transportar, mover, conduzir* com uma configuração em que juntamente com o agente aparece um paciente com especificações da trajetória (direção, rota, origem etc), podendo esses elementos virem isolados ou juntos.

Ex.1) ὁ δὲ [Ἡρακλῆς] διώξας τὰς [βόας] μὲν συλλαβῶν ἐπὶ τὸν Ἑλλάσποντον ἤγαγεν - Hércules, após capturar as vacas, **conduziu**-as ao Helesponto. (Apol. *Biblio.* 2.5.10)

¹⁸É interessante notar que a voz ativa contempla verbos que indicam traslado, ao mesmo tempo em que inúmeros são os verbos médios que também são construídos nesse sentido. Voltaremos a abordar essa questão no capítulo 4 desta dissertação.

ἤγαγεν - verbo ἄγω 3 ^a p.sg aoristo	Ἡρακλῆς	τὰς [βόας]	ἐπὶ τὸν Ἑλλήσποντον
Predicado ativo	Sujeito nominativo	Objeto acusativo	Objeto ἐπὶ + acus.
Ação de traslado	Agente	Paciente	direção
<i>conduziu</i>	<i>Héracles</i>	<i>vacas</i>	<i>Ao Helesponto</i>

Ex.2) Ἡρακλῆς δὲ Εὐρουσθεῖ δείξας τὸν Κέρβερον πάλιν ἐκόμισεν εἰς Ἄιδου. -

Após mostrar a Euristeu, Héracles **levou** o Cérebro de volta ao Hades. - (Apol. *Biblio.* 2.5.10)

ἐκόμισεν - verbo κομίζω 3 ^a p.sg aoristo	Ἡρακλῆς	τὸν Κέρβερον	ἐπὶ τὸν Ἑλλήσποντον
Predicado ativo	Sujeito nominativo	Objeto acusativo	Objeto εἰς + acus.
Ação de traslado	Agente	Paciente	direção
<i>levou</i>	<i>Héracles</i>	<i>Cérebro</i>	<i>Ao Hades</i>

Assim se completam, do ponto de vista funcional-cognitivo, todas as possibilidades de construção de sentido de um predicado ativo. Vale ressaltar que, de maneira geral, todos eles envolvem uma ação com um sujeito agente e um objeto paciente e a partir desse protótipo surgem as variações de sentido. Vasquez e Yamuza (1999) ainda fazem um comentário sobre a modalidade *experiência*¹⁹, tratando desse traço da seguinte forma:

A experiência é, em grego antigo, um traço a mais que diferencia as atividades específicas do ser consciente: intelectuais e emotivas. Não existem traços específicos para expressar experiências. Pode tratar-se de ações, processos ou existências. O comportamento a respeito à *diátesis* variará segundo se trate de experiências de um tipo ou de outro. Assim, o jogo de vozes se realizará notavelmente bem, sobretudo, no jogo ativa/passiva, se o predicado supõe uma experiência concebida como ação transitiva. (p.227)

¹⁹ Ao longo desta pesquisa, nossa atenção para os verbos cujo significado envolvia alguma experiência, geralmente sensorial, foi exclusiva àqueles construídos em voz média, uma vez que trabalhamos com dois grupos de classificação que envolvem essa categoria. Com efeito, não é nosso propósito aprofundar no traço experiência em predicados ativos e passivos, para tanto cf. Vasquez e Yamuza (1999).

O traço experiência se apresenta, principalmente, no verbos sensitivos, o que nos remete a outra questão: a maioria dos verbos sensitivos em grego podem ou são construídos na forma média, portanto, quando construídos na ativa, há prejuízo de sentido ou total equivalência? Existem, de fato, afinidades semânticas entre a ativa e a média, as quais, muitas vezes, tornam-se estreitas e dificultam uma distinção mais aparente entre elas. Esse fato pode, inclusive, ser precursor de inferências com relação à existência de verbos unicamente ativos ou médios (depoentes). Cabe, contudo, trabalhar essa hipótese a partir da comparação de verbos de mesmo radical. Trabalharemos nesta dissertação com a ideia de que a voz ativa pode ser vista como neutra em relação aos principais traços da voz média e toda essa discussão será feita com mais aprofundamento a partir da seção 1.4, na seção de voz média e se estenderá até o capítulo 4, em que criamos a oposição *ativa vs média*, por meio da comparação de sinônimos e traços distintivos de significado. Na seção a seguir trataremos da voz passiva no grego antigo, elegendo seus principais traços, as afinidades e as diferenças em relação às outras vozes apresentando e analisando alguns exemplos de seu uso.

1.3 A VOZ PASSIVA

De maneira geral, a voz passiva do grego antigo, e também, se pensarmos, na grande maioria das línguas antigas e modernas, configura-se como um sujeito cujo papel semântico é o de *paciente*. Assim a define Goodwin (1930) com base em exemplos apresentados em sua gramática, tais como: *ὁ παῖς ὑπὸ τοῦ πατρὸς φιλεῖται*, *o filho é amado por seu pai*. A passiva possui as mesmas desinências que a média no *presente e pretéritos perfeito, mais que perfeito e imperfeito*, sendo essas formas denominadas *médio-passivas*, às quais cabe um olhar mais aprofundando em relação ao seu significado. Os tempos *futuro e aoristo* possuem desinências diferentes para cada uma das vozes. O sujeito da ativa, *agente*, é geralmente expresso, quando transposto para uma construção passiva, pela preposição *ὑπό + genitivo* e, no caso de um agente inanimado, a construção pode ser feita com dativo. Ainda do ponto de vista dos gramáticos, Humbert (1964) aponta para o surgimento da voz passiva como uma inovação do grego, cujo mecanismo se assemelha ao que encontramos, hoje, nas línguas modernas e afirma:

O verbo indo-europeu que se colocava no ponto de vista da *ação* (ativa) ou do *agente* (média) sentia pouca necessidade sem dúvida de ter uma formação independente da *passiva*: somente algumas raízes, em certos tempos como o

perfeito de forma média, podiam receber um sentido passivo, como em sânscrito *Dadé - ele é (ou foi) dado*. A criação de um passivo com o auxílio das desinências médias é uma criação do grego: a inovação respondia, além disso, às tendências gerais, já que ela é produzida noutras línguas de modo comparável. De fato, a passiva não é simplesmente, como tendemos a acreditar, o contrário da ativa: se essas duas frases *Pierre ama Paulo* e *Paulo é amado por Pierre* são logicamente equivalentes; a primeira corresponde a um tipo fundamental, ao passo que podemos assistir, mesmo em grego, ao desenvolvimento progressivo da segunda. Em particular, na expressão de *agente responsável pelo estado sofrido* não há nada de indispensável, falta normalmente a certos temas, como aquele do *perfeito* que desempenhou precisamente um papel importante na constituição da passiva²⁰. (p. 135)

Consoante Conrad (2003), quando um verbo transitivo possui um objeto direto, como na sentença “*O garoto come carne*”, a oração pode ser convertida numa forma *passiva*, na qual o objeto direto da oração original torna-se o *sujeito* na nova oração e o *verbo* da oração original é reformulado, normalmente, com o auxiliar “ser” e o pretérito do verbo. A sentença “*Carne é comida*” ou “*Carne está sendo comida*” alterna o foco entre a pessoa realizando a ação e a pessoa ou coisa que se submete à ação. Isso, numa oração passiva, é o que costumamos chamar de um sujeito gramatical *recipiente* ou *experiente* da ação ou do processo indicado pelo verbo. Quanto a esse aspecto, cabe ressaltar que afirmar, simplesmente, que numa oração transitiva direta em voz ativa, a passiva se constrói a partir da inversão de papéis entre sujeito e objeto se aproxima mais de um recurso didático e de mecanismo formal, desconsiderando todas as possíveis nuances de significado capazes de surgir nessa mudança. É importante lembrar que o agente da passiva pode ou não ser expresso, algo de muito significado do ponto de vista discursivo, uma vez que pode, por exemplo, representar uma omissão de responsabilidade ou preservação da face por parte do enunciador. As alternâncias de sentido que acompanham a transposição *ativa/passiva* foi abordada em importantes estudos linguísticos, como em Lyons (1979); Hillari (1978), Fiorin (2003), dentre outros, de modo que esse assunto não será abordado com maior ênfase neste trabalho.

Se pensarmos no esquema de representação para o sentido da voz passiva, baseado no modelo cognitivo de Langacker, teremos o que é demonstrado pela figura 4.

²⁰Tradução nossa, grifo do autor.

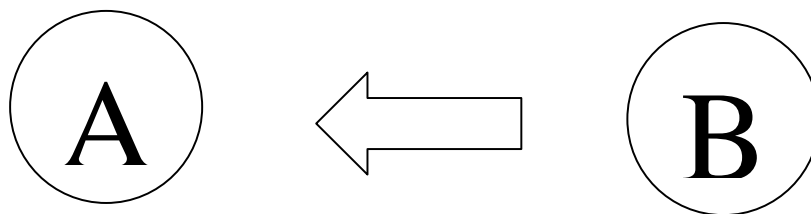


Figura 4 - A voz passiva no modelo cognitivo de Langacker

Nesse esquema, o sujeito A é *paciente* e sofre a ação representada pela seta. A entidade B pode ser considerada o agente/causa, nem sempre explícito na oração. Ao longo de nossa pesquisa, exemplos de construções passivas, embora recorrentes, não se mostraram muito frequentes nas narrativas de Apolodoro. No entanto, os exemplos resumem bem o que chamamos de protótipo passivo, isto é, aquele em que o sujeito, na oração, configura-se como *paciente*, tal como em:

a) ἐδιδάχθη δὲ Ἡρακλῆς ἀρματηλατεῖν μὲν ὑπὸ Ἀμφιτρώωνος - *Héracles foi ensinado por Anfitrião a conduzir o arado.*

b) ἐδιδάχθη δὲ Ἡρακλῆς παλαίειν δὲ ὑπὸ Αὐτολόκου - *Héracles foi ensinado por Autólico a lutar corpo a corpo.*

c) ἐδιδάχθη δὲ Ἡρακλῆς τοξεύειν δὲ ὑπὸ Εὐρύτου - *Héracles foi ensinado por Êurito a atirar com o arco.*

d) ἐδιδάχθη δὲ Ἡρακλῆς ὀπλομαχεῖν δὲ ὑπὸ Κάστορος - *Héracles foi ensinado por Castor a combater.*

e) ἐδιδάχθη δὲ Ἡρακλῆς κιθαρωδεῖν δὲ ὑπὸ Λίνου - *Héracles foi ensinado por Lino a tocar lira.*

f) Ἡρακλῆς καθάιρεται μὲν ὑπὸ Θεσπίου - *Héracles é purificado por Téspio.*

g) ὁ Ἡρακλῆς εἰς Τίρυνθα ἦλθε, καὶ τὸ προσταπτόμενον ὑπὸ Εὐρυσθέως ἐτέλει - *Héracles foi para Tirinto e realizou o que fora ordenado por Euristeu.*

Note que nas orações acima, os verbos apresentam as desinências passivas, concordando com o sujeito que sofre a ação expressa por esses verbos, sendo, portanto, um *sujeito-paciente*. Como em português, a exigência para uma construção passiva é um verbo transitivo em que o foco passa a incidir nesse sujeito. Conforme salientamos, há formas denominadas médio-passivas, sobre as quais Conrad (2003) faz menção em seu estudo, apontando expressões que ele denomina nem ativas nem totalmente passivas, tais como:

a. κείρεται ὁ παῖς.

O menino corta o cabelo (= tem seu cabelo cortado)

b. ἐγείρεται ὁ παῖς καθ' ἡμέραν πρῶτὴ τῆ ὥρα τῆ πρώτῃ.

A cada dia, o menino acorda na primeira hora da manhã.

c. βαπτισθήσεται αὔριον ὁ παῖς.

O menino será batizado amanhã.

Em cada uma das três sentenças, o verbo grego é formulado numa forma de voz que não é exclusivamente nem ativa, nem passiva. Os verbos na sentença **a** e na sentença **b** são tradicionalmente classificados como médio-passivos, enquanto o verbo da sentença **c** é tradicionalmente classificado como passivo. Todos esses verbos, na verdade, segundo o autor, pertencem a um morfoparadigma²¹ que possui flexibilidade no sentido verbal e podem flutuar entre noções intransitivas de entrar num estado, condição ou atividade e noções transitivas indicativas de ações sendo realizadas por um sujeito gramatical. É o que é chamado no grego de *média-passiva*²², uma categoria gramatical que normalmente oferece dificuldade para sua compreensão. É importante lembrar que o morfoparadigma é flexivo, nem *passivo*, nem *médio*, mas *médio – passivo*, e indicativo do fato de que um sujeito gramatical entra num novo estado, condição ou ação, seja por vontade própria ou devido a um estímulo externo ou causa ou espontaneamente.

Do ponto de vista funcional-cognitivo, Vasquez-Yamuza (1999) tratam da *diátesis* passiva da seguinte forma:

²¹ Termo criado pelo próprio autor e que se refere a um paradigma conjugacional de um sistema verbal. É consistentemente usado para retratar uma categoria distinta ou combinação de categorias de informação verbal.

²² *Médio-passiva* é uma das classificações utilizadas por Allan (2003) que será debatida e analisada, em especial, no capítulo dois desta dissertação.

A *diátesis* passiva tem como traço central tratar-se de apresentações não agentivas, reduz-se ou elimina a importância dos elementos dos quais habitualmente parte o fluxo de energia e se potencializam elementos cuja função semântica genérica é a meta do fluxo de energia. Tal como se percebe, há uma proximidade importante com o esquema que apresentam os processos. Mas o peculiar da *diátesis* é que apresenta marcos alternativos de um mesmo predicado léxico. Nesse caso, a alternância mais relevante se produz entre ações e processos. A apresentação *desagentiva* (não agentiva) leva acoplada uma série de traços que são mais dominantes em alguns protótipos que em outros. Os traços são: ausência de controle do elemento sujeito, afetação e fluxo de energia ou dinamismo. Os protótipos são dinâmicos, estáticos, facilitadores e impessoais²³. (p.255)

A gramática funcional-cognitiva do grego antigo elege a possibilidade de quatro protótipos para o emprego da passiva, dentre as quais temos:

a) A passiva como processo (protótipo dinâmico), de caráter menos estático, em que ocorre uma apresentação não agentiva de um evento, isto é, um processo. Nesse marco predicativo processado, é comum a presença de um satélite que pode ser agente/causa. Por exemplo:

Ex1) ἀλλὰ τοῦναντίον πολὺ μᾶλλον ἀλίσκεσθαι διὰ ταῦτα- Por outro lado, é mais uma razão para que você **seja condenado**. (Demóstenes, *Discu.* 23 99)

b) Protótipo estático, em que, para o paciente, são importantes as noções de *agente* e *ação*, presentes na *diátesis* ativa. O foco incide no efeitos da ação com apresentação estática, com predicados muito próximos ao sentido existencial. É o protótipo de menor transitividade, recorrente em construções de tempos verbais não cinéticos, como *presente* e *perfeito*; o sujeito pode ser pouco definido ou pouco individuado e a tendência é não apresentar o satélite causa/agente. Ademais, segundo Vasquez-Yamuza (1999), nesse protótipo, em termos de morfologia, as predicacões são construídas com muita frequência por meio de verbos no perfeito e no particípio, este último, pelo caráter adjetivo nesses ocasiões, acaba por diminuir a expressão de ação.

²³ Tradução nossa.

Ex1) [...] ὀργισθέντα τὸν θεὸν ἀγριῶσαιτὸν ταῦρον - [...] **Tendo sido enfurecido**, o deus tornou o touro selvagem. (Apol. *Biblio.* 2.5.7)

Ex2) [...] καὶ εἴ ποτε μιγεῖσαι γεννήσειαν, τὰ θήλεα ἔτρεφον, καὶ τοὺς μὲν δεξιούς μαστοὺς ἐξέθλιβον, ἵνα μὴ **κωλύωνται** ἀκοντίζειν [...] - [...] se, após uma relação sexual, dessem à luz uma menina, criavam-na, e esmagavam o seio direito, para que não **fossem impedidas** de usar a lança [...] (Apol. *Biblio.* 2.5.9)

c) Passiva Facilitadora: um emprego de passiva menos recorrente no grego antigo, segundo Smyth (1920), porém com alguns exemplos na língua. Do ponto de vista do sentido, essa construção se aproxima das construções do português do tipo *Ele se deixou levar pela emoção; Deixou-se impressionar pela revelação*. Ademais, outros exemplos de passiva facilitadora envolvem construções com o verbo no imperativo, o que sugere a presença de um agente e torna comum o uso de satélites agente/causa; de maneira geral, os grupos de predicados facilitadores poderiam ser parafraseados por construções como: *aceito que, não tolere eu que* etc.

Ex1) [...] Δαυεὶδ [...] τοῦ ὀρισθέντος υἱοῦ θεοῦ ἐν δυνάμει [...] - David, que **foi declarado** filho de Deus em poder [...] (Novo Testamento, *Romanos* 1)

d) Passiva Impessoal, cuja ênfase está no próprio processo verbal, geralmente formalizada em predicções de *diátesis* e morfologia passivas em frases em que não há a presença de um sujeito. É nessa construção que ocorre toda a perda de transitividade da frase, ou seja, torna-se difícil diferenciar a ação do resultado da ação ou processo e processado. O predicado precisa estar na terceira pessoa, singular ou plural, algo pouco comum no grego antigo.

Ex1) καὶ “Βαβυλῶν ἡ μεγάλη” ἐμνήσθη ἐνώπιον τοῦ θεοῦ [...] - A grande Babilônia **foi lembrada** aos olhos de Deus [...] (Novo Testamento, *Rev.* 16)

Por fim, sobre a passiva impessoal, Vasquez e Yamuza (1999) alertam para a predicção com sujeito correferente (zero), ao qual se aproxima o sujeito *causal*, um tema de uma experiência verbal. Nesse caso, faltam participantes animados implicados

no evento, falante e receptor, sem insistência na experiência. Nessas construções passivas o tema da experiência é promovido à posição de tópico; são impessoais no sentido que os participantes pessoais foram retirados da situação.

Ex2) Ὁς ἐφανερώθη ἐν σαρκί, / ἐδικαιώθη ἐν πνεύματι, / ὤφθη ἀγγέλοις, / ἐκηρύχθη ἐν ἔθνεσιν, / ἐπιστεύθη ἐν κόσμῳ, / ἀνελήμφθη ἐν δόξῃ. - Deus²⁴ foi revelado em carne / justificado no espírito / contemplado por anjos / **proclamado** em nações / confiado no mundo / recebido com glória. (Novo Testamento, 1 *Timóteo* 3)

O fato de a formação da passiva ser posterior à média nos remete a algumas questões cujas respostas, *a priori*, não parecem ser tão imediatas. Uma vez que essa construção se utiliza, em alguns tempos verbais, das mesmas desinências que a média, até que ponto podemos sugerir, então, uma proximidade de sentido entre ambas em alguns contextos, visto, inclusive, que existe a chamada construção *médio-passiva*? Sendo assim, embora a falta de uma estrutura morfológica, obviamente, não impeça a existência de um sentido passivo, o surgimento posterior dessa categoria nos sugere, aparentemente, uma necessidade criada pelos falantes e registrada pela gramática; como, então, o sentido passivo era construído numa oração em que essa categoria não existia do ponto de vista morfológico? Se pensarmos que a voz média desapareceu no grego moderno, como nas línguas modernas em geral, permanecendo a passiva, que justificativa poderia ser criada para esse fato e seria possível identificar essa transição numa análise textual diacrônica? Essas questões demandam uma análise aprofundada e embasada, a fim de se obterem respostas mais contundentes. Algumas inferências e suposições serão feitas ao longo deste trabalho, porém aprofundar nessas indagações torna-se uma tarefa para pesquisas futuras e essa abordagem não será possível, por hora, nesta dissertação. Na seção a seguir, daremos início ao estudo da voz média, a qual será objeto principal de análise no decorrer deste trabalho.

1.4 A VOZ MÉDIA

Nesta seção, damos início à abordagem teórica que se volta, especialmente, ao estudo da voz média do grego antigo, principal objeto de análise desta dissertação, que terá continuidade nos capítulos seguintes com a apresentação de classificações para seu

²⁴ Na tradução, o termo Deus refere ao pronome relativo Ὁς, que aparece na frase grega, retomando Deus, anteriormente citado.

emprego, além da exposição e análise das ocorrências encontradas na obra *Biblioteca*, de Apolodoro. Devemos ressaltar que, procuramos apresentar um panorama dos estudos linguísticos acerca da voz média, tanto no grego antigo quando em outras línguas, com o objetivo de apresentar cada passo dado pelas mais diversas pesquisas e como linguistas ora divergem ou ora convergem para um pensamento em comum a respeito dessa construção da voz verbal. Por esse motivo, muitos estudos serão citados aqui, na maioria das vezes seguindo uma crescente cronológica, já com as gramáticas histórias anteriormente citadas na introdução, passando pelos estudos apresentados no século XX, culminando em trabalhos mais recentes, elaborados nos últimos vinte anos. Conforme salientamos anteriormente, quando pensamos em voz média grega, a primeira distinção feita em relação à ativa refere-se ao ponto de vista morfológico, já que ambas apresentam formas distintas. Os dicionários de grego, por sua vez, quando diante da possibilidade de um verbo com formas ativa e média, apresentam as diferenças de significado entre ambas, algumas vezes com exemplos contextualizados, sem, contudo, aprofundar na questão, o que nem sempre satisfaz a dúvida do estudioso. Se estamos diante de um verbo, com forma ativa e média e sentidos diferentes, resta a pergunta: por que essas formas coexistam e em que consiste essa diferença? Embora haja sinônimos, a coexistência de três vozes verbais, especialmente ativa e média, sugere-nos que os autores, e possivelmente os falantes, tornavam essa escolha motivada, de modo a ser possível encontrar uma sistematização para a alternância dessas ocorrências.

A medial grega é um questão que gera dificuldades para o aluno, em sua compreensão, como para o professor, ao ensiná-la. Os materiais didáticos de grego clássico, em sua maioria, não costumam trazer abordagens aprofundadas acerca da voz média, apenas acusam sua existência, indicando algumas formas de uso; porém o maior enfoque se dá em seu aspecto morfológico. A escassez de trabalhos com esse enfoque, pelo menos em português, resulta nessa dificuldade de se compreender a voz média, acarretando em problemas futuros como, por exemplo, em traduções, uma vez que, quando lidamos com uma língua estrangeira, o aspecto cultural, relacionado a uma visão de mundo, está intrínseco à língua e as escolhas linguísticas não são feitas por acaso. Normalmente, atribui-se à voz média uma fala de um sujeito que tem interesse na ação que se propõe a realizar, ou a função reflexiva que conhecemos, por exemplo, na língua portuguesa. No entanto, essas duas definições, mesmo que enquadradas em determinadas aplicações da medial, não são capazes de abarcar o variado leque de seu uso. Goodwin (1930), por exemplo, resume três empregos de voz média, sendo eles

classificados como a) um sujeito que age sobre si próprio; b) um sujeito que age para si próprio ou com referência para si e c) um sujeito que age num objeto que lhe pertence. Em seguida o autor afirma que a média, por vezes, não diz nada além do que é dito na construção ativa e, em seguida, alega a importância da distinção de significado entre as duas construções. Wackernagel (1900) nos lembra que os gramáticos indianos, quando definiam a oposição das vozes ativa e média no sânscrito, definiam-nas como *parasmaipadam* (palavra/mensagem para um outro) e *atmanepadam* (palavra/mensagem para si mesmo), respectivamente. Essa definição, embora simples, abarca muitos dos empregos da voz média no grego antigo, tal qual será apresentado no capítulo dois.

Os estudos acerca da voz média variam em relação à abordagem utilizada pelos autores que os propõem. Existem trabalhos voltados para o sistema médio em línguas modernas, outros que abarcam estudos comparados entre sistemas médios e reflexivos e, de maneira geral, a quantidade de trabalhos em que há o emprego de novas teorias da linguística para estudo das clássicas é pequena. Diante de uma categoria verbal de difícil classificação, com construções passivas, transitivas, intransitivas e reflexivas, a voz média chamou a atenção dos mais diversos estudiosos, que buscaram, por meio de variados escopos, definir essa diversidade, na tentativa de estabelecer o sentido central da medial, mesmo que, diante dessa versatilidade, fosse de caráter mais abstrato. Um dos primeiros estudos que remete à abordagem sobre a voz média é o de Kühner e Gerth (1898), que afirma:

A forma medial designa um ato/atividade de fala/expressão, a qual parte do sujeito e retorna para ele próprio. Essa atividade de fala, que parte do sujeito e a ele retorna, pode estar ou simplesmente limitada ao sujeito, como em: βουλευομαι, *eu me aconselho*, λούομαι, *eu me lavo*, ou a um objeto de sua esfera, (...), como em ἐκοψάμεν τήν κεφαλήν, *eu bati na minha cabeça*, κατεστρεψάμην τήν γῆν, *eu subjuguei o território*²⁵ (...). (p.100)

Essa definição chama bastante atenção principalmente pelo fato de diferenciar-se tanto das definições de outros autores, surgidas posteriormente. No entanto, até certo ponto há uma proximidade para com as teorias contemporâneas acerca da voz média, tal qual a de *Startingpoint/Iniciator* (*ausgeht*, na citação), como também a de *Endpoint* (*zurückgeht*) na cadeia de ação, conceitos esses que serão abordados ainda nesta seção.

²⁵Tradução nossa.

Vale ressaltar que a definição de Kühner e Gerth tratam da voz média em seu sentido restrito, ou seja, excluem a categoria médio-passiva. Muitos estudos, principalmente os de sintaxe gerativa, utilizaram o termo *construção média* para designar um par alternativo em que o membro derivado designa uma situação genérica com um sujeito *paciente* e um *agente* implícito. Nos estudos linguísticos mais contemporâneos acerca das vozes verbais, algumas formulações mais familiares acerca do sentido da voz média são:

- a) "A voz média denota que o sujeito está, de alguma maneira especial, envolvido ou interessado na ação do verbo." (GILDERSLEEVE 1900, p.64);
- b) "Verbos (...) que têm posição na esfera do Sujeito, nos quais o Sujeito todo parece participante/implicado²⁶" (BRUGMANN 1903, p.104)
- c) "Na voz ativa, os verbos denotam um processo que se realiza a partir de um sujeito e sem ele; na média, que é a *diátesis* a definir por oposição, o verbo indica um processo em que o sujeito é o foco; o sujeito está no interior do processo." (BENVENISTE 1966, p.172);
- d) "Em indo-europeu e em grego, as desinências médias indicam que o sujeito está interessado de uma maneira pessoal no processo." (MEILLET 1937, p.244).
- e) "As implicações da média (quando em oposição com a ativa) são que a ação ou estado afeta o sujeito do verbo ou seus interesses." (LYONS 1969, p.373).

Nessas definições, a princípio, há dois empregos da média, os quais serão debatidos no capítulo dois: a média reflexiva direta (especialmente a de Gildersleeve e Meillet, voltadas para a questão do interesse do sujeito oracional) e a média recíproca, que envolvem mais as construções passivas e intransitivas da média (ressaltada por Brugmann (1903) e Benveniste (1966), com a noção de que o sujeito todo participa e que está interno ao processo). A definição de Lyons é a que mais se aproxima daquelas tratadas nas teorias mais contemporâneas, já que abarca os dois sentidos, o passivo (afeta o sujeito) e o sentido indireto reflexivo (seus interesses). A definição de Meillet, por outro lado, é a mais comumente utilizada, principalmente, em gramáticas e métodos de ensino do grego antigo, atribuindo à média a noção de interesse por parte do sujeito, sendo que esse traço, embora existente em alguns casos, não é único e nem sempre tão evidente. Esse é, inclusive, o raciocínio seguido por Humbert (1964), ao afirmar que na

²⁶ Tradução nossa.

voz média exprime que "a ação realizada possui aos olhos do sujeito uma significação pessoal, o que significa que a ação se refere, quer ao sujeito ele mesmo, quer àquilo que constitui sua própria esfera". Lyons usa o verbo *afetar* num sentido amplo o bastante para ser aplicado a todos os sentidos da média. É esse amplo sentido de *afetar* e *afetação* de que se utiliza Allan (2003) para caracterizar o principal traço que une os diferentes empregos da medial no grego antigo, o qual também adotamos como principal característica dos empregos de voz média encontrados em nosso *corpus* de trabalho. Vale lembrar que interpretar *afetar* e *afetação* num sentido restrito, equivalente ao termo antigo *πάθος*, acarretará problemas, uma vez que *πάθος* refere-se à passividade, assim como *ἐνέργεια* refere-se à atividade.


Barber (1975) fez uso da definição de Lyons e apresentou o seguinte esquema, que busca resumir as implicações semânticas das vozes ativa e média no grego:


ATIVA vs MÉDIA²⁷

ATIVA (não há setas que retornam ao sujeito)

Ativa Simples (*Plain Active*) SS →

MÉDIA (com setas que retornam ao sujeito)

Full Middle SS 

Reflexiva (*Reflexive*) SS 

Recíproca (*Reciprocal*) SS 

Passiva (*Passive*) SS ←

Para Barber (1975), SS quer dizer sujeito oracional, enquanto a seta aponta para a direção da ação, resultando em afetação. Conforme assinalamos, no capítulo dois trataremos das classificações de voz média do grego, segundo Allan (2003), porém já podemos adiantar que a *média completa* (Full Middle), de Barber, possui um sentido próximo ao da Média Reflexiva Indireta, de Allan, e, para o primeiro autor em questão, "a ativa representa o caso em que o sujeito não é especificado como afetado pela ação, enquanto a média reúne todos os casos em que isso ocorre". Barber credita à média a noção de *afetividade do sujeito* em seu sentido mais amplo, de forma a contemplar tanto

²⁷ Extraído de BARBER, 1975, p.42

o papel de *paciente* (tal como ocorre na passiva, reflexiva e recíproca), bem como o traço de afetação em que o sujeito é similar ao objeto indireto (como na média reflexiva indireta). Como arquétipo, o verbo numa oração transitiva prototípica possui um sujeito-agente que volitivamente inicia uma atividade física resultando numa transferência de energia a um objeto-paciente que absorve a energia e, então, sofre uma interna mudança de estado. O verbo nessa construção está na voz ativa. Os diversos empregos de voz média classificados pelo fato de portarem o traço *afetação do sujeito* serão apresentados no capítulo dois, por meio dos exemplos contextualizados. Como, porém, a noção de *afetação do* sujeito, pode ser identificada numa frase? Quais os mecanismos de sentidos a que podemos recorrer, a fim de identificar esse traço? A fim de elucidarmos essa questão, torna-se adequado retomarmos o conceito de transitividade prototípica estabelecido por Langacker (1971). Vejamos as frases:

- a) Ele abriu a porta
- b) A porta abriu facilmente.
- c) A porta abriu de repente.
- d) A porta foi aberta.

A oração transitiva prototípica não marcada (a) possui um agente sujeito, o objeto paciente e um verbo na voz ativa. As outras orações partem desse protótipo de uma maneira crucial: o *paciente* é codificado como sujeito. As orações b) e c) estão, formalmente, na voz ativa, mas designam apenas a participação do paciente. Em b) o advérbio facilmente implica os esforços de um agente não específico, que são facilitados pelas próprias características do paciente-sujeito (a porta). Em c), a referência implícita a um agente não é saliente e pode estar completamente ausente. Orações como b) e c) são chamadas, às vezes, de *diátesis* média, uma vez que estão formalmente na voz ativa (pelo menos em português), embora, semanticamente, pertençam ao domínio da média. Na oração d), apesar de o agente permanecer oculto, os esforços de um agente estão implicados. A construção passiva d), portanto, difere de b) e c). Diferente desses exemplos em português, em que se analisa unicamente o sentido médio da frase, no grego, além do sentido, haverá, também, a marcação morfológica. Desse modo, no evento transitivo prototípico, o início da cadeia de ação é o *agente* e sua cauda é o *paciente*. A figura 3, a fim de representar as características da construção ativa, por extensão representa a oração transitiva prototípica. Vimos que, de maneira

geral, o verbo nesse tipo de oração possui um sujeito-agente que volitivamente inicia uma atividade física resultando numa transferência de energia a um objeto-paciente que absorve a energia e, então, sofre uma interna mudança de estado. O verbo nessa construção está na voz ativa. A voz média pode ser definida como um código marcado de partida da transitiva prototípica. Ao contrário desta, o sujeito, de algum modo ou de outro, sofre o efeito do evento. Esse efeito pode ser de natureza física, mental e pode ser direto ou indireto (nesse caso envolve um objeto externo). A representação para essa situação é demonstrada na figura 5.

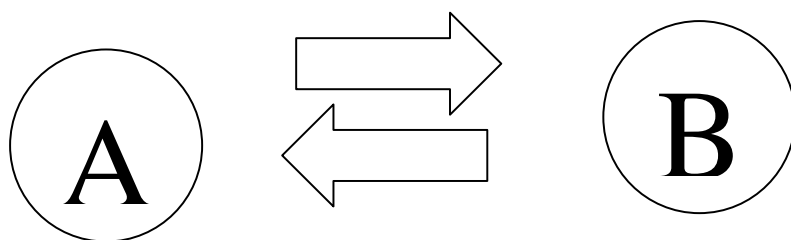


Figura 5 - A voz média no modelo cognitivo de Langacker

As setas representam o processo expresso pelo verbo e, nesse caso, mostram o traço *afetação do sujeito*, principal característica dos verbos construídos na voz média. Em outras palavras, a ação que partiu da entidade A, de alguma forma, teve efeito nela mesma, isto é, de alguma forma A foi afetado pelo processo. Com exceção da construção médio-passiva, todos os outros empregos podem ser esquematizados dessa forma. Em consonância para com essa ideia, Manney²⁸ (2001) ao opor a média em relação ao sentido da construção ativa afirma que:

A construção média foi definida por meio do cruzamento linguístico de acordo com duas propriedades. Primeiramente, nos casos em que a média é o membro de um par transitivo-intransitivo, o objeto direto de uma construção transitiva é entendido como o sujeito da variante média correspondente do mesmo verbo e o agente nominal da construção transitiva não é tipicamente expresso na variante média. Segundo, a construção média tipicamente descreve uma situação genérica ou estado, ao invés de um evento de mudança de estado em que o paciente é afetado. (p.32)

²⁸ Maney (2001) nos apresenta um trabalho bastante completo sobre o sistema médio, porém seu objeto de estudo é a língua grega moderna. seu trabalho foi utilizado com a finalidade de entendermos como a voz média no grego moderno tornou-se uma categoria exclusivamente semântica.

A autora reconhece a existência no grego moderno de categorias semânticas da medial semelhantes ao grego antigo, tais como as de processo espontâneo e as cognitivas (processo mental, perceptiva e atividade mental). Como essas categorias serão retomadas por Allan (2003), especificamente no grego antigo, não aprofundaremos nessa questão por hora.

Um dos mais completos trabalhos acerca da voz média é, sem dúvida, o de Kemmer (1993) em que reúne um importante estudo acerca da voz média em diferentes línguas no mundo, mais especificamente, uma análise tipológica comparada de sistemas médios de trinta línguas. No capítulo dois de sua obra, a autora nos apresenta um inventário contemplando diferentes tipos de voz média frequentemente marcados morfologicamente pelas línguas, nomeando e enumerando treze categorias dentre as quais, por ordem de apresentação e das línguas de ocorrência, temos:

- 1) *Arrumação ou cuidado corporal*: encontrado em línguas como o jola; no latim, *lavor*, no húngaro etc.
- 2) *Movimento de não translação*: nórdico antigo; húngaro, alemão.
- 3) *Mudança na postura corporal*: jola, alemão e húngaro.
- 4) *Média indireta*: grego antigo, turco e latim.
- 5) *Eventos naturalmente recíprocos*: nórdico antigo, húngaro e latim.
- 6) *Movimento translacional*: grego antigo, bahasa indonésio, pangua.
- 7) *Média emotiva*: gugu yimiddhir, alemão, mojave.
- 8) *Atos de fala emotivos*: latim, alemão e grego clássico.
- 9) *Outros atos de fala*: mojave, latim e húngaro.
- 10) *Média cognitiva*: latim, nórdico antigo e mohave.
- 11) *Eventos espontâneos*: changana, turco e nórdico antigo.
- 12) *Média logofórica*: islandês
- 13) *Médias facilitadoras, impessoais e passivas*: canuri, alemão e francês.

Não é nosso objetivo esmiuçar cada uma das definições encimadas, visto que, neste trabalho, seguimos outros critérios de classificação, os de Allan (2003), próximos, de fato, em termos de significado, porém a terminologia por vezes se distancia daquelas que elegemos para nossa análise, sobre a qual teceremos comentários ainda nesta seção e com maior ênfase no capítulo 2. De qualquer forma, em relação a esses critérios estabelecidos por Kemmer (1993), com exceção da média logofórica e a facilitadora,

todas as demais podem ser exemplificadas no grego antigo. Em 1, por exemplo, o sentido é o mesmo que o da Média Reflexiva Direta, empregada por Allan (2003) e, conseqüentemente, também neste trabalho; os usos 2, 3 e 6 se equivalem ao uso pseudo-reflexivo de Rijksbaron (1994), que reúne, quase que exclusivamente, verbos de movimento. A média indireta (4) é a mesma que a média reflexiva indireta no grego. 5, 8, 9 e 10 são os verbos depoentes do grego, tais como: (5) μάχομαι, *lutar*; (8) ὀλοφύρομαι, *lamentar*; (9) μυθέομαι, *falar*; (10) λογίζομαι, *calcular*. O emprego 7 e 11 correspondem ao uso pseudo-passivo de Rijksbaron (1994) (7) φοβέομαι, *temer*; (11) τήκομαι, *derreter*. Em meio a essas classificações, Kemmer (1993) afirma que, embora até certo ponto diversos esses empregos, a propriedade semântica que os une é a relativa distinguibilidade de participantes, afirmando o seguinte:

Relativa elaboração de eventos pode ser pensada como o grau em que diferentes aspectos esquemáticos de uma situação são separados e vistos como distintos pelo falante. Este, efetivamente, pode escolher enfatizar ou não a resolução com que um evento particular é visto, a fim de enfatizar sua estrutura interna a uma extensão maior ou menor²⁹. (p.211)

Essa propriedade, segundo a autora, acaba por englobar a noção de *afetação do sujeito* e, dessa forma, a voz média pode ser disposta numa escala gradativa de dois extremos, entre eventos de dois participantes e de eventos com um participante, conforme representado na figura 6.

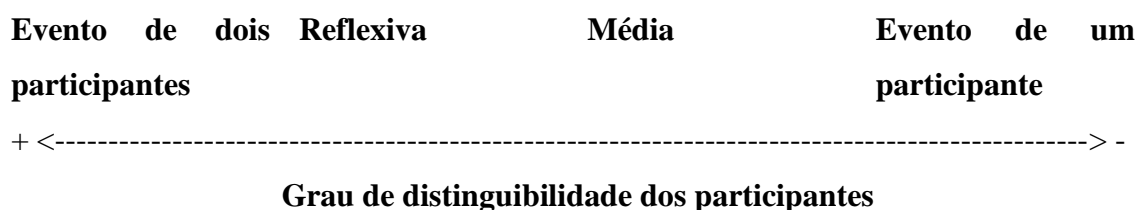


Figura 6 - Escala do grau de distinguibilidade dos participantes

Primeiramente, para Kemmer, as noções fundamentais na interpretação do valor semântico da medial são o *Initiator* e *Endpoint*³⁰. Para a autora, a oração transitiva é o modelo conceptual básico para entender essas noções, as quais são papéis semânticos

²⁹Tradução nossa.

³⁰*Initiator* equivale, em português, à noção de iniciador ou ponto de partida, enquanto *Endpoint* é ponto final ou de chegada. Diante dessas opções de tradução, optamos, neste trabalho, por manter os termos em inglês, remetendo-nos aos originais empregados por Kemmer (1993).

gerais e englobam outros vários, e mais específicos. *Initiator* abarca os papéis que envolvem uma conceituação de “ponto de partida” de um evento, tal como *agente*, *experenciador e fonte mental*. *Endpoint*, por outro lado, engloba os papéis de “ponto de chegada” como *paciente, recipiente e beneficiado*. Uma vez que eles englobam papéis semânticos mais concretos, são chamados de macro-papéis pela autora. A partir dessa definição de marco-papéis, Kemmer, então, define que a voz média por ser classificada como uma categoria de voz que apresenta tanto *Initiator* quanto o *Endpoint*, em concordância com a teoria de Langacker (1979). Em relação ao esquema apresentado na figura 6, nos extremos da escala estão os eventos de um e dois participantes. Este último, para Kemmer (1993) possui participantes bem distinguíveis, sendo os elementos *Initiator* e *Endpoint* entidades totalmente separadas. Num evento reflexivo, a distinguibilidade é menor; o marcador reflexivo (ἐαυτόν, em grego antigo) aponta para uma correferencialidade dos participantes no evento em que ambos são normalmente entidades distintas. Na reflexiva, a separação de dois participantes é, portanto, até certo ponto, mantida. No tipo média os dois papéis, *Iniciador* e *Endpoint*, são reunidos num único participante. Assim, a distinguibilidade de participantes é mínima, embora maior em comparação a eventos de apenas um participante. No caso da média, um certo grau de complexidade interna existe por virtude do aspecto iniciador e afetado que é invocado.

Torna-se adequado, contudo, salientar que especificamente no grego antigo, essa conclusão de Kemmer parece não ser totalmente adequada. Se pensarmos que o principal traço semântico das verbos médios em grego contempla o elemento *afetação do sujeito*, podemos atribuir essa noção à de *Endpoint*. Ocorre que existe uma diferença no sistema médio grego em comparação ao de outras línguas, justamente o fato de na língua helênica o sujeito oracional não equivaler, sempre, ao *Initiator*, visto que a voz média grega contempla também o sentido canônico da passiva. Se pensarmos nas línguas europeias modernas elencadas por Kemmer, cujo sistema medial se originou de marcadores reflexivos, essa diferença se torna bastante pertinente. Nessas línguas, segundo a autora, a categoria prototípica está ligada a ações de arrumação ou possivelmente às do tipo de movimentação corporal, como mudança na postura corporal e movimento translacional e não translacional, ao contrário do grego antigo, conforme salienta Allan (2003), em que os verbos de arrumação são relegados a um emprego de importância inferior, devido à baixa frequência, enquanto que os processos mentais são

o pilar central de emprego da voz média³¹. Novamente, tal como fizemos com o esquema de representação da media com o modelo cognitivo de Langacker (1994), os conceitos *Initiator e Endpoint* podem ser atribuídos como características da voz média, porém não em sua totalidade. No entanto, essas noções são de extrema importância, uma vez que relegam uma quantidade bem menor de exceções à definição, ao contrário de muitas das abordagens da média, que como regra geral, proporcionavam uma enorme quantidade de exceções. Kemmer (1993) ainda nos apresenta importantes reflexões nos capítulos 3 e 4 de sua obra, apontando para os diferentes empregos médios e reflexivos existentes na língua do mundo, os quais, em sua maioria, podem ser exemplificados no grego antigo. A autora descreve, por exemplo, a expansão do pronome reflexivo *se*, ora usado como apassivador, como um processo de gramaticalização, cujo sentido passa de um uso reflexivo direto enfático, como visto em latim, a um sentido médio abstrato nas línguas românicas. Esse processo semântico generalizador está associado a outros acontecimentos de gramaticalização: cliticização (línguas românicas), erosão (perda de substância fonológica); afixação (em surselva) e a distribuição do *se* da terceira pessoa para todas as outras (também no surselva). E assim conclui seu livro no capítulo 6, com um mapa semântico que reúne os tipos de empregos da voz média, baseado nas propriedades semânticas compartilhadas que foram reveladas pelos dados tipológicos e diacrônicos analisados na obra. Tendo esse mapa base numa larga coleção de dados tipológicos, afirma-se que possui validade universal. Em outras palavras, as relações semânticas estabelecidas no mapa são relevantes a todas as línguas.

De maneira geral, a obra de Kemmer (1993) é, talvez, uma das mais completas abordagens a respeito do sistema de voz média nas línguas e suas classificações foram de fundamental importância, a fim de analisarmos os valores semânticos das construções médias do grego antigo. No entanto, uma maior especificidade era necessária e, para tanto, buscamos autores cujos trabalhos possuísem como objeto de estudo a língua grega antiga. Dessa forma, seguindo nossa escala cronológica crescente, no que se refere aos trabalhos linguísticos mais recentes, Vasquez e Yamuza (1999), tal como apresentamos para as vozes ativa e passiva, fazem uma abordagem funcional-cognitiva da voz média grega³², iniciando com a seguinte afirmação:

³¹ A constatação e consequente conclusão de Allan será retomada no decorrer deste trabalho, a fim de avaliarmos se condizem com a coleta e análise de dados feita em nosso *corpus*.

³² Embora Vasquez-Yamuza (1999) e Allan (2003) façam uso de classificações próximas ou, muitas vezes semelhantes, nesta seção mostraremos como a gramática funcional cognitiva resume os empregos,

A *diátesis* média tem como diferença global com a ativa o fato de tratar de acontecimentos encaminhados ou enfocados, parcialmente ou totalmente, em seu agente ou iniciador ou centrados na entidade a que se referem. Há, portanto, dois traços que a caracterizam: *interioridade* e *afetação*. (p.229)

Nesse sentido, os autores trazem uma definição que pode ser entendida como uma ampliação daquela feita por Humbert (1964), de significação pessoal ao sujeito, estendendo essa definição com os conceitos já utilizados por Givón (1984), de *interioridade* e *afetação*. A partir daí, os autores, então, separam seis protótipos para a média, sendo eles:

a) *Médio Interno*, em que há indicação de um sujeito implicado no interior do assunto, isto é, acrescenta-lhe, independentemente de sua função, agente ou processado, uma noção de interioridade e, num predicado de processo, a representação pode ser feita tal como na tabela 7.

Tabela 7 - Protótipo Médio-Interno

Predicado médio	Sujeito nominativo
Processo	Processado
- fluxo de energia	- controle
+ dinamismo	+ afetação
	+ interioridade

E com o predicado de ação transitiva, a representação é indicada pela tabela 8.

Tabela 8 - Ação transitiva no protótipo médio-interno

Predicado médio	Sujeito nominativo	Objeto
Processo	Processado	Paciente
- fluxo de energia	- controle	- controle
+ dinamismo	+ afetação	+ afetação
	+ interioridade	

Esses quadros trazem uma ideia que converge para as reflexões de Kemmer (1993), quando afirma que a *diátesis* média ou se limita a assinalar, codificar, quase redundantemente, as propriedades de um evento, sua interioridade; ou acrescenta o

embora tenhamos em mente que, do ponto de vista didático, as classificações de Allan parecem mais adequadas.

significado *interioridade e implicação do agente* a um evento que por si só não teria traço. O segundo protótipo apresentado por Vasquez-Yamuza (1999) é o:

b) *Protótipo médio afetivo* em que há indicação de um sujeito afetado, conforme resumido na tabela 9.

Tabela 9 - Protótipo Médio-Afetivo

Predicado médio	Sujeito nominativo
Ação	Agente
- fluxo de energia	+ controle
+ dinamismo	+ afetação

Por exemplo: κύων ἐπὶ τὸ πολὺ ἀφίξεται <ἐπὶ> τόπον ὑλώδη ἰχνεύουσα. κατακλίνεται γὰρ τὸ θηρίον ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ εἰς τοιαῦτα - O cão chegará a um lugar com muitas árvores marcadas. Pois a fera se inclina assim em muitos lugares. (Xenofonte, *A Caça* 10).

Ademais, encontramos o terceiro protótipo:

c) *Protótipo médio reflexivo*, cujo exemplo está indicado na tabela 10, expressa também um sujeito afetado por sua própria ação, ou seja, o agente é fonte e meta do fluxo de energia, sendo o traço *afetação* não inerente a todos esses predicados. Por exemplo:

Ex.1) καὶ χειρῶσάμενος [Ἡρακλῆς] τὸν λέοντα τὴν μὲν δορὰν ἠμφιέσατο, τῷ χάσματι δὲ ἐχρήσατο κόρυθι. - Após derrotar o leão, [Hércules] **vestiu-se** com a pele e serviu-se da cabeça boquiaberta como elmo. (Apol. *Biblio.* 2.4.9)

Tabela 10 - Protótipo médio reflexivo

Predicado médio	Sujeito nominativo
ἠμφιέσατο	Ἡρακλῆς
Ação	Agente-paciente
>< fluxo de energia	+ controle
+ dinamismo	+ afetação
- fluxo de energia	+ controle

O protótipo médio reflexivo também é utilizado como uma classificação por Allan (2003). Para Vasquez-Yamuza (1999), a reflexividade é o elemento que distingue

esse esquema dos demais protótipos, isto é, o sujeito é agente-paciente. Enfatizado isso, os autores prosseguem para mais uma classificação:

d) *A média interna*, que conta com um predicado que ocorre no âmbito interno do agente ou entidade processada e, envolve, na maioria das vezes, processos de experiência.

ἀνιαθεὶς δὲ Ἡρακλῆς προσδραμῶν τό τε βέλος ἐξείλκυσε - Héracles, **tendo se perturbado**, após se apressar, retirou a flecha [...] (Apol. *Biblio.* 2.5.4).

e) *A média afetiva*, em que o traço *afetação do sujeito* seja enfatizado, tornando os predicados redundantes, uma vez que essa noção já está implicada nos lexemas, afirmando que são mais comuns em verbos de deslocamento.

πρὸ τοῦ δὲ Ἀμφιτρύωνα **παραγενέσθαι** εἰς Θήβας [...] - Mas antes que Anfitrião **chegasse** à Tebas [...] - (Apol. *Biblio.* 2.4.8)

f) *A média recíproca* que, resumidamente, trata-se de orações com ações de agentividade compartilhada, incidindo em pacientes que ora são agentes da ação.

Exemplos: [...] εἰπούσης δὲ ὅτι τῇ προτέρᾳ νυκτὶ **παραγενόμενος** αὐτῇ **συγκεκοίμηται** [...] – [...] quando ela lhe contou que ele estivera na noite anterior e **dormira** com ela [...] (Apol. *Biblio.* 2.4.8)

g) *A média reflexiva*, cujos protótipos são dois: direto e indireto, sendo este um afastamento do primeiro, em que a reflexividade aparece diluída. Vasquez - Yamuza (1999) distinguem os dois tipos da seguinte forma:

A reflexividade indireta é uma “versão diluída” da reflexividade direta em dois aspectos. Primeiro, o número de participantes. A média reflexiva direta é uma versão reduzida da ativa. Constitui um marco intransitivo derivado de um marco transitivo. Na média reflexiva indireta, ao contrário, a redução do número de participantes a partir do esquema ativo é imperceptível, porque afeta um participante muito periférico, o beneficiário. Segundo, quanto ao conceito de transitividade implicado, na média reflexiva indireta, as noções relevantes de afetação e fluxo de energia que parte do agente e reverte sobre ele próprio são percebidas com menos intensidade e clareza do que na média reflexiva direta. O sujeito agente-beneficiário é indiretamente afetado por sua ação e em menor grau que o paciente. Além disso, a energia que emana dele

é dirigida primeiro para o paciente, somente reverte para ele como um destino mais secundário³³. (p.244)

As classificações de Vasquez-Yamuza (1999) são, provavelmente, as mais completas em comparação ao que apresentam as gramáticas gregas, bem como os materiais didáticos. Quando comparadas com as de Allan (2003), há uma quantidade menor de classificações, número que chama atenção, já que para o autor, existem outros cinco empregos da medial. No capítulo dois desta dissertação, quando tratarmos das classificações de Allan, buscaremos avaliar até que ponto suas categorias abarcam a voz média em toda sua complexidade, se podem ser diminuídas ou, ao contrário, se exigem ampliação. Ademais, cabe ressaltar que a gramática funcional-cognitiva, não deixa claro como o traço *afetação do sujeito* configura-se como marca comum entre os predicados médios, ao passo que a maior ênfase se dá no sentido da construção e não nesse papel semântico do sujeito. De maneira geral, embora entendamos a voz média, primariamente, como uma ação em que, de alguma forma, o sujeito que a realiza é afetado, esse traço não é tão evidente se analisarmos os verbos, isoladamente. Quando inseridos num contexto, os exemplos da medial parecem mais claros, mas há, ainda, a necessidade de uma maior descrição das formas de afetação e como elas justificam o emprego dessa voz verbal. Allan (2003) apresenta um dos mais completos trabalhos de pesquisa de voz média acerca do grego antigo, com base em conceitos semântico-cognitivos e uma abordagem baseada em *corpus*, em que defende a ideia de que essa categoria gramatical pode ser analisada como uma categoria de rede complexa³⁴. Diante disso, tomamos por base para este trabalho as classificações estabelecidas pelo autor, que define a voz média como uma rede polissêmica de significados inter – relacionados que, de maneira geral, expressa ações, estados e processos em que o sujeito passa por uma afetação. Ademais, Allan considera os tipos de uso da medial elencados por Rijksbaron (1994) envolvidos numa relação semântica de forma polissêmica, de modo que em modelos categóricos complexos, essas relações são chamadas de *extensões*, sendo que, embora haja traços semânticos compartilhados por todas, há traços salientes em que se diferenciam. O autor afirma que:

³³ Tradução nossa. Grifos do autor.

³⁴ O termo cunhado pelo autor em questão é de voz média como uma *complex network category*.

De acordo com os modelo básico de uso da gramática, é concebível que um esquema abstrato esteja menos arraigado e seja de importância secundária no uso da língua. No falar e no ouvir, o usuário da língua tende mais a ativar os tipos de uso da média mais concretos do que o superesquema de *afetação do sujeito*. Por exemplo, é plausível que, quando um grego ouvisse a palavra ἴσταμαι num contexto sem um objeto direto ou agente externo, o nó de nível menor da categoria *pseudo-reflexiva*, que especificava que o sujeito passa por uma mudança de estado iniciada por ele mesmo, era ativado primeiramente. O esquema abstrato com a única implicação de que o sujeito é afetado pode ter sido ativado de forma mais amena ou de forma alguma. Claro que essa afirmativa não pode ser testada numa língua morta, como o grego antigo e, portanto, enfraquece meu argumento. (p.27)

Allan (2003) tem por objetivo criar uma mapa semântico que englobe os diferentes usos da voz média no grego antigo. Para isso, as onze classificações estabelecidas por ele para a medial referentes a seu aspecto semântico são:

- a) Média – passiva
- b) Média como processo espontâneo.
- c) Média como processo mental
- d) Média como movimentação corporal
- e) Média como ação coletiva.
- f) Média recíproca
- g) Média reflexiva direta
- h) Média perceptiva
- i) Média como atividade mental
- j) Média como ato de fala
- k) Média reflexiva indireta

A partir das denominações acima, que possuem base em aspectos psicolinguísticos e semânticos, propomo-nos no capítulo dois a esmiuçar cada uma dessas categorias e a fazer a classificação da voz média no *corpus* selecionado, possibilitando uma maior delimitação no amplo leque de seu uso. Tendo em mente essas classificações, passaremos a analisá-la no capítulo 2, explicando as particularidades de uma delas, além de apresentar exemplos contextualizados, tornando possível elencar a frequência de cada uma delas e categoria prototípica da voz média grega.. Antes, contudo, teceremos os últimos comentários deste capítulo acerca dos verbos chamados depoentes que, em grego, são aqueles que possuem somente a forma média.

1.4.1 VERBOS DEPOENTES

Nesta seção abordaremos os verbos chamados depoentes, classificação essa que, inclusive, gera algumas divergências entre alguns estudiosos. De maneira geral, verbos depoentes são tratados como uma classe à parte, o que pode ser justificado pelas divergências semânticas encontradas nesses verbos do grego antigo: por exemplo, ἀγωνίζομαι, *competir*; ἀκροάομαι, *ouvir*; ἄλλομαι, *pular*; βούλομαι *querer*; γίγνομαι *nascer*; *tornar*; δέχομαι, *aceitar*; ἐπίσθαιμι, *saber*; ἔρχομαι, *ir*; εὐχομαι, *rezar*; λογίζομαι *calcular*; πυνθάνομαι, *aprender*; *ouvir*; *inquerir*. Salientam-se as diferenças também do ponto de vista morfológico, se pensarmos que as formas aoristas desses verbos ora são sigmáticas, ora passivas ou mesmo atemáticas³⁵. Conforme mencionamos, na maioria das vezes, os verbos depoentes são citados à parte, em métodos de ensino ou mesmo em gramáticas, o que, a princípio, tornaria essa uma categoria particular. No entanto, as definições acerca dos depoentes se restringem, muito frequentemente, ao fato de essas formas verbais não possuírem um verbo ativo em oposição. Resta a pergunta: os verbos depoentes, embora particulares por não possuírem uma oposição ativa, também são classificados como os demais médios? Segundo Allan (2003), existem problemas na separação dessa classe de verbos. Primeiramente, há um problema quanto ao critério utilizado na análise: de um lado, para verbos médios com oposição ativa, baseia-se no aspecto semântico, por exemplo, a média reflexiva indireta difere pelo traço semântico *sujeito que extrai benefício da ação*, e a forma médio-passiva difere pelo fato de possuir um sujeito, semanticamente, *paciente*. Os verbos depoentes são caracterizados pela não existência de uma forma ativa, critério que se torna ortogonal em relação ao critério semântico utilizado nos verbos médios com oposição ativa. Segundo o autor:

Muitos verbos depoentes são semanticamente muito próximos aos verbos médios com oposição ativa. Não seria, portanto, natural tratá-los como uma classe à parte pela única razão de não possuírem uma forma ativa em oposição. Um bom exemplo é o verbo depoente ἠδομαι, *gostar*, que é semanticamente próximo ao verbo εὐφραναίνομαι, *alegrar-se* (que possui a forma ativa causativa εὐφραίνω, *alegrar*) e o verbo homérico τρέπομαι, *alegrar alguém* (com forma ativa causativa τρέπω, *alegrar*) [...]. Verbos depoentes geralmente fazem a mesma escolha tanto para o aoristo sigmático

³⁵ Para maior detalhes, cf. Allan(2003) cap.3

quanto para o aoristo passivo que as formas médias com oposição ativa do mesmo conteúdo semântico. (p.35)

Exemplos de verbos depoentes em grego antigo classificados por Allan (2003):

- a) Verbos depoentes com sujeito beneficiário/recipiente: δέχομαι *aceitar/receber*; ἐργάζομαι *trabalhar/fazer*; κτάομαι *adquirir*.
- b) Verbos depoentes de movimento corporal: ἄλλομαι *pular*; ἔπομαι *seguir*; ἔρχομαι *ir*; πέτομαι, *voar*.
- c) Verbos depoentes de emoção e cognição: ἄγαμαι *supor*; ἄχθομαι *estar pesaroso*; βούλομαι *querer*; ἔραμαι *amar*; ἥδομαι *aproveitar*; οἶομαι *pensar*; πυνθάνομαι *aprender/ouvir*.
- d) Verbos depoentes de atividades mentais volitivas: λογίζομαι *calcular*; μηχανάομαι, *conspirar*.
- e) Verbos depoentes recíprocos: ἀγωνίζομαι *disputar*; μάχομαι, *lutar*.
- f) Verbos depoentes de percepção: ἀκροάομαι *ouvir*; δέρκομαι *perceber*; θεάομαι *contemplar*; ὀσφραίνομαι *cheirar*; σκέπτομαι *olhar*.
- g) Verbos depoentes de atos de fala: αἰτιάομαι, *acusar*; ἀράομαι, *rezar*; ὀλοφύρομαι *lamentar*; μαρτύρομαι *chamar como testemunha*; μυθέομαι *falar*.

Verbos depoentes com sujeito beneficiário/recipiente são equivalentes aos médios com oposição ativa classificados como reflexivos indiretos. Já os de movimento corporal são equivalentes aos pseudo-reflexivos. Verbos depoentes de emoção e cognição podem se equivaler aos pseudo-reflexivos propostos por Rijksbaron (1994) φοβέω *amedrontar*; φοβέομαι *temer*. Por fim, os verbos de (d) a (g) podem ser incluídos como extensões na estrutura polissêmica dos verbos médios com oposição média que também recebem essa classificação, algo que será tratado com maior detalhe no capítulo 2. Com efeito, em nossa análise, a categoria de verbos depoentes do grego antigo possui, de fato, a particularidade de não apresentar uma forma ativa em oposição; no entanto, essa diferença não se torna motivo suficiente para classificá-la à parte dos demais verbos médios, uma vez que, do ponto de vista semântico, todos apresentam os mesmos traços que os definem como médios e, por conseguinte, podem se enquadrar num mesmo mapa semântico de classificação.

Finalmente, resta uma última questão acerca da voz média, que envolve a abordagem acerca da *valência* dos verbos. Conforme salientamos, seguimos a ideia de

que a voz média apresenta o traço de *afetação do sujeito*, porém, há trabalhos que salientam que a voz média é, na verdade, uma marca de redução na valência, significando que os predicados transitivos são intransitivados pelos morfemas mediais. Segundo Marguilés (1929):

Se assumirmos o fato de que não há um sufixo responsável por tornar intransitivo um verbo, então, não parece muito ousado assumir que a função inicial da média seria a de intransitivar o verbo.³⁶ (p.37)

O problema das teorias que tratam da redução da valência para a voz média grega está justamente ligado ao fato de existirem, nessas línguas, os verbos depoentes e, conseqüentemente, verbos médios sem oposição ativa. Ou seja, esses verbos não podem derivar de um predicado ativo e relegar esses verbos ao léxico seria negligenciar a unificação da categoria voz média. Além disso, muitos verbos médios em grego são transitivos, tal qual sua oposição ativa, o que enfraquece esse argumento. Cabe ressaltar que a maioria dos verbos médios intransitivos são mais frequentes nos textos do que seu correspondente ativo. Em Heródoto, por exemplo, encontramos a distribuição explicitada na tabela 11³⁷:

Tabela 11 - Distribuição de verbos ativos e médios em Heródoto

Verbos ativos transitivos	Verbos médios intransitivos
αἰσχύνω 1	αἰσχύνομαι 3
ἀπαλλάσσω 2	ἀπαλλάσσομαι 86
αὐξάνω 1	αὐξάνομαι 13
ἐγείρω 2	ἐγείρομαι 5
ἔλπω 0	ἔλπομαι 9
ἴζω 1	ἴζομαι 39
ἴστημι 47	ἴσταμαι 85
κῆδω 0	κῆδομαι 7
κομίζω 40	κομίζομαι 26
λείπω 36	λείπομαι 16
λυπέω 6	λυπέομαι 2
μιμνήσκω 0	μιμνήσκομαι 30

³⁶ Tradução nossa.

³⁷ Extraído de ALLAN, 2003, p.38

Verbos ativos transitivos	Verbos médios intransitivos
ὀρμάω 2	ὀρμάομαι 93
παύω 14	παύομαι 45
πείθω 47	πείθομαι 95
πορεύω 0	πορεύομαι 75
σῆπω 0	σῆπομαι 4
στέλλω 9	στέλλομαι 20
τήκω 2	τήκομαι 3
τρέπω 8	τρέπομαι 94
τρέφω 15	τρέφομαι 11
φαίνω 14	φαίνομαι 141
φοβέω 2	φοβέομαι 21
φύω 8	φύομαι 28
φέρω 118	φέρομαι 16
ψεύδω 0	ψεύδομαι 8

Os dados da tabela 11, uma vez que mostram que na maioria dos exemplos a construção média intransitiva é mais frequente do que a ativa, afastam a hipótese de que, então, esses verbos seriam derivados de ativos transitivos. Conforme mencionamos, muitos verbos médios são transitivos o que acaba, portanto, por reduzir a plausibilidade da teoria de redução de valência.

Vimos, neste capítulo, que as gramáticas tradicionais do grego antigo, bem como as teorias linguísticas ao longo do tempo, reconhecem a existência de três vozes na língua grega: ativa, passiva e média. A ativa é definida como portadora de um sujeito *agente* que incide num objeto paciente e, prototipicamente, possui predicados transitivos e uma *diátesis* que pode envolver, do ponto de vista funcional-cognitivo, os protótipos de manipulação, transferência e traslado. A passiva, por sua vez, remete-nos a um sujeito *paciente*, que recebe a ação expressa pelo verbo, cujo agente nem sempre é explícito, e com uma *diátesis* variando entre *dinâmica*, *estática*, *facilitadora* e *impessoal*. Em relação à voz média, a dificuldade de defini-la proporcionou, se pensarmos numa análise diacrônica acerca dos estudos linguísticos, inúmeras tentativas de definições, culminando nas abordagens mais recentes, cujas novas análises e

conclusões também se explicam pelo surgimento das novas ferramentas tecnológicas para o auxílio nas pesquisas linguísticas, tais como os trabalhos baseados em *corpus* que abarcam os aspectos semânticos e funcionais-cognitivos da voz média. Optamos por expor um panorama que resumisse os trabalhos acerca da medial ao longo do tempo, desde as definições dos gramáticos gregos, até os trabalhos de pesquisa linguísticas iniciados no século XX. Percorrido esse caminho histórico, o traço que selecionamos para defini-la é aquele empregado por Allan (2003), que a voz média apresenta o traço de *afetação do sujeito*, contemplando onze diferentes classificações semânticas. A fim de entender como essa noção se aplica no grego antigo, salientamos a importância de se compreender os papéis semânticos dos sujeitos oracionais e também apresentamos o modelo cognitivo "Bola de Bilhar", criado por Langacker (1994), por meio do qual o autor nos mostra como se dá o mecanismo de transferência de energia em orações transitivas. Além disso, expusemos noções de *Initiator e Endpoint*, presentes em alguns estudos e, principalmente, formalizadas por Kemmer (1994); dessa maneira, por meio da transitiva prototípica, pudemos entender como as relações sujeito-objeto diferem no sentido empregado nessas três vozes verbais e, principalmente, como resulta na *afetação do sujeito*, quando tratamos de um verbo médio. Propusemos esclarecer alguns conceitos divergentes nas teorias verbais, tal qual o de *diátesis*, propondo uma definição para esse conceito e mostrando como ela opera nas vozes ativa, média e passiva do grego antigo, de modo a tratar das variantes de sentido que pode existir em cada uma dessas vozes. Ademais, foi dada especial atenção a como as novas teorias linguísticas vêm tratando a questão das vozes verbais, em especial à média, como no caso do trabalho de Kemmer (1994) e, especificamente no grego antigo, a teoria funcional-cognitiva de Vasquez-Yamuza (1999) e Allan (2003). Por fim, abordamos a questão dos verbos depoentes na língua grega, os quais só possuem forma média, sem uma oposição ativa, e como eles devem ser inseridos na categoria voz média, ao invés de serem tratados como uma categoria à parte. Complementando isso, tratamos brevemente da questão da valência, negando que a proposta de que a voz média apresenta uma redução de valência em relação à voz ativa, o que resultaria na perda de transitividade do verbo. A partir do capítulo 2, trataremos das onze categorias semânticas de classificação da voz média propostas por Allan (2003), definindo cada uma delas, analisando sua veracidade para com os exemplos coletados em nosso *corpus*, em busca do mapa semântico da voz média e da categoria prototípica.

Capítulo 2 - Classificação preliminar dos usos da voz média no *corpus* de estudo: uma abordagem semântica

Após a análise das vozes verbais do grego antigo feita no primeiro capítulo, por meio de uma revisão da literatura acerca dos trabalhos de pesquisa que tratam desse tema, culminando numa abordagem mais específica sobre a voz média, principalmente com base na abordagem funcional-cognitiva, neste capítulo serão analisados os empregos contextualizados dos verbos gregos médios, extraídos da obra *Biblioteca*, de Apolodoro, a partir das classificações estabelecidas por Allan (2003), segundo o qual, a voz média grega é uma rede polissêmica de significados inter-relacionados, de modo que a interseção existente entre os diversos usos da voz média é o traço *afetação do sujeito*. Em meio a inúmeras tentativas de definição da voz média, em qualquer sistema linguístico existente, tal qual tratamos no primeiro capítulo, vimos a dificuldade e, por conseguinte, a incapacidade de a maioria das teorias linguísticas abarcar essa categoria verbal em toda sua complexidade. As categorias de Allan (2003), voltadas, especificamente, para o grego antigo, são resultado de um trabalho minucioso e bastante completo e servem como um roteiro de referência para analisar as variantes da voz média.

Neste capítulo, onze seções, num total de quatorze, foram criadas, cada uma contendo uma classificação para o emprego da voz média grega, sobre a qual faremos uma análise semântica, além de justificar sua validade por meio de exemplos extraídos de nosso *corpus* de análise, a obra *Biblioteca*, de Apolodoro. A fim de padronizar a amostragem de exemplos, neste capítulo selecionamos aqueles que se referem à figura heroica de Hércules, cujas narrativas abarcam 1/6 do livro todo e, por reunirem todos os tipos de voz média, baseadas nas classificações utilizadas, serão empregadas de forma metonímica. Conforme salientamos, as propriedades semânticas estão relacionadas ao sujeito oracional, especialmente aos seus papéis semânticos. Analisaremos a relação existente entre essas classificações, em que ponto se aproximam ou se distanciam umas das outras, a fim de auxiliar, inclusive, para o caso de verbos, cuja categorização, a princípio, não se mostra tão evidente. Verbos que oscilam entre duas categorias, isto é, ora parecem enquadrar-se no emprego A, ora no B, sugerem-nos uma relação estreita entre essas categorias, o que será utilizado, inclusive, com o intuito de justificarmos uma expansão ou redução delas. Dessa forma, nossa análise culminará numa mapa

semântico da voz média grega em Apolodoro, que nos permitirá destacar o emprego prototípico da voz média nesse autor.

Os empregos da voz média discutidos em suas respectivas seções serão: a) a média-passiva (2.1); b) a média como processo espontâneo (2.2); c) a média como processo mental (2.3); d) a média como ação corporal (2.4); e) a média como ação coletiva (2.5); f) a média recíproca (2.6); g) a média reflexiva direta (2.7); h) a média perceptiva (2.8); i) a média como atividade mental (2.9); j) a média como ato de fala (2.10); e k) a média reflexiva indireta (2.11).

2.1 A VOZ MÉDIO-PASSIVA

De acordo com Allan (2003), numa oração passiva, é atribuída ao sujeito a condição de paciente. Sobre isso, o autor afirma:

No grego antigo, há empregos da passiva em que o sujeito corresponde com um complemento genitivo ou dativo na construção ativa, por exemplo ἐπιβουλεύω τινί, ἄρχω τινός, βοηθέω τινί, καταγελᾶω τινός, ὀλιγορέω τινός, πολεμέω τινί, φθινέω τινί. É digno de nota que os segundos argumentos são tipicamente *humanos*, por exemplo, entidades que são tópicos naturais do discurso. Isso possivelmente explica que são capazes de ser escolhidos como sujeitos. Ademais, a característica semântica de *afetação* pode ser relevante. Muitos verbos que permitem esse tipo de passivas designam uma atitude emocional negativa através do segundo participante (φθονέω τινί), ou implicam um emprego de força/poder (πολεμέω τινί, ἄρχω τινός). Portanto, o segundo participante pode ser entendido como afetado. (p.41)

Nesse sentido, geralmente o agente não é empregado explicitamente, porém sua presença está conceitualmente presente, isto é, na frase, normalmente, fica clara a presença de um agente externo, porém essa presença não é enfatizada, se pensarmos do ponto de vista pragmático. Pensemos, por exemplo, na seguinte construção em grego:

Ex) ὁ μὴ δαρεῖς ἄνθρωπος οὐ **παιδεύται** (Men. *Mon.* 422) - O homem que não tenha sido criticado, não **será instruído**.

Na frase acima, um provérbio do grego antigo, temos um agente genérico, que geralmente é deixado implícito, embora concebido, devido à semântica lexical inerente

aos verbos δέρω e παιδεύω que denotam eventos iniciados externamente. Ao longo do levantamento de exemplos em nosso *corpus* de análise, dentre os exemplos mais recorrentes do emprego da média-passiva, encontramos:

a) διὸ καταδικάσας ἑαυτοῦ φυγὴν **καθαίρεται** μὲν ὑπὸ Θεσπίου [...](Apol. *Biblio.* 2.5.1) - por isso após condenar-se ao exílio, **é purificado** por Téspio [...]

b) τοῦτο ἀκούσας ὁ Ἡρακλῆς εἰς Τίρυνθα ἦλθε, καὶ τὸ **προσταττόμενον** ὑπὸ Εὐρουσθέως ἐτέλει. (Apol. *Biblio.* 2.5.1) – Após ouvir isso, Hércules foi para Tirinto e realizou aquilo que **fora ordenado** por Euristeu.

c) μὴ δυνάμενος δὲ ἰδεῖν τὰ μυστήρια ἐπέιπερ οὐκ ἦν **ἡγνισμένος** τὸν Κενταύρων φόνον [...](Apol. *Biblio.* 2.5.1) - Não podendo ver os mistérios, visto que não havia **sido purificado** pelo assassinio dos Centauros [...]

d) [...] καὶ τοὺς **ἐπιτασσομένους** ἄθλους δέκα ἐπιτελεῖν [...](Apol. *Biblio.* 2.4.12) – e realizando os dez trabalhos **impostos** [por Euristeu].

Nos dois primeiros exemplos acima, no contexto, os verbos καθαίρομαι e προσταττόμαι implicam a existência de um agente iniciador externo e, uma vez que os agentes da passiva são *animados* e *humanos*, seu emprego se constrói no genitivo, tal qual nos dois primeiros exemplos. Já no terceiro e quarto exemplos, temos a noção de um agente externo presente conceitualmente, porém não enfatizado pragmaticamente, já que o foco é no sujeito *paciente*. Já na oração abaixo:

e) [...] καὶ **ξενίζεται** παρὰ ἀνδρὶ χερνήτη Μολόρχῳ [...](Apol. *Biblio.* 2.5.1) – [...] e foi **recebido** pelo pobre trabalhador Molorco [...]

Esse último exemplo chama atenção pelo fato de o agente da passiva ser *humano* e ser construído no dativo, o que ocorre, geralmente, quando o sujeito é inanimado ou *instrumento*. Ainda sobre a voz passiva, afirma Allan (2003):

As orações passivas podem ou não envolver uma mudança de estado do sujeito. A noção de *mudança de estado* implica que a entidade está, numa certo instante, T1 que é diferente do instante em que estava em T0. Por exemplo, um verbo como βάλλομαι "estou sendo atingido" não denota uma mudança de estado, uma vez que o objeto direto pode estar exatamente no mesmo estado depois de batido como antes. Um verbo como τήκομαι "estou derretendo", por outro lado, necessariamente implica uma mudança de estado. O sujeito sofre uma transição de estar sólido a estar líquido. Outros verbos passivos que denotam mudanças de estado são ἀπολλύμαι "estou sendo destruído", ῥηγνύμαι "estou sendo quebrado", πείθομαι "estou sendo persuadido". (p.42)

Construções passivas podem conter um instrumento, bem como uma causa. Esse tipo periférico de passiva permanece no limite entre o uso da passiva e a média de tipo processo espontâneo, que será abordado na seção seguinte (2.2). Vale ressaltar que, diferentemente da forma como empregamos neste trabalho, a classificação de determinadas formas verbais como médio-passivas, se pensarmos nas gramáticas do grego, está relacionada a aspectos morfológicos. O presente, o futuro e o perfeito possuem as mesmas formas tanto para a média quanto para a passiva, daí o motivo do uso da denominação médio-passivo, ao contrário do aoristo, que conta com formas diferentes para essas duas vozes. No entanto, essa terminologia *médio-passiva* nos permite construir algumas perguntas: a) por questões práticas, se, em português, por exemplo, um verbo médio-passivo é traduzido para o sentido passivo, para um falante do grego antigo, qual era o sentido criado? b) o fato de média e passiva compartilharem morfemas iguais para alguns tempos sugere, então, já um momento de transição em que as duas formas começavam a ser usadas sem uma diferença de sentido? Em se tratando de uma língua literária, essas indagações permanecem no mistério das línguas clássicas e não será nosso propósito, nesta dissertação, lançar hipóteses que possam trazer algumas dessas respostas.

2.2 MÉDIA COMO PROCESSO ESPONTÂNEO

O processo espontâneo envolve sujeitos que passam por uma interna e física mudança de estado. O sujeito possui o papel semântico de *paciente*. Uma propriedade essencial dessa categoria é o fato de ela ser conceitualizada por ocorrer sem uma iniciação direta por um agente e, com efeito, nesse aspecto, é diferente da média –

passiva, que implica em um agente, na maioria das vezes, não especificado. Verifiquemos os exemplos abaixo:

a) πρὸ τοῦ δὲ Ἀμφιτρούωνα παραγενέσθαι εἰς Θήβας Ζεὺς, διὰ νυκτὸς ἐλθὼν καὶ τὴν μίαν τριπλασιάσας νύκτα, ὅμοιος Ἀμφιτρούωνι **γενόμενος** Ἀλκμήνην συνευνάσθη [...] (Apol. *Biblio.* 2.4.8) - Mas antes que Anfitrião chegasse a Tebas, Zeus veio durante a noite e, após triplicar sua duração, **tendo se tornado** semelhante a Anfitrião, dormiu com Alcmena [...]

b) καὶ οὕτως ἔφη, τῶν ἄθλων συντελεσθέντων, ἀθάνατον αὐτὸν ἔσεσθαι. (Apol. *Biblio.* 2.4.12) - dessa forma – disse – realizando os trabalhos, ele **seria** imortal.

Os exemplos a e b apontam para duas formas verbais exclusivamente médias, chamadas depoentes: **γενόμενος** e **ἔσεσθαι** (futuro do verbo εἰμί - *ser*).

c)[...] εἰς χιόναπολλὴν **παρειμένον** εἰσωθήσας ἐμβροχίσας τε ἐκόμισεν εἰς Μυκῆνας. (Apol. *Biblio.* 2.5.4) - [...] empurrando o animal para a neve **caída** e amarrando-o, levou - o para Micenas.

d) ταύτην ἰδὼν **ἐκκειμένην** Ἡρακλῆς ὑπέσχετο σώσειν [...](Apol. *Biblio.* 2.5.9) - Após vê-la **exposta**, Hércules prometeu salvá-la.

e) Ἐρύθεια δὲ ἦν Ὠκεανοῦ πλησίον κειμένη νῆσος, ἣ νῦν Γάδειρα **καλεῖται** (Apol. *Biblio.* 2.5.10) – Era Eritéia, ilha situada próximo do Oceano, a qual agora **se chama** Gadeira.

Enquadrar os verbos na categoria de processo espontâneo não é uma tarefa simples, ainda mais diante do limite estreito que separa essa classificação das ocorrências médio-passivas. De maneira geral, entendemos que o principal sentido encontrado nesses exemplos esteja ligado à existência. Os verbos em *c* e *d* deixam esse aspecto mais claro; já em *e*, chamar, dependendo do contexto, poderia incidir em outra categoria; no entanto, nesse exemplo, entendemos no sentido de *existência*, visto que a Ilha Gadeira é chamada dessa forma, consistindo num sujeito *paciente* e uma frase ausente de um agente iniciador. É interessante salientar que muitos verbos médios gregos que denotam processo espontâneo possuem uma forma ativa em oposição, tal qual mostramos nas tabelas 12, 13, 14 e 15.

Tabela 12 - Verbos de processo psicológico com entidades orgânicas

Verbos de processo psicológico	
Envolvendo entidade orgânicas	
ἀπόλλυμαι <i>morrer, perecer</i>	ἀπόλλυμι <i>destruir, matar</i>
αὐξάνομαι <i>crescer</i>	αὐξάνω <i>aumentar, crescer</i>
γίγνομαι <i>nascer, tornar-se</i>	não há forma ativa correspondente
σῆπομαι <i>apodrecer</i>	σῆπω <i>tornar podre</i>
τρέφομαι <i>crescer</i>	τρέφω <i>fazer crescer</i>
φθείρομαι <i>perecer</i>	φθείρω <i>destruir, arruinar</i>
φύομαι <i>nascer</i>	φύω <i>produzir, engendrar</i>

Tabela 13 - Verbos de processo psicológico com entidades inorgânicas

Verbos envolvendo entidades inorgânicas	
καίομαι <i>queimar</i>	καίω <i>queimar</i>
πήγνυμαι <i>emperrar</i>	πήγνυμι <i>fazer sólido</i>
πίμπλαμαι <i>preencher</i>	πίμπλημι <i>preencher</i>
ρήγνυμαι <i>quebrar</i>	ρήγνυμι <i>quebrar</i>
τήκομαι <i>derreter</i>	τήκω <i>derreter</i>
χέομαι <i>espalhar</i>	χέω <i>derramar</i>

Tabela 14 - Verbos que envolvem mudanças nas propriedades físicas

Verbos de mudanças nas propriedades físicas	
λευκαίνομαι <i>ficar branco</i>	λευκαίνω <i>tornar branco</i>
έρυθραίνομαι <i>avermelhar</i>	έρυθραίνω <i>tornar vermelho</i>
ξηραίνομαι <i>secar</i>	ξηραίνω <i>secar</i>
θέρομαι <i>aquecer</i>	θέρω <i>esquentar</i>
τέσμαι <i>secar</i>	não há forma ativa correspondente
ψύχομαι <i>secar</i>	ψύχω <i>esfriar, secar</i>

Tabela 15 - Verbos de aparecimento e desaparecimento

Verbos de aparecimento e desaparecimento	
ἀφανίζομαι <i>desaparecer</i>	ἀφανίζω <i>remover</i>
φαίνομαι <i>tornar-se visível, aparecer</i>	φαίνω <i>fazer aparecer, mostrar</i>
φαντάζομαι <i>tornar-se visível</i>	φαντάζω <i>tornar visível</i>

A existência de uma contrapartida ativa na maioria dos verbos médios que indicam processo espontâneo reforça o conceito de motivação anteriormente tratado nessa dissertação. Diante da coexistência de duas possibilidades de construção verbal, um falante do grego antigo identificava, a princípio, uma distinção entre os sentidos ativos e médios, saliente o suficiente a ponto de tornar motivada essa escolha. Em Apolodoro, o verbo médio de processo espontâneo mais recorrente foi γίγνομαι³⁸, tal como no primeiro exemplo encimado. Em português, existem algumas construções cujo sentido da construção verbal se mostra problemático, como em: *o macarrão cozinhou muito; o gelo derreteu; as flores crescem radiantemente*. Nessa orações, o verbo está na voz ativa, porém o sujeito é *paciente*, e o sentido da oração é *passivo*. Esse tipo de construção permanece uma das possibilidades de emprego da voz média, desaparecida em línguas modernas como o português, porém existente e produtora no grego antigo.

³⁸ A análise da quantidade de ocorrências e discussão dos resultados será feita no capítulo 3.

O processo espontâneo é tratado na teoria linguística de diversas maneiras e, por conseguinte, denominado de diferentes modos se percorrermos alguns dos autores envolvidos nesse estudo. Geniusiene (1987), Haspelmath (1990) e Andersen (1994) usam o termo anticausativo (*anticausative*); Gerritsen (1990) utiliza-se de *processo decausativo* (decausative processual), enquanto Rijksbaron (1994) elege o termo *pseudo-passivo*. A definição de processo espontâneo, adotada por Allan (2004) e usada neste trabalho, surgiu, *a priori*, em Kemmer (1994). Langacker (1991) trata essa questão de maneira bastante interessante, visto que utiliza o termo *construção absoluta*, pois "a construção de uma relação (especialmente uma relação temática conceitualmente autônoma) sem referência à causação ou à energia que a dirige ou a sustenta". Para o autor, torna-se claro entender esses exemplos como um fato que podemos conceber como portador de uma entidade que de modo autônomo passa por uma mudança sem o causador externo, enquanto esse causador somente pode ser imaginado em relação a uma causa, tal qual exemplificado nos exemplos abaixo:

a) *The wind caused the tree to fall*

b) *The tree fell over*

c) **The wind caused*

As situações podem ser explicadas com relação ao *causador* e o *causado*, como em *a*, ou, de modo autônomo, apenas com relação à entidade que sofre uma mudança, tal como em *b*. O último exemplo não possui sentido, como se não se referisse a uma mudança induzida a alguma entidade. Para Kemmer (1994), o processo espontâneo é semanticamente médio, "já que a entidade afetada não é somente o *Endpoint*, mas também é conceituada como *Initiator*". Para a autora, há duas formas de entender um evento como espontâneo: a) nenhuma entidade saliente está disponível, podendo ser apresentada como *initiator* do evento, como no caso de notar uma maçã apodrecendo espontaneamente, já que nada pode ser identificado, ou concebido aquilo que o provoca. Em grego, são os verbos *σῆπομαι*, *apodrecer*, e *ἰόομαι*, *enferrujar*. O outro sentido é b) em que há uma entidade presente na cena que pode ser vista como uma causa(causadora), porém, há uma opção do falante em não enfatizar o papel da entidade

no evento por motivos pragmáticos³⁹. Há um número considerável de verbos médios em que o sentido do evento denota a existência de um agente iniciador externo e aqueles em que tudo ocorre de forma autônoma. *καίομαι queimar; ser queimado; ὄλλομαι perecer; ser destruído; πήγνυμαι fixar; ser fixado; ῥήγνυμαι romper, ser quebrado; τήκομαι derreter, ser derretido*. Conforme ressaltamos, é difícil precisar quando lidamos com um processo espontâneo ou com um sentido tipicamente passivo. Novamente, diante de uma língua literária, a falta de falantes elimina uma ferramenta que tornaria possível tornar mais precisa essa distinção e nossa classificação fica restrita diante das inferências serem feitas com base, unicamente, num texto escrito.

2.3 MÉDIA COMO PROCESSO MENTAL

A média como processo mental envolve um sujeito animado que experimenta uma afetação mental e, conseqüentemente, possui o papel semântico de *experimentador*. Essa afetação pode ser do tipo emocional, como em *φοβοῦμαι, temer*; ou do tipo cognitivo como *μιμνήσκομαι, lembrar-se*, e *ἐπίσταμαι, saber*. Esses verbos mentais indicam um estado, não envolvem mudança com o passar do tempo, porém, são temporários. Devemos salientar que uma das características dos estados mentais é o fato de diferirem de estados em que há um caráter mais permanente tal como *ser rei, ser pequeno, ser vermelho*; verbos esses que, em grego antigo, costumam ser construídos na forma ativa. A afetação mental pode ser causada por um estímulo externo, que pode ser construído no genitivo, dativo ou acusativo. Muitos estados mentais médios possuem uma oposição causativa que designam que o sujeito-estímulo provoca um experienciador a entrar num estado mental. Com esses verbos, o falante possui a escolha de designar ou o experienciador ou o estímulo à condição de sujeito. Na tabela 16, elencamos alguns dos verbos de processo mental.

³⁹ Com base no conceito de motivação da Linguística Cognitiva, do ponto de vista discursivo, podemos pensar nesse sentido em português da seguinte maneira: uma mãe chega a sua casa e, ao ver o vaso estilhaçado no chão, pergunta ao filho pequeno: "O que houve aqui?" e o menino responde: "O vaso quebrou", como forma de preservar-se diante do medo de ser repreendido.

Tabela 16 - Verbos ativos e médios de processo mental

Verbos ativos e médios de processo mental	
ἄαομαι <i>estar enganado</i>	ἄάω <i>enganar</i>
αἰσχύνομαι <i>estar envergonhado</i>	αἰσχύνω <i>desonrar</i>
ἔλπομαι <i>esperar, temer</i>	ἔλπω <i>criar esperança</i>
ἡδομαι <i>agradar-se</i>	ἡδω <i>agradar</i>
κήδομαι <i>preocupar-se</i>	κήδω <i>afligir</i>
λανθάνομαι λήθομαι <i>esquecer</i>	λελαεῖν (aoristo) <i>fazer alguém esquecer</i>
λυπέομαι <i>ser atormentado</i>	λυπέω <i>atormentar</i>
μιμνήσκομαι <i>lembrar-se</i>	μιμνήσκω <i>lembrar alguém de algo</i>
ὀργίζομαι <i>irritar-se com</i>	ὀργίζω <i>irritar</i>
πείθομαι <i>obedecer</i>	πείθω <i>persuadir</i>
τέρπομαι <i>saciar-se</i>	τέρπω <i>agradar</i>
φοβέομαι <i>temer</i>	φοβέω <i>correr em pânico</i>
φράζομαι <i>pensar, considerar</i>	φράζω <i>mostrar, contar</i>
ψεύδομαι <i>estar enganado</i>	ψεύδω <i>enganar</i>

Há, ainda, verbos de processo mental que são depoentes, resumidos na tabela 17.

Tabela 17 - Verbos depoentes de processo mental

Verbos depoentes de processo mental	
ἄγαμαι <i>admirar</i>	ἐπίσταμαι <i>saber, estar apto</i>
αἶδομαι αἰδέομαι <i>respeitar</i>	ἔραμαι <i>amar</i>
ἄχθομαι <i>estar aflito com</i>	μαίνομαι <i>enfurecer</i>
ἄχνημαι <i>estar aflito</i>	μέμφομαι <i>descontentar, estar furioso</i>
βούλομαι <i>desejar</i>	οἶομαι <i>pensar</i>
διανοέομαι <i>pensar, supor</i>	σέβομαι <i>reverenciar</i>

Verbos depoentes de processo mental	
ἐνθυμέομαι <i>pensar</i>	χώομαι <i>estar bravo com</i>

A média como processo mental está relacionada à média – passiva. Em ambas, o sujeito vivencia passivamente o evento. A diferença entre elas consiste no fato de o evento ser ou não iniciado por um agente externo. Em *Biblioteca*, de Apolodoro, foram coletados os seguintes exemplos:

a) παρὰ δὲ τούτου τὰ περὶ τὴν Ἰόλην Δηιάνειρα **πυθομένη**, καὶ δείσασα μὴ ἐκείνην μᾶλλον ἀγαπήσῃ, νομίσασα ταῖς ἀληθείαις φίλτρον εἶναι τὸ ῥυὲν αἶμα Νέσσου, τούτῳ τὸν χιτῶνα ἔχρισεν [...] (Apol. Biblio. 2.7.7) - Depois que, por meio dele (do arauto), Dejanira **ficou sabendo** a respeito de Iole, por temer que ele (Hércules) a amasse mais e por acreditar que o sangue derramado de Nesso fosse um verdadeiro filtro amoroso, com este untou a túnica.

b) Δηιάνειρα δὲ **αἰσθομένη** τὸ γεγονὸς ἑαυτὴν ἀνήρτησεν. (Apol. Biblio. 2.7.7) - Dejanira, **após tomar consciência** do ocorrido, enforcou-se.

Nas duas orações, ambos os verbos justificam o emprego da medial, visto que o sujeito aparece como experimentador decorrente de uma afetação mental. Diante, então, da inferência que o processo mental é, a princípio, a primeira interpretação feita, em detrimento ao sentido passivo, entendemos então, o sentido intransitivo como a interpretação padrão, excluída somente quando o sentido passivo se mostra presente no contexto. Do ponto de vista linguístico, esse panorama envolve o princípio de economia linguística; para Levinson (1995), "o que é simplesmente descrito é estereotipicamente e especificamente exemplificado". O autor exemplifica sua tese pela seguinte frase: *Sue moveu seu carro*, no sentido de que, quando ouvimos isso, automaticamente compreendemos que foi dirigindo o veículo, maneira mais comum de fazê-lo.⁴⁰ Para Allan (2003), processos mentais também estão relacionados a processos espontâneos. Os dois tipos envolvem sujeitos que passam por afetações internas de modo não volitivo. Importantes diferenças são: (i) o sujeito de um processo mental é animado; (ii) processos mentais podem envolver um segundo participante, o estímulo. Conforme os preceitos da Linguística Cognitiva, é na língua que se reflete a visão de mundo de um

⁴⁰ Em inglês, *Sue moved the car*. Para maiores detalhes, cf. LEVINSON (1995, p.97).

falante o que implica em diferentes formas de exposição de determinados eventos; de modo que esse falante pode escolher o que enfatizar ou desenfatar, de acordo com suas intenções discursivas. Croft (1991) trata dessa questão por meio dos seguintes exemplos:

a) *Ed fears the police.* (Ed tem medo da polícia)

b) *The police frighten Ed.* (A polícia assusta Ed)

Nos dois exemplos acima, embora tenhamos duas situações com mesmo panorama, há uma diferença quanto à perspectiva como cada uma delas é vista. Em *a* a condição de sujeito é atribuída ao experienciador e, em *b*, ao estímulo. A grande diferença entre elas é que, no segundo exemplo, implica-se a noção de que a polícia, intencionalmente amedronta Ed, ou faz algo que provoca esse medo, o que não pode ser concebido na primeira frase. É essa mesma noção no grego no que diz respeito à oposição ativa vs média intransitiva diante dessa perspectiva. φοβέω (acus) *amedrontar*; e φοβέομαι (acus.) *temer*, mostram essa mudança de perspectiva. Na ativa, a ênfase do verbo está no estímulo, isto é, naquilo que provoca o medo, enquanto que na média intransitiva o foco incide no medo em si, e o estímulo, aquilo que o provoca, torna-se pragmaticamente desenfaturado. Assim, afirma Allan (2003):

Com base na discrepância de emprego entre essas duas formas, em Heródoto a proporção é de 2:21 (ativa para média), há um fato interessante: essa assimétrica relação pode ser explicada da seguinte forma: conceitualmente, o processo mental pode ser considerado mais básico, ou menos complexo, que sua contrapartida ativa. Processos mentais podem ser concebidos como ocorrência sem uma referência externa causadora que a traz ou a sustenta. Por exemplo, *he suddenly got very angry* é uma expressão completa. Por outro lado, na correspondência causativa, a causa não pode ser descrita sem referência ao causado, *he made very angry*. No discurso, a construção causativa conceitualmente mais complexa somente é usada no caso de um estímulo é mais significativo que o experienciador em saliência e topicalidade. No entanto, esse não será o caso mais frequente, uma vez que experienciadores são tipicamente humanos e, portanto, tendem a ser importantes participantes discursivos. (p.50)

Croft (1991) idealizou um modelo cognitivo capaz de representar os fenômenos de voz associados aos eventos mentais. Para ele, eventos mentais envolvem, de modo geral, dois participantes - um animado experienciador e um estímulo - e duas relações causais entre eles. De um lado, o experienciador direciona sua atenção ao estímulo e este, por sua vez, causa a afetação na mente daquele. Essa relação é representada da pela figura 7.

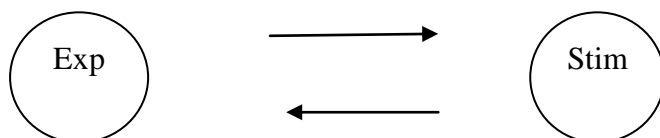


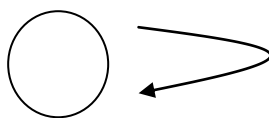
Figura 7 - A relação entre experienciador e estímulo

As setas são assim escritas para diferir daquelas utilizadas no evento transitivo. Cada construção enfatiza um lado do evento, em detrimento a outros, são as *imagens*, definidas pela linguística cognitiva. Para Langacker (1987), léxico e gramática são depósitos de imagens convencionais⁴¹, o que difere substancialmente de língua para língua. Por isso, em uma língua se diz *I am cold*, em outra, *I have cold* e numa terceira, *It is cold to me*; essas expressões diferem semanticamente embora se refiram à mesma experiência, pois empregam diferentes imagens para estruturar o mesmo conteúdo conceitual básico.

2.4) MÉDIA COMO MOVIMENTAÇÃO CORPORAL

A movimentação corporal envolve uma entidade animada que, por vontade própria, realiza uma mudança de estado para si e, por conseguinte, o sujeito é tanto *agente* como *paciente*. Nesse sentido, segundo Allan (2003), esse emprego é semanticamente médio, em oposição à ativa e à passiva, já que o sujeito oracional é tanto a entidade que inicia a ação, o *Initiator*, quanto a entidade afetada, o *Endpoint*. Essa mudança de estado consiste tanto numa mudança de localidade quanto de postura corporal. Os verbos que indicam movimentação corporal, em grego antigo, possuem, na maioria dos casos, formas ativas e médias. As classificações quanto ao movimento utilizadas por Kemmer (1992) são as de movimento translacional, de mudança na postura corporal e não translacional, este último como sendo nenhum dos outros dois. A autora ainda expressa essa categoria por meio do esquema proposto pela figura 8.

⁴¹ O termo cunhado pelo autor é *conventional imagery*.



A

Figura 8 - O modelo cognitivo para a movimentação corporal

Em relação a esses grupos e os verbos que os contemplam, observemos as tabelas 18, 19, 20 e 21.

Tabela 18 - Verbos de movimento não translacional

Movimento não Translacional	
ἀπέχομαι <i>manter alguém distante</i>	ἀπέχω <i>manter alguém distante</i>
ὀρέγομαι <i>estender-se</i>	ὀρέγω <i>estender</i>
στρέφομαι <i>virar-se</i>	στρέφω <i>virar (trans)</i>
τάννυμαι <i>estender-se</i>	τανύω <i>estender</i>
τείνομαι <i>estender-se</i>	τείνω <i>estender</i>
τρέπομαι <i>virar</i>	τρέπω <i>virar</i>

Tabela 19 - Verbos que envolvem mudança na postura corporal

Mudança na postura corporal	
ἵσταμαι <i>erguer para si</i>	ἵστημι <i>ficar em pé</i>
καθίζομαι <i>sentar</i>	καθίζω <i>fazer sentar</i>
κλίνομαι <i>tombar</i>	κλίνω <i>fazer tombar</i>

Tabela 20 - Verbos de movimento translacional

Movimento translacional	
αἴρωμαι <i>tomar nas mãos</i>	αἴρω <i>erguer</i>
ἀνάγομαι <i>navegar</i>	ἀνάγω <i>conduzir ao mar</i>

Movimento translacional	
ἀπαλλάττομαι <i>partir de</i>	ἀπαλλάτω <i>remover</i>
κομίζομαι <i>viajar</i>	κομίζω <i>carregar, trazer</i>
ὄρμάομαι <i>partir</i>	ὄρμάω <i>por em movimento</i>
πορεύομαι <i>ir, andar</i>	πορεύω <i>fazer ir</i>
σεύομαι <i>por em fuga</i>	σεύω <i>incitar</i>
στέλλομαι <i>preparar-se para ir</i>	στέλλω <i>preparar, enviar</i>
σώζομαι <i>escapar, voltar a salvo</i>	σώζω <i>salvar</i>

Tabela 21 - Verbos Depoentes de movimentação corporal

Depoentes de movimentação corporal
ἄλλομαι <i>pular</i>
ἔρχομαι <i>ir</i>
νέομαι <i>retornar</i>
οἴχομαι <i>sair</i>
χάζομαι <i>afastar-se</i>

Risselada (1987) e Rijksbaron (1994) empregam o termo *pseudo-reflexiva*, terminologia que acaba por chocar com aquelas utilizadas por Allan (2003), por aparentar tornar-se uma categoria secundária da reflexiva direta, numa suposta oposição *pseudo vs. real*. Haspelmath (1987) cunhou o termo *endoreflexiva*, aparentemente criado pelo próprio autor, que destaca o traço de internalidade presente nesse grupo de verbos médios. O uso desse termo é bastante adequado, porém, nesta dissertação, seguimos as classificações de Allan (2003), que opta pela classificação de *movimentação corporal*, que será discutido no capítulo 3. De maneira geral, a marca dos verbos de movimento corporal é a volição, embora muitos possam ser usados de forma

não volitiva⁴². Dentre os exemplos encontrados em Apolodoro, temos as seguintes ocorrências:

a) πρὸ τοῦ δὲ Ἀμφιτρώωνα **παραγενέσθαι** εἰς Θήβας [...](Apol. Biblio. 2.4.8) - Mas antes que Anfitrão **chegasse** a Tebas [...]

b) οὗτος δὲ ἦν ἀδελφὸς Ὀρφέως: **ἀφικόμενος** δὲ εἰς Θήβας [...](Apol. Biblio. 2.4.8) – Ele [Lino] era irmão de Orfeu: **após chegar** a Tebas [...]

c) οὗτος γὰρ **ὄρμώμενος** ἐκ τοῦ Κιθαιρῶνος τὰς Ἀμφιτρώωνος ἔφθειρε βόας καὶ τὰς Θεσπίου. (Apol. Biblio. 2.4.8) – Pois ele (o leão), **vindo** do Citerão, devastou os rebanhos de Anfitrão e Téspis.

Observe que, nesse terceiro exemplo, o verbo assume o sentido de *vir*. No entanto, seu emprego também pode significar atacar, investir subitamente contra alguém, sentidos estes que também se enquadrariam na categoria de movimentação corporal, uma vez que envolvem uma mudança na postura do corpo do sujeito.

d) **πορευόμενος** οὖν ἐπὶ τὸν λέοντα ἦλθεν εἰς Κλεωνάς [...](Apol. Biblio. 2.5.1) **Dirigindo-se**, portanto, até o leão, foi a Cleonas [...]

O uso da voz média em verbos que expressam movimentação corporal são bastante claros e não houve ocorrências em que o uso fosse no sentido não volitivo, o que o aproximaria da categoria de processo espontâneo. Uma vez que os verbos ativos não foram coletados, não se pode precisar a proporção de ocorrências entre as formas médias e ativas para verbos que indicassem movimentação corporal; no entanto, podemos afirmar é comum ao autor optar pela forma média e, inclusive, a quantidade de variação de lemas⁴³ foi bem pequena.

⁴²Em situações em que a movimentação não é volitiva, os verbos médios dessa categoria se aproximam aos de processo espontâneo: por exemplo, as ilhas flutuam; esse sentido permanece no limiar entre esses dois empregos da média.

⁴³ Neste trabalho, a definição de lema será conforme encontrada em BIDERMAN, 1999, a de uma representação canônica das entradas de um dicionário (lema) ou de uma unidade lexical virtual que compõe o léxico (lexema); e também PONTES, 2000, que o define como uma unidade lexical ideal que representa um paradigma de formas flexionadas.

2.5) MÉDIA COMO AÇÃO COLETIVA

Esse tipo de uso da média refere-se a verbos que designam ações que são natural e necessariamente realizadas por grupos de indivíduos (animados), isto é, *reunir* e *dispersar*. Para Allan (2003), as construções ativas dos verbos médios coletivos possuem um sentido causativo. Vejamos a tabela 22:

Tabela 22 - Verbos médios de ação coletiva

Verbos médios de ação coletiva	
ἀλίζομαι <i>reunir</i>	ἀλίζω <i>reunir trans</i>
ἀγείρομαι <i>reunir intr</i>	ἀγείρω <i>reunir tran</i>
ἀθροίζομαι <i>reunir intr</i>	ἀθροίζω <i>reunir tran</i>
ἀολλίζομαι <i>reunir intr</i>	ἀολλίζω <i>reunir trans</i>
λύομαι <i>dissolver intr</i>	λύω <i>dissolver trans</i>
μίσγομαι <i>misturar-se (int)</i>	μίσγω <i>misturar (trans)</i>
σκίδναμαι <i>dispersar</i>	σκίδνημι <i>dispersar</i>
συλλέγομαι <i>reunir intr</i>	συλλέγω <i>reunir tran</i>

A diferença primordial entre a construção ativa e a média é a transitividade: verbos ativos são transitivos, detalhe relatado pela maioria dos dicionários de grego e, por isso, atribui-se a eles o sentido de *reunir alguém; amontoar algo*; enquanto que as construções médias já ganham o sentido de *reunir-se; agrupar-se*, que, em português, é feito por meio do pronome reflexivo *se*. É válido ressaltar as semelhanças existentes entre a média coletiva e a média recíproca (a ser tratada na seção 2.6), uma vez que ambas só são de possível realização diante de indivíduos se comportando de um modo idêntico e conjunto. Devido a essa semelhança, Kemmer (1993) optou por incorporar a média coletiva como um tipo secundário da média recíproca. Para Allan (2003), a justificativa em distinguir essas duas categorias reside no fato de na recíproca os micro eventos serem distinguíveis num certo grau: A atua em B assim como B atua em A. A ação coletiva não pode ser analisada em micro eventos distintos: as entidades envolvidas necessariamente atuam como um coletivo inseparável. Uma outra diferença é que o evento de ação coletiva envolve uma mudança de estado do sujeito: um número de indivíduos separados torna-se um coletivo unido, ou vice-versa. O traço volição torna-se mitigado aqui, se comparado a construções com movimentos individuais: o

evento coletivo é visto como uma única ação realizada juntamente por um grupo de indivíduos, em que estes são completamente dependentes uns dos outros, caso a ação tenha que suceder. Autores como Manney (2000) consideram que a média coletiva é um subtipo do processo espontâneo. O *Initiator* é essencial para se determinar o evento coletivo e não uma média-passiva, porém essa distinção nem sempre é nítida. Em nosso *corpus*, foi possível coletar os seguintes exemplos:

a) **στρατευσάμενος** δὲ Ἐργῖνος ἐπὶ Θήβας [...] (Apol. *Biblio.* 2.4.11) - Tendo Ergino **marchado** contra Tebas [...].

b) Ἡρακλῆς δὲ λαβὼν ὄπλα παρ' Ἀθηνᾶς καὶ πολεμαρχῶν Ἐργῖνον μὲν ἔκτεινε, τοὺς δὲ Μινύας **ἐτρέψατο** [...] (Apol. *Biblio.* 2.4.11) - Mas Hércules, tendo recebido armas de Atena e assumido o controle, matou Ergino e **afugentou** os mínias [...]

Observe que nas frases *a*, o sujeito Ergino é o *Initiator* e, uma vez que o verbo é *marchar*, implica o deslocamento, não só dele, mas também de sua tropa, um coletivo agindo como um todo. Nesse sentido, na oração *b*, o verbo *afugentar* acarreta o sentido de debandar, dispersar e, como os mínias ali eram uma tropa, a ação também se dá no contexto de um coletivo.

2.6 MÉDIA RECÍPROCA

Segundo Lichtenberk (1985), nos contextos em que existem eventos recíprocos “há dois participantes, A e B, e a relação em que A está para com B é a mesma em que B está para com A”. Consoante Allan (2003), os verbos médios recíprocos em grego são raros, depoentes, na maioria das vezes, e, geralmente, envolvem mais de um participante, um incidindo sobre o outro. Eventos que não são normalmente realizados numa configuração recíproca são expressos por um verbo e o pronome recíproco ἀλλήλους. Podemos entender a recíproca por meio do esboço feito na figura 9.

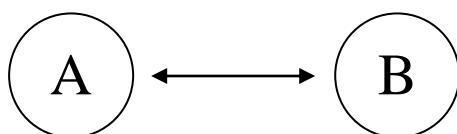


Figura 9 - Modelo cognitivo para a média recíproca

A recíproca, juntamente com a média reflexiva direta (seção 2.7) são as que mais se aproximam dos sistemas reflexivos das línguas moderna, inclusive no português, nas construções com o pronome *se*. Todavia, há diferenças consideráveis entre ambas, sobre as quais afirma Allan (2003):

A média recíproca é semanticamente média já que o sujeito é tanto o *Initiator* quanto o *Endpoint* do evento. Recíprocas são semanticamente relacionadas às reflexivas. Em ambas o sujeito (na maioria das vezes uma entidade animada) realiza a mesma ação pela qual passa; o sujeito é tanto o *Initiator* quanto o *Endpoint*. A diferença entre a média recíproca e a média reflexiva direta é que a primeira envolve uma segunda entidade participante, enquanto a outra, não. A similaridade semântica entre reflexivas e recíprocas é manifestada pelo fato de elas serem formalmente marcadas de forma semelhante em muitas línguas, como em francês, *ils se regardent*. Essa expressão é interpretada como "eles olham entre si" , "eles se olham". (p.61)

A esse respeito, Langacker (1991) faz a seguinte afirmação:

O que motiva a extensão do pronome *se* de um uso reflexivo a um recíproco é a concepção compartilhada do mesmo participante (necessariamente plural no caso de recíprocos) funcionando tanto quanto cabeça quanto cauda da cadeia de ação ou seu análogo⁴⁴. (p.370)

Allan (2003) divide os verbos médios recíprocos em dois tipos: o primeiro envolve aqueles que possuem um argumento, tais como os da tabela 23.

Tabela 23 - Verbos recíprocos de um argumento

Verbos recíprocos de um argumento
ἀμιλλάομαι <i>rivalizar com</i>
διακοντίζομαι <i>disputar com outro com lança</i>
διαλέγομαι <i>discorrer</i>
ἐρίζομαι <i>combater</i>
μάρναμαι <i>lutar</i>

⁴⁴ Para maiores detalhes acerca da relação entre reflexibilidade e reciprocidade nas línguas, cf. Frajzngier & Curl (2000).

Verbos recíprocos de um argumento
μάχομαι <i>lutar</i>
πληκτίζομαι <i>bater-se corpo a corpo</i>
ώστίζομαι <i>empurrar alguém e ser empurrado</i>

Nesse sentido, as entidades da frase são vistas como unificadas, sendo ambas *Initiator* e *Endpoint* da ação, isto é, *agente* e *paciente*. O segundo tipo de recíproca envolve verbos com dois participantes. As entidades individuais envolvidas não estão fundidas em um sujeito – participante, mas são expressas por constituintes separados. Vale ressaltar que a média recíproca envolve, em larga escala, verbos de *combate*. A diferença entre os dois tipos de recíproca apresentados por Allan (2003) remete-nos, novamente, às questões de motivação do falante. Se afirmamos que *os meninos estão brigando*, as entidades participantes são unificadas, isto é, não são salientados os eventos menores, como A atuando em B e vice-versa. Já no caso de *os meninos estão brigando com as meninas*, salienta-se um a causa que provoca o sujeito a mover a ação e, de alguma forma, a briga das meninas, a provocação delas, fica como plano de fundo. Em *Biblioteca*, podemos enumerar os seguintes exemplos:

a) [...] εἰπούσης δὲ ὅτι τῆ προτέρῃ νυκτὶ παραγενόμενος αὐτῆ **συγκεκοίμηται** [...] (Apol. *Biblio.* 2.4.8) – [...] quando ela lhe contou que na noite anterior ele estivera a seu lado e **dormira** com ela [...]

b) συνέβη δὲ κατὰ τὴν μάχην Ἀμφιτρούωνα γενναίως **μαχόμενον** τελευτῆσαι (Apol. *Biblio.* 2.4.11) - Aconteceu de, no combate [contra os mínias], Anfitrião morrer **lutando** bravamente.

c) ἐπειδὴ συλλαβεῖν ἀξιοῦντι Μίνως εἶπεν αὐτῷ λαμβάνειν **διαγωνισαμένῳ**, λαβὼν καὶ πρὸς Εὐρυσθέα διακομίσας ἔδειξε, καὶ τὸ λοιπὸν εἶασεν ἄνετον (Apol. *Biblio.* 2.5.7) – Assim, [com Hércules] considerando ajudar, Minos lhe disse para agarrar; após [Hércules] combater [o touro], apoderar-se dele e transportá-lo a Euristeu, mostrou-o e deixou o restante solto.

No *corpus* com o qual trabalhamos, houve predomínio da recíproca em verbos de combate, com exceção do exemplo da primeira oração apresentada como exemplo, na qual o sentido do verbo συγκαίμαμαι, *dormir, ter relações sexuais*, também implica reciprocidade por parte dos sujeitos envolvidos no processo e foi bastante recorrente no texto. De maneira geral, tal qual mostraremos no capítulo três, verbos recíprocos possuem uma frequência de ocorrência não muito alta e, geralmente, trata-se de uma pouca quantidade de lemas.

2.7) MÉDIA REFLEXIVA DIRETA

A média reflexiva direta envolve um agente humano que volitivamente realiza uma ação em si próprio. Muitos verbos reflexivos diretos estão ligados a atividades de *cuidado pessoal*, tais como “banhar-se”, “vestir-se”, dentre outros. A ação é tipicamente executada na superfície do corpo por meio das mãos. A média reflexiva direta apresenta semelhanças em relação à de movimentação corporal e, nesse sentido, Allan (2003) explicita as fronteiras que as separam:

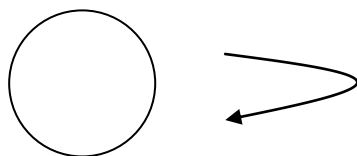
A diferença entre a média reflexiva direta e a de movimentação corporal é que a média reflexiva não denota uma total mudança física de estado. Quando alguém se barbeia, por exemplo, seu corpo não sofre uma completa mudança de estado, a afetação é restrita a uma zona particular, tipicamente, a superfície do corpo. Por outro lado, atividades como *levantar-se, mover* necessariamente implicam uma completa mudança de estado, ou mais precisamente, uma mudança de postura corporal ou posição. A média reflexiva direta καθαίρομαι *purificar alguém* pode ser a exceção proverbial à regra, uma vez que o verbo denota uma mudança de estado (tornar-se καθάρως). Isso não é, contudo, uma exceção muito significativa para a regra, se considerarmos λοῦμαι, embora não denote que o sujeito fique limpo, geralmente implicará que o sujeito torna-se limpo. Portanto, a expressão como *Eu me banhei, mas não me tornei limpo*, soa estranha, embora não impossível. Além disso, um perfeito como λελουμένος "ser lavado" necessariamente implica que o sujeito está limpo no momento da expressão. (p.64)

Em grego antigo, os verbos médios reflexivos diretos podem se enquadrar em dois grupos: de cuidado pessoal e demais empregos, conforme enumerados na tabela 24.

Tabela 24 - Outros tipos de verbos médios reflexivos diretos

Cuidado pessoal	Outros tipos de direta reflexiva
κείρομαι <i>cortar o próprio cabelo</i>	ἀπάγχομαι <i>pendurar-se</i>
λουῖμαι <i>banhar-se</i>	γυμνάζομαι <i>exercitar-se</i>
ἀλείφομαι <i>untar-se com óleo</i>	δέφομαι <i>masturbar</i>
ἀπομύττομαι <i>assoar o nariz</i>	ἐντύνομαι <i>preparar-se</i>
ἀποψάομαι <i>enxugar-se</i>	καλύπτομαι <i>cobrir-se</i>
ἔννυμαι <i>vestir-se</i>	κνῶμαι <i>arranhar-se</i>
ζώννυμαι <i>armar-se</i>	κόπτομαι <i>bater-se</i>
κοσμοῦμαι <i>adornar-se</i>	παρασκευάζομαι <i>preparar-se</i>
νίζομαι <i>lavar o próprio pé ou mão</i>	στεφανόομαι <i>coroar-se</i>
ξυροῦμαι <i>barbear-se</i>	σφάττομαι <i>matar-se</i>
	τύπτομαι <i>bater-ser</i>

A média reflexiva direta designa ações que normalmente são realizadas em si próprio. Ações em que isso não ocorre são codificadas numa construção ativa com um pronome reflexivo. Essa escolha está diretamente ligada à questão de economia linguística: não é preciso que um falante utilize-se da forma média para expressar reflexibilidade, já que isso passa a ser expresso pelo pronome reflexivo. Consoante a afirmação de Kemmer (1993), "não se preocupe em marcar propriedades semânticas que são inerentes ao evento". A autora utiliza-se do esquema representado na figura 10 para representar ações reflexivas diretas:



A/B

Figura10 - Modelo cognitivo para a média reflexiva direta

No primeiro capítulo desta dissertação, apresentamos a escala de Kemmer (1993) acerca da relativa distinguibilidade do agente e paciente de uma oração. Com efeito, em um dos extremos da escala, representando o máximo grau dessa distinção, estaria a oração transitiva prototípica, em que agente e paciente são entidades

claramente separadas e identificáveis. Em sequência, num menor grau de distinguibilidade está a reflexiva direta pronominal, já que seus dois participantes são correferenciais. Mais abaixo, então, está a média reflexiva direta, já que agente e paciente são unidos em um único participante, no caso, o sujeito. No extremo oposto dessa escala ficam as orações intransitivas ativas, em que só há um participante, podendo ele ser agente ou paciente⁴⁵. Resumimos essas informações na tabela 25.

Tabela 25- Relação predicado x distinguibilidade de participantes

Distinguibilidade do paciente-participante	Construção	Expressão formal do paciente-participante
Alta	Ativa transitiva	Nome completo
	Ativa reflexiva direta	Pronome (ἐαυτόν)
	Média reflexiva direta	Flexão (desinências médias)
Baixa	Ativa intransitiva	

É interessante pensar que, em português, o verbo ativo é usado da seguinte forma: *Vou lavar o pé; Vou lavar o pé do meu filho*. No primeiro exemplo, dificilmente um interlocutor perguntaria se o pé pertence ao próprio enunciador, enquanto na segunda, não há dúvida alguma quanto a isso. Em grego antigo, a média reflexiva direta já assinala o fato de a ação exercida pelo sujeito ser nele próprio e, no caso de não sê-lo, o falante optaria por uma construção ativa, acompanhada de um objeto direto. Dentre os exemplos encontrados em nosso *corpus*, temos:

a) καὶ χειρωσάμενος τὸν λέοντα τὴν μὲν δορὰν ἠμφιέσατο [...] (Apol. *Biblio.*

2.4.10) - Após derrotar o leão, **vestiu-se** com a pele [...]

b) [...]καὶ θέμενος ἐπὶ τῶν ὤμων ἐκόμιζεν εἰς Κλεωνάς [...] (Apol. *Biblio.*

2.4.10) – **tendo colocado** [o leão] nos ombros, levou consigo para Cleonas [...]

⁴⁵ Para maiores informações acerca dos trabalhos que registram o grau de separação conceitual entre dois participantes e o grau ao qual eles são autônomos lexical ou gramaticalmente, cf. Haiman (1983), Langacker (1991), Croft (1990) e Kemmer (1993).

Embora poucos tenham sido os exemplos de *média reflexiva direta* encontrados em *Biblioteca*, eles se mostraram bastante claros em relação ao prescrito por sua classificação e, cabe ressaltar, poucas foram as repetições de lemas, ou formas deponentes.

2.8) MÉDIA PERCEPTIVA

A média perceptiva está ligada a eventos em que um sujeito animado percebe um objeto por meio dos órgãos sensoriais. Assim, quem percebe é mentalmente afetado por essa percepção e o sujeito, então, pode ser considerado como um experienciador. Percepções podem ser tanto volitivas como não volitivas, embora as volitivas sejam mais frequentes. A maior parte dos verbos dessa categoria são deponentes, isto é, não possuem uma forma ativa e, ademais, para Allan (2003), em muitos casos o sujeito pode ser considerado *agente*, já que ele está "ativamente envolvido na percepção". Com verbos de visão, o objeto percebido vem no acusativo; em *verbos de audição e olfato*, o objeto percebido vem no genitivo. Verifiquemos os exemplos extraídos do *corpus*:

a) ἐπανελθῶν δὲ εἰς Φολόην Ἡρακλῆς καὶ Φόλον τελευτήσαντα **θεασάμενος**, θάψας αὐτὸν [...] (Apol. *Biblio.* 2.5.4) - Após retornar a Fóloe, **ao ver** Folo morto, Hércules enterrou-o [...]

O verbo em questão, **θεασάμενος**, do θεάομαι *ver, contemplar*, vem acompanhado de um acusativo, o pronome demonstrativo αὐτὸν.

b) [...] καὶ μετ' οὐ πολὺ τῆς ὀσμῆς **αἰσθόμενοι** παρῆσαν οἱ Κένταυροι [...] (Apol. *Biblio.* 2.5.4) - e não muito depois de **sentirem** o cheiro, os Centauros se aproximaram.

Nesse segundo exemplo, o verbo **αἰσθόμενοι, αἰσθόμαι, sentir**, possui um complemento no genitivo, τῆς ὀσμῆς, o substantivo *cheiro*. As construções com acusativo se aproximam do modelo de oração transitiva prototípica proposto por Langacker (1991) (capítulo 1, seção 1.2.1), sendo aquele que percebe o *Initiator*, que direciona sua visão a um objeto a ser percebido. O complemento no genitivo, por sua vez, para os verbos de audição e olfato, sugerem um genitivo de fonte, isto é, ele indica

que a percepção parte da entidade a ser percebida e segue a quem percebe. Allan (2003), ressalta que o próprio Apolônio Díscolo teceu comentários a respeito disso:

Também Apolônio observa que há uma diferença semântica entre os verbos de audição que são construídos com o genitivo, e os verbos de visão que possuem um acusativo. Em relação aos de audição, o sujeito, de acordo com Apolônio, é passivamente envolvido. O corpo está, ou como se estivesse, penetrado por uma experiência sensorial. Por outro lado, *ver* envolve um sujeito ativo. O sujeito pode controlar o evento ao fechar os olhos. Essas diferenças semânticas são refletidas na sua respectiva construção de casos. (p.70)

A diferença do emprego do acusativo e do genitivo pode estar diretamente à escolha linguística do falante, diante de seu conhecimento de mundo. No caso de um complemento no acusativo, entendemos que todo o conteúdo sensitivo foi capturado por quem percebe, enquanto que com o genitivo, essa captura parece parcial, o que nos levaria a entender esse genitivo como um partitivo. Numa oração como *Ouço uma voz*, a oposição acusativo/genitivo pode construir a diferença de sentido entre ouvir parcialmente algo ou em toda essência. De acordo com Viberg (1984), verbos de percepção podem ser dispostos em três categorias: a) uma percepção em que o experienciador está ativamente envolvido, *atividade controlada*; b) uma percepção em que o experienciador está envolvido mais passivamente, *experiência não controlada* e c) quando a fonte é assinalada como o sujeito, *construção estativa copulativa, baseada na fonte*⁴⁶. Esse último exemplo é exemplificado pelo autor como *um quadro que parece velho*, porém são exemplos não muito comuns em grego e não aparecem em nosso *corpus*. Kemmer (1993), aponta que "permanece a se analisar qual diferença entre mais ativo e menos ativo verbos de experiência são suportados pela diferença em padrões de marcação média". A esse respeito, Allan (2003) estabelece a relação expressa na tabela 28.

⁴⁶Os termos em itálicos são traduções daqueles usados por Viberg (1984), respectivamente: *controlled activity*; *non controlled experience* e *source-based copulative state construction*.

Tabela 26 - A volição e verbos gregos perceptivos

+ VOLIÇÃO	- VOLIÇÃO
ἀκούζομαι <i>ouvir</i>	αἰσθάνομαι <i>perceber</i>
ἀκροάομαι <i>ouvir, obedecer</i>	ὀσφραίνομαι <i>cheirar</i>
γεύομαι <i>provar</i>	ὄρᾳομαι <i>ver</i>
δέρκομαι <i>fixar o olhar</i>	
θεάομαι <i>olhar para</i>	
μαίομαι <i>procurar alguém pelo tato</i>	
σκέπτομαι <i>olhar</i>	
ἀθρέω <i>olhar</i>	αἶω <i>ouvir</i>
βλέπω <i>olhar</i>	ἀκούω <i>ouvir</i>
διοπτεύω <i>ver</i>	βλέπω <i>ver</i>
κλύω <i>ouvir</i>	κλύω <i>ouvir</i>
λεύσσω <i>olhar</i>	λεύσσω <i>ver</i>
σκοπέω <i>olhar</i>	ὄρᾳω <i>ver</i>

De acordo com a tabela 26, verbos de percepção tendem a ser mais volitivos, enquanto que as formas ativas tendem a ser menos volitivas. Se elegemos a *afetação do sujeito* como traço fundamental da voz média, como explicar, os verbos de percepção, já que mais ou menos volição não se enquadram na distinção de verbos médios? Allan (2003) argumenta que a volição é apenas um efeito colateral da afetação mental e não critério essencial para sua compreensão. No caso da existência de construções ativas, a possível diferença entre média e ativa será tratada no capítulo quatro desta dissertação.

2.9) MEDIA COMO ATIVIDADE MENTAL

Verbos médios que expressam atividade mental apresentam um sujeito animado que volitivamente realiza uma atividade mental, na qual esse próprio sujeito é afetado mentalmente. Com efeito, o sujeito possui dois papéis semânticos: *agente* e *experenciador*. Cabe salientar a existência de casos em que o sujeito pode extrair algum benefício dessa atividade mental e, por conseguinte, seu papel semântico seria de *beneficiário*, estreitando, inclusive, os limites para com a média reflexiva indireta, sobre

a qual teceremos comentários na seção 1.11. Allan (2003) elenca para essa situação os exemplos dispostos na tabela 27.

Tabela 27 - Verbos de atividade mental

Verbos de atividade mental
βουλεύομαι <i>resolver, aconselhar</i>
λογίζομαι <i>calcular</i>
μέδομαι <i>planejar</i>
μητίομαι <i>pensar</i>
σημαίνομαι <i>inferir pelos sinais</i>
σταθμάομαι <i>estimar</i>
τεκμαίρομαι <i>julgar pelos sinais</i>

Verbos de atividade mental são, em sua maioria, depoentes e, em nosso *corpus*, aparecem com uma frequência de ocorrência extremamente baixa o que será exposto e discutido, no capítulo três. Em geral, verbos de atividade mental designam um sujeito que concebe uma ideia por raciocínio, a qual pode estar relacionada a uma coisa (expressa como objeto direto) ou a um evento (expresso por um complemento no infinitivo). Vejamos o exemplo abaixo:

a) ἀνιᾶθεις δὲ Ἡρακλῆς προσδραμῶν τό τε βέλος ἐξείλκυσε [...] (Apol. *Biblio.* 2.5.4) – Hércules, **tendo-se perturbado**, após se apressar, retirou a flecha [...]

O exemplo acima foi uma das poucas ocorrências em nosso *corpus*, identificada como atividade mental. Nessa frase, a ideia concebida pelo sujeito está relacionado a um evento, no caso, o fato de Hércules ter atingido, acidentalmente, um centauro amigo com uma de suas flechas. Segundo Allan (2003), não há um limite abrupto entre a média de atividade mental e média de processo mental; a diferença crucial é que as atividades mentais são volitivas, o que nos remete a duas indagações: a) processo e atividade mentais e verbos de percepção não poderiam ser, então, unificados numa

mesma categoria, sendo a volição um traço pouco saliente e nem sempre distintivo? E b) em se tratando de processos e atividades mentais, não é complicado pensar em algo volitivo nesse sentido? Sweetser (1991) salienta que verbos que indicam percepção tendem a evoluir para verbos de atividade mental e, nesse sentido, afirma que essa metáfora está ligada à forte conexão entre visão e conhecimento e propriedades estruturais dos domínios visual e intelectual, ou seja, nossa habilidade em focar nossas atenções mentais e visuais, monitorar os estímulos mentais e visuais. Nesse sentido, Allan (2003) trata da seguinte forma:

Tal qual a perceptiva e a de processo mental, a estrutura semântica da atividade mental envolve duas relações causais simultâneas: a) um percebedor que foca sua tenção e faz contato mental com uma entidade percebida (uma “ideia”) e b) a entidade percebedora que, passando a existir, salienta uma afetação mental dentro do percebedor. O marcado médio de um verbo de atividade mental é motivado por uma relação causal (b): a atividade mental possui efeito no estado da mente do percebedor. Atividades mentais são semanticamente médias no sentido de o sujeito ser tanto *Initiator* quanto *Endpoint*. (p.75)

Houve certa dificuldade de classificação com relação a esse grupo de verbos, não só para como suas relações estreitas com a média perceptiva e de processos mentais, bem como para seus limites nem sempre muito claros para com a média reflexiva indireta. Nós, no entanto, propomos uma nova classificação nesse grupo da medial, que será apresentada no capítulo a seguir.

2.10) MÉDIA COMO ATO DE FALA

A média como ato de fala refere-se a um sujeito que é envolvido no ato de fala de um modo particular. Sendo atos de fala volitivos, o sujeito pode ser considerado como *agente*, como também pode ser interpretado como *beneficiário* ou *experienciador*. Em grego, dentre os verbos que podem se enquadrar nessa classificação temos aqueles listados nas tabelas 28 e 29.

Tabela 28 - Verbos de atos de fala e de fala emocional

Verbos de atos de fala	Verbos de fala emocional
ἀγοράομαι <i>falar em assembleia</i>	αἰτιάομαι <i>acusar</i>
ἄραομαι <i>rezar</i>	ἀναίνομαι <i>negar</i>
ἀπολογέομαι <i>falar em defesa</i>	ἄρνεομαι <i>recusar</i>
μαντεύομαι <i>profetizar</i>	λοιδορέομαι <i>acusar</i>
μυθέομαι <i>falar</i>	μέμφομαι <i>acusar</i>
προφασίζομαι <i>alegar uma desculpa</i>	μύρομαι <i>lamentar</i>
φθέγγομαι <i>falar em voz alta</i>	μωμέομαι <i>acusar</i>
ψεύδομαι <i>mentir</i>	ὀδύρομαι <i>lamentar</i>
	ὀλοφύρομαι <i>lamentar</i>

Tabela 29 - Verbos de promessa, comando e de pergunta e resposta

Verbos de promessa	Verbos de comando	Verbos de pergunta e resposta
εὐχομαι <i>rezar</i>	ἐφίεμαι <i>comandar</i>	ἀμείβομαι <i>responder</i>
στεῦται <i>prometer</i>	ἐντέλλομαι <i>comandar</i>	ἀποκρίνομαι <i>responder</i>
ὑπισχνέομαι <i>prometer</i>	κέλομαι <i>comandar</i>	δέομαι <i>implorar</i>
ὑφίσταμαι <i>prometer</i>		ἠρόμην <i>perguntar</i>
		λίσσομαι <i>implorar</i>
		πυνθάνομαι <i>perguntar</i>

A partir da análise das ocorrências das formas verbais encimadas, notamos um predomínio de verbos depoentes nessa categoria. Conforme anteriormente ressaltado, a existência de uma forma ativa para esses verbos e sua diferença para com a construção média serão tratadas no último capítulo desta dissertação. É interessante notar que os verbos com o sentido de *dizer, falar* (ἀγορευώ, λέγω, καλέω) tendem a ocorrer na forma ativa, o que nos permite questionar, então, qual a diferença desses verbos para com as formas médias de ato de fala? Allan (2003) afirma que os verbos médios de ato de fala parecem ser mais específicos em relação ao seu sentido lexical. A flexão média

de verbos de discurso pode ser explicada semanticamente de duas formas. Primeiro, em muitos casos o sujeito pretende ganhar *benefício* do ato de fala, como em ἀράομαι, *desejar que*, εὐχομαι *pedir algo*, λίσσομαι *implorar*. Esses verbos médios são similares à média reflexiva indireta, na qual ao sujeito pode ser designado o papel semântico de *benefeciário*, questão essa a ser tratada na seção seguinte. Em segundo lugar, muitos verbos médios de discurso implicam num forte – ou pelo menos mental – envolvimento emocional por parte do falante: αἰτιάομαι *acusar*, ὀδύρομαι *lamentar-se*, ὀλοφύρομαι *queixar-se*. O sujeito de verbos de atos de fala emotivos pode ser entendido como aquele que exerce o papel semântico de *experienciador*. Os exemplos abaixo foram extraídos de Apolodoro:

a) μετ' Ἀπόλλωνος δὲ Ἄρτεμις συντυχοῦσα ἀφηρεῖτο, καὶ τὸ ἱερόν ζῶον αὐτῆς κτείνοντα **κατεμέμεφτο**. (Apol. *Biblio.* 2.5.3) – Ártemis, em companhia de Apolo, encontrou-o (Hércules), tomou-a (a corça) e o **acusou** de tentar matar o sagrado animal dela.

b) ὁ δὲ ὑποτιμησάμενος τὴν ἀνάγκην, καὶ τὸν αἴτιον εἰπὼν εὐρουσθέα γεγονέναι [...] (Apol. *Biblio.* 2.5.3) – Hércules, **tendo alegado** necessidade e dizendo ser Euristeu o culpado [...]

Os exemplos coletados, como nas demais ocorrências, mostram situações de caráter judiciário, ou seja, propõe-se o julgamento de determinada ação com a qual o sujeito possui alguma relação, seja no desejo de ser absolvido (como na oração *b*), ou de punir alguém por algum motivo prévio (como na frase *a*, quando Ártemis repreende Hércules por tentar matar sua corsa). Em nosso *corpus* de análise, encontramos exemplos verbos com sentido de *perguntar* e *responder*, que exigem um olhar atento na forma de interpretá-los. É possível enxergamos o papel semântico *de experienciador*, no sentido de que quem pergunta, deseja, de algum modo, obter a informação desejada como consequência de sua pergunta⁴⁷.

⁴⁷ Não é nosso objetivo esmiuçar a interpretação de sentidos para verbos como *perguntar*, encontrados em diversas obras de língua grega. Para maiores detalhes, cf. ALLAN (2003, p.78).

2.11) MÉDIA REFLEXIVA INDIRETA

A média reflexiva indireta envolve eventos transitivos realizados por um sujeito volitivo (como agente), que é afetado quando recebe benefício da ação realizada, por conseguinte, o sujeito possui o papel semântico de *beneficiário*. A figura 11 ilustra essa noção:

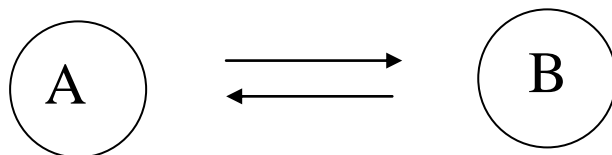


Figura 11 - Modelo cognitivo para a média reflexiva indireta

Há, contudo, um problema em identificar a diferença entre o papel de beneficiário e o de recipiente, uma vez que a média reflexiva indireta possui o objeto efetivado ou afetado à sua disposição como resultado do evento. Sujeitos recipientes são encontrados apenas em verbos depoentes. Com relação aos verbos com esse sentido, reunimos alguns na tabela 30.

Tabela 30 - Verbos reflexivos indiretos

Verbos reflexivos indiretos	
ἀκέομαι <i>curar</i>	λάζομαι <i>apoderar-se de</i>
αἴνυμαι <i>apoderar-se de</i>	ληίζομαι <i>apoderar-se de</i>
ἀρυνυμαι <i>adquirir</i>	ῥύομαι <i>proteger</i>
δέχομαι <i>aceitar</i>	σίνομαι <i>gastar</i>
δίζημαι <i>procurar</i>	σιτέομαι <i>comer</i>
ἐργάζομαι <i>trabalhar em</i>	χειρόομαι <i>sobrepujar</i>
ἰάομαι <i>tratar, curar</i>	ὠνέομαι <i>comprar</i>
κτάομαι <i>adquirir</i>	

De acordo com Allan (2003), a média reflexiva indireta é uma forma não enfática de expressar que o sujeito é o beneficiado, de modo que, quando houver intenção de se enfatizar esse benefício, o grego faz uso do pronome reflexivo acompanhado de uma construção ativa. É interessante notar que os verbos médios reflexivos indiretos, quando comparados com sua oposição ativa, deixam mais clara a diferença de sentido entre as duas construções. Kühner & Gunt (1898) apontam para os pares expressos na tabela 31.

Tabela 31 - Verbos reflexivos indiretos: ativa vs média

Verbos reflexivos indiretos: ativa vs. média	
δανείζω <i>emprestar</i>	δανείζομαι <i>pegar emprestado</i>
κίχρημι <i>emprestar</i>	κίχραμαι <i>pegar emprestado</i>
τίνω <i>pagar</i>	τίνομαι <i>punir</i>
χράω <i>dar um oráculo</i>	χράομαι <i>consultar um oráculo</i>
ώνέω <i>vender</i>	ώνέομαι <i>comprar</i>

a) Φερεκύδης δέ φησιν Ἀμφιτρούωνα, **βουλόμενον** μαθεῖν ὁπότερος ἦν τῶν παίδων ἐκείνου, τοὺς δράκοντας εἰς τὴν εὐνήν ἐμβαλεῖν [...] (Apol. *Biblio.* 2.4.8) – Ferecides diz que Anfítrio, **desejando** saber qual dos dois era seu filho, teria colocado as serpentes na cama [...]

b) διὸ τοῦτον ἀποκτείνας **ἐπεκαλέσατο** καὶ αὐτὸς βοηθὸν τὸν Ἰόλαον [...] (Apol. *Biblio.* 2.5.2) - Assim, após matá-lo, **chamou** ele próprio Iolau como seu assistente [...]

c) οὗτος Ἡρακλεῖ μὲν ὀπτὰ παρείχε τὰ κρέα, αὐτὸς δὲ ὠμοῖς **ἐχρήτο**. (Apol. *Biblio.* 2.5.4) - Ele ofereceu a Hércules um grelhado e **serviu** – se de carne crua.

d) Αὐγείας δὲ ἀπιστῶν **ὑπισχνεῖται** (Apol. *Biblio.* 2.5.5) – Embora duvidasse, Áugias **faz a promessa**.

e) τελεσθέντων δὲ τῶν ἄθλων ἐν μηνὶ καὶ ἔτεσιν ὀκτώ, μὴ **προσδεξάμενος** Εὐρυσθεὺς τὸν τε τῶν τοῦ Αὐγείου βοσκημάτων καὶ τὸν τῆς ὕδρας, ἐνδέκατον ἐπέταξεν ἄθλον παρ’ Ἑσπερίδων χρύσεια μῆλα κομίζειν. (Apol. *Biblio.* 2.5.11) - Tendo sido realizados os trabalhos em oito anos e um mês, como Euristeu não **aceitou** o trabalho dos estábulos de Áugias e o da hidra, como décimo – primeiro trabalho, mandou trazer as maçãs douradas de Espérides.

f) ὁ δὲ πολιορκούμενος ἐπεκαλέσατο τὸν Ἡρακλέα βοηθὸν ἐπὶ μέρει τῆς γῆς (Apol. *Biblio.* 2.5.2) – Como estava sitiado, **chamou** Hércules em seu socorro, em troca de um pedaço de terra.

g) Ἡρακλῆς δὲ ἐντειλάμενος Ὑλλῶ, ὃς ἐκ Δηιανείρας ἦν αὐτῶπαῖς πρεσβύτερος, Ἴολην ἀνδρωθέντα γῆμαι, παραγενόμενος εἰς Οἶτην ὄρος [...] (Apol. *Biblio.* 2.7.7) - Heracles, **após ordenar** a Hilo, seu filho mais velho com Dejanira, que se casasse com Iole, após tornar-se adulto, tendo chegado ao monte Eta [...]

A *média reflexiva indireta* é a mais recorrente em nosso *corpus*, algo a ser discutido ainda no capítulo 3 desta dissertação, em que trataremos da categoria prototípica da voz média, confrontando com aquela encontrada por outros autores. De fato, a reflexiva indireta medial é a que mais se aproxima das definições mais comumente encontradas em gramáticas de língua grega, nas quais a voz média é vista como uma ação na qual o sujeito possui um interesse. Notamos nos exemplos acima que o emprego dessa categoria mostra ações de um sujeito das quais ele tira benefício; em outras palavras, há um contexto no qual existe um interesse para se fazer tal declaração.

2.12. ANÁLISE DOS TRAÇOS SEMÂNTICOS

Vimos, aqui, as classificações utilizadas por Allan (2003) para os diferentes empregos da voz média no grego antigo. Utilizamos as passagens da figura heroica de Hércules, narradas por Apolodoro, a fim de exemplificar cada uma dessas categorias estabelecidas pelo autor. Com base nessas categorias, sem reunirmos os traços semânticos inerentes a cada um delas, segundo o autor, considerando que para cada uma dessas classificações podem existir exceções à regra geral, podemos estabelecer o seguinte quadro⁴⁸:

⁴⁸ Extraído de ALLAN, 2003, p.87

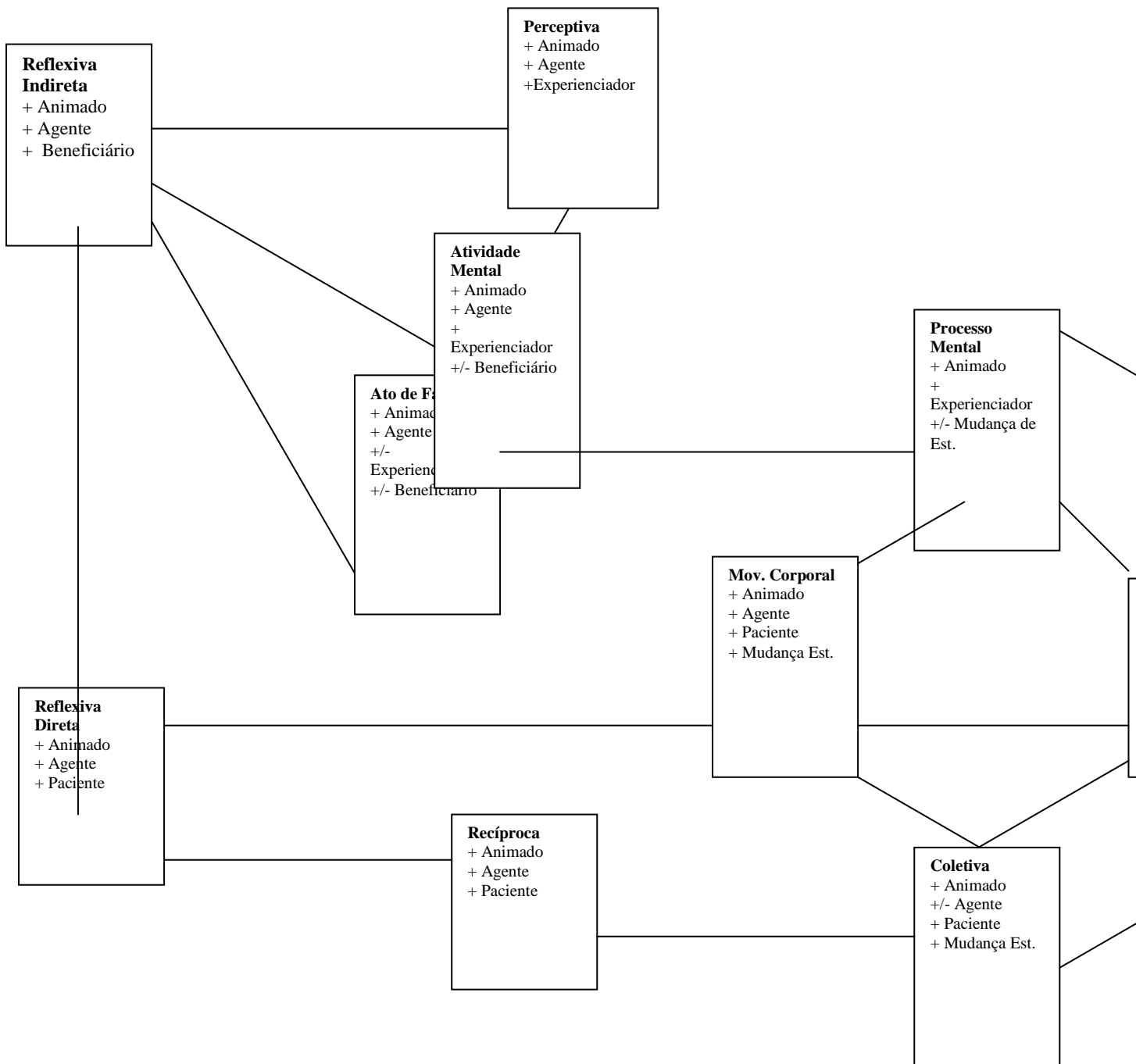
Tabela 32- Traços semânticos dos diferentes tipos da voz média

	Sujeito Animado	Sujeito Agente	Sujeito Beneficiário	Sujeito Experienciador	Sujeito Paciente	Sujeito que passa por mudança de estado
Média Passiva	+/-	-	-	-	+	+/-
Processo Espontâneo	-	-	-	-	+	+
Processo Mental	+	-	-	+	-	+/-
Movimentação Corporal	+	+	-	-	+	+
Ação Coletiva	+	+/-	-	-	+	+
Recíproca	+	+	-	-	+	-
Reflexiva Direta	+	+	-	-	+	-
Perceptiva	+	+	-	+	-	-
Atividade Mental	+	+	-	+	-	-
Ato de Fala	+	+	+/-	+	-	-
Reflexiva Indireta	+	+	+	-	-	-

2.13. O MAPA SEMÂNTICO

Se reunirmos, então, as categorias estabelecidas por Allan (2003), num mapa semântico da voz média, com base nas proximidades e, ao mesmo tempo, diferenças entre as classificações, temos o seguinte esboço⁴⁹:

⁴⁹ Baseado no mapa semântico criado por ALLAN (2003, p.88)



Vimos, neste capítulo, as onze categorias estabelecidas por Allan (2003) para a classificação da voz média do grego antigo, sendo elas: a) média-passiva; b) processo espontâneo; c) processo mental; d) movimentação corporal; e) ação coletiva; f) recíproca g) reflexiva direta; h) perceptiva; i) atividade mental; j) ato de fala e k) reflexiva indireta. Ademais, buscamos, por meio dos exemplos em nosso corpus, expor como essas categorias podem ser compreendidas e contextualizadas, a fim de justificar seu uso. Em seguida, mostramos e discutimos os dois mapas semânticos propostos pelo autor, a fim de delimitar o escopo de cada classificação. No capítulo seguinte, abordaremos a questão da abordagem baseada em corpus, tratando da Linguística de Corpus como ferramenta metodológica deste trabalho, além de apresentarmos os dados referente ao levantamento de ocorrências de voz média em Apolodoro, discutindo os resultados, elegendo a categoria prototípica e uma reformulação nas categorias propostas por Allan (2003).

Capítulo 3 – Re-classificação do uso da voz média em Apolodoro: uma abordagem baseada em *corpus*

Neste capítulo, nosso objetivo é expor, do ponto de vista teórico e prático, como a abordagem baseada em *corpus* (Linguística de *Corpus*) foi aplicada nesta pesquisa, como ferramenta metodológica, permitindo a realização de um trabalho descritivo, por meio do uso de ocorrências contextualizadas, possibilitando uma investigação mais aprofundada no que diz respeito à medial; além de mostrarmos os *softwares* de apoio para nossa coleta de dados. Com o intuito de continuar a busca pelas respostas para as perguntas previamente feitas por este trabalho - a) qual o principal traço semântico da voz média?; b) como diferenciá-lo das demais vozes? e c) como os diferentes tipos da medial estão relacionados uns aos outros? - neste capítulo, também, faremos o levantamento do total de ocorrências das formas verbais médias encontrada na obra *Biblioteca*, de Apolodoro, bem como gráficos estatísticos que enquadram as ocorrências nas classificações de Allan (2003), explicitadas no capítulo dois desta dissertação. A partir desse levantamento, será possível, então, verificar qual a categoria prototípica da voz média no grego antigo, tendo em foco nosso *corpus*. Propomos, por fim, uma reorganização das categorias propostas por Allan (2003), já como uma análise crítica na forma como ele classifica os verbos médios, de modo a diminuir o número de categorias, englobando aquelas cujos limites de diferenciação de sentido são muito estreitos. A seguir, portanto, damos início à justificativa da escolha do *corpus* e da forma com que foram aplicados os *softwares*.

3.1 O *corpus* selecionado e a aplicação dos *softwares* de pesquisa

Acerca do estudo dos textos de Apolodoro, nosso trabalho em Iniciação Científica nos assegurou quanto à viabilidade didática de se trabalhar com esse autor, visto que sua obra está escrita no dialeto padrão ateniense, que foi de extremo auxílio para o enfoque didático que contemplamos nesse trabalho, e compila diversas passagens mitológicas, uma vez que é grande o interesse, em outras áreas do conhecimento, por figuras heroicas gregas. Vale destacar que a obra *Biblioteca*, do autor em questão, de grande riqueza cultural e literária, não possui tradução para o português. Trata-se de um texto autêntico, isto é, existe na linguagem e não foi criado com a intenção de figurar em um *corpus*. A tradução preliminar das passagens que narravam as histórias de Hércules, seu nascimento, casamento, doze trabalhos e morte; não só nos asseguraram

sua viabilidade de utilizá-las para fins didáticos, como também justificaram um trabalho de descrição da voz média, por contemplar os diferentes empregos dessa categoria verbal.

Diante disso, dando sequência e complementando o trabalho prévio, buscamos desenvolver, com a ampliação do *corpus*, conclusões mais aprofundadas, identificando, com maior precisão, o escopo da voz média. O resultado dessa pesquisa nos possibilitou criar um pequeno material de suporte didático para alunos e professores de grego antigo, sobre o qual teceremos comentários ainda neste capítulo (seção 3.4). Neste trabalho de mestrado, ampliamos o *corpus* utilizado em Iniciação Científica, abarcando, desta vez, toda a obra de Apolodoro, que se inicia com a origem dos deuses gregos, até a fuga de Jasão e Medeia da Cólquida.

A linguística de *corpus*,⁵⁰ como recurso metodológico, possui ferramentas que permitem a descrição de vários aspectos linguísticos e, por isso, surgiu como suporte de grande valia a nossa pesquisa. Conforme salienta Sardinha (2000);

A Linguística de Corpus ocupa-se da coleta e exploração de corpora, ou conjunto de dados linguísticos textuais que foram coletados criteriosamente com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem através de evidências empíricas, extraídas por meio de computador” (p.3)

O autor em questão ainda fundamenta suas reflexões sobre linguagem como um sistema probabilístico que deve ser estudado numa abordagem empírica, com base no pressuposto de que as possibilidades teóricas, tais como as categorias usadas nas classificações dos traços linguísticos não coincidem com a frequência de ocorrências. Visamos a uma abordagem empírica, considerando o uso natural da linguagem, utilizada em situações reais. Portanto, nesta pesquisa descritiva, a linguística de *corpus* parece-nos adequada aos objetivos que propusemos. Por meio dos recursos associados à linguística de *corpus*, como listagem automática dos itens lexicais em ordem alfabética, de frequência e finais, foi possível realizar as seguintes etapas: a) identificar e mapear as ocorrências de voz média (i.e. de morfologia médio-passiva) no *corpus* proposto, selecionadas pelos programas computacionais escolhidos; b) efetuar as concordâncias, analisar o contexto, as colocações e clusters das formas encontradas e comparar com as

⁵⁰ Para maiores informações acerca da Linguística de Corpus, sua história e desenvolvimento, cf. SARDINHA (2000), (2004).

classificações, teoricamente, definidas como voz média, observando o campo semântico da medial no *corpus*; e c) levantar os padrões frasais, ou unidades sintagmáticas com emprego dos verbos na forma e no sentido da voz média, com base na frequência de sua ocorrência.

Ao longo desta pesquisa, no que diz respeito ao uso de *softwares* para a identificação, coleta e análise dos verbos na voz média do grego antigo, houve um momento referente à listagem das palavras, a partir dos traços morfológicos que definiam a voz média do grego, e um segundo momento que contemplou a classificação dessas ocorrências a partir de seu sentido no contexto em que se inseriam. O *software* selecionado para o início dos trabalhos de busca foi o Antconc⁵¹, na versão 3.2.0, um *freeware* (gratuito) multiplataforma que foi criado como um "*toolkit*" - um kit de ferramentas para análise de *corpus* voltada para o contexto de ensino de inglês para fins específicos, mais precisamente, redação técnica. Desse *kit* ou caixa de ferramentas fazem parte: as funções básicas de:

- a) lista de palavras (*wordlist*) com estatística básica do *corpus*: frequência total de ocorrências (*tokens*), frequência de ocorrências sem repetições (*types*), frequência de ocorrências e posição em ordem de frequência, ou ordem alfabética ou ordem de finais;
- b) concordanciador: cada palavra da lista de palavras gerada funciona como hyperlink para a lista de concordâncias, que pode ser configurada a exibir a probabilidade da palavra-alvo em relação às demais;
- c) lista de *clusters* (co-ocorrências) de palavras específicas pesquisadas pelo pesquisador, que pode ser configurada para exibir grupos de vários tamanhos ("n" palavras), com a probabilidade da co-ocorrência, bem como a frequência mínima de co-ocorrências;
- d) lista de *n-grams*, que são co-ocorrências identificadas automaticamente pelo programa em função dos parâmetros estabelecidos pelo pesquisador, em relação ao tamanho do n-gram e da frequência de ocorrência mínima;
- e) lista de *keywords*, uma lista de palavras estatisticamente gerada a partir da comparação de frequências entre um corpus de referência grande e um corpus de estudo menor;
- f) lista de colocados, que fornece a estatística da posição de uma palavra no texto em

⁵¹ Vídeo tutorial disponível em http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/antconc_index.html

relação aos parâmetros de co-ocorrências investigados pelo pesquisador (palavras à direita e à esquerda da palavra investigada);

g) *plot* de concordância, que é o registro gráfico da posição no texto da palavra investigada.

Primeiramente, converteu-se o arquivo para o formato *txt* para UFTI-8 e, a seguir, com o arquivo aberto, selecionamos a opção para a elaboração de uma lista de palavras (*word list*), ainda ativando o critério de separar todos os vocábulos pela sua terminação (*Sort by word end*). A figura 12 mostra como o programa apresenta esses dados.

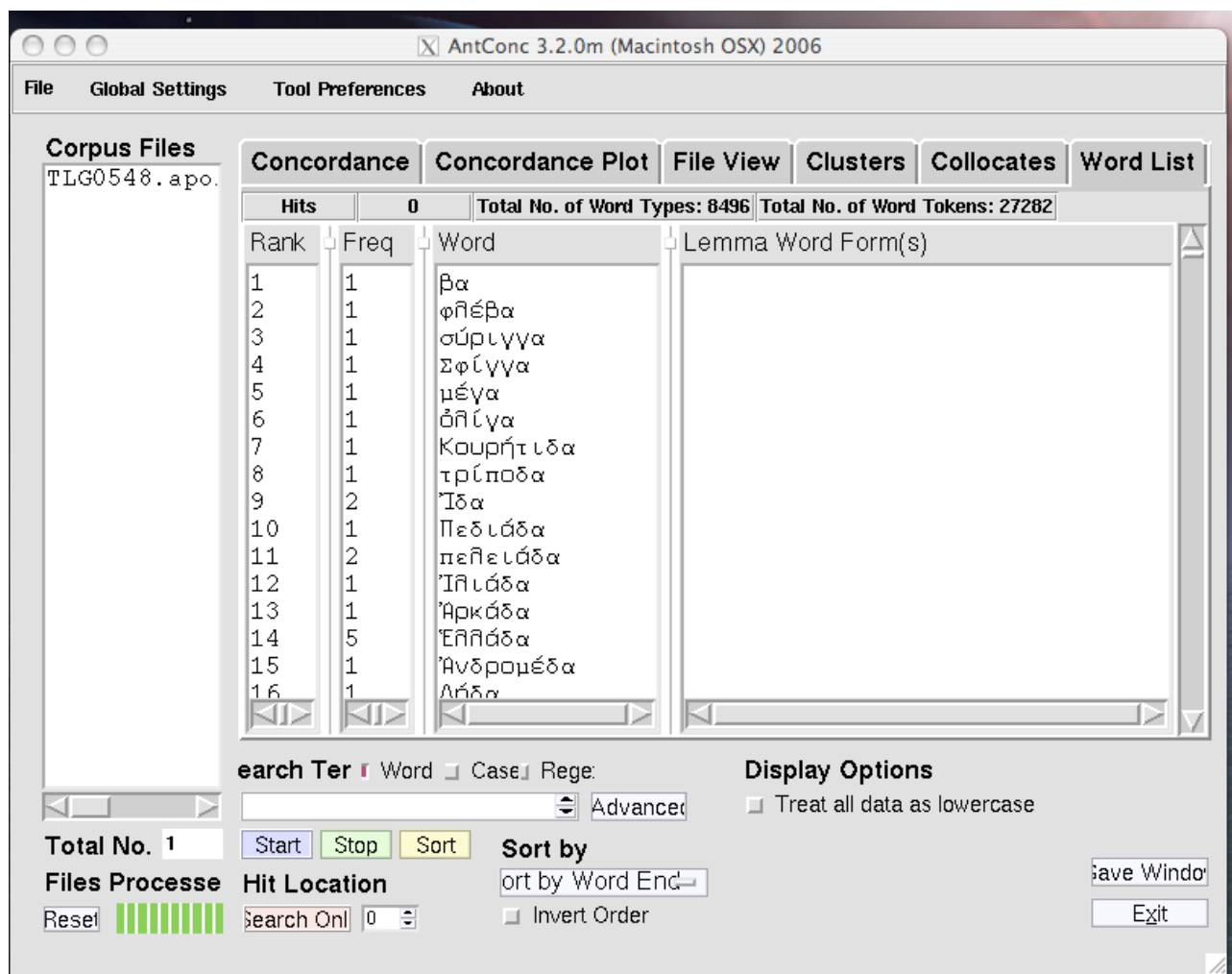


Figura 12 - Apresentação dos dados no software AntConc

Uma vez que a voz média no grego é morfologicamente marcada, torna-se possível, a partir dessa lista com terminações de palavras, encontrar suas ocorrências no texto selecionado, porém essa tarefa passa por alguns obstáculos. Primeiramente, pensemos nas terminações médias de possível realização em alguns tempos verbais, no grego antigo, tal qual expressos na tabela 33:

Tabela 33 - Desinências médias de presente; futuro; aoristo e imperfeito do indicativo.

PRESENTE MÉDIO	FUTURO MÉDIO	AORISTO MÉDIO	IMPERFEITO MÉDIO
-ομαι	-σομαι	-σαμην	-όμεν
-υει	-σει	-σω	-ου
-εται	-σεται	-σατο	-ετο
-όμεθα	-σόμεθα	-σαμεθα	-όμεθα
-εσθε	-σεσθε	-σασθε	-εσθε
-ονται	-σονται	-σαντο	-οντο

Após o reconhecimento dessas desinências, surge o problema da ambiguidade entre formas de tempos, modos e vozes diferentes. A primeira grande equivalência se dá em relação às terminações, uma vez que, conforme ressaltado, média e passiva, no grego, compartilham as mesmas desinências nos tempos presente, imperfeito, perfeito e mais que perfeito, sendo distintas apenas no futuro e no aoristo. Por conseguinte, no caso de uma desinência em um dos quatro primeiros tempos, o primeiro passo é verificar se se trata de uma construção tipicamente passiva ou média. Além disso, frequentemente ativa e média compartilham também mesmas formas. Pensemos, por exemplo, em εὐστοχῆσαι, do verbo εὐστοχέω, *suceder*: essa construção pode corresponder à terceira pessoa do aoristo optativo ativo; ao infinitivo aoristo, ativo e à segunda pessoa do singular, do aoristo imperativo médio. Diante desse problema, torna-se, então, necessário, analisar o contexto em que a frase está inserida, a fim de sanar as possibilidades de variantes de seu significado. No caso de uma desinência exclusivamente média, a análise do contexto é feita, a fim de confirmarmos a

classificação dessa forma verbal, de acordo com os grupos estabelecidos por Allan (2003), abordados no segundo capítulo desta dissertação. Tomemos agora, como exemplo, o verbo ἡμφιέσατο, *vestir-se*, que não apresenta ambiguidade de formas e, portanto, sendo uma construção média, de acordo com o funcionamento do *software*, clicando sobre o vocábulo desejado, abre-se a frase em que ela ocorre e, dessa forma, analisamos seu sentido na oração, conforme abaixo.

Contexto: a) καὶ χειρωσάμενος τὸν λέοντα τὴν μὲν δορὰν ἡμφιέσατο [...] (Apol. *Biblio.* 2.4.10) - Após derrotar o leão, **vestiu-se** com a pele [...]

Compreendido o contexto, a tarefa seguinte é analisar e classificar esse emprego da medial em uma das categorias propostas por Allan (2003) e, nesse caso, o exemplo encontra-se no grupo da *Média Reflexiva Direta*, já que é uma ação que o sujeito executa em si próprio e, normalmente, é feita pelas próprias mãos⁵².

Prosseguindo na análise da *Word List*, encontramos a forma θεασάμενος, *ver*; *contemplar*, no seguinte contexto:

b) ἐπανελθὼν δὲ εἰς Φολόην Ἡρακλῆς καὶ Φόλον τελευτήσαντα **Θεασάμενος**, θάψας αὐτὸν [...] (Apol. *Biblio.* 2.5.4) - Após retornar a Fóloe, ao **ver** Fólo morto, Hércules enterrou-o [...]

Trata-se de uma *Média Perceptiva*, já que um sujeito não só percebe um objeto por meio dos órgãos sensoriais como também possui papel semântico de *experienciador*. Vale ressaltar que, embora nesse caso tenhamos uma construção exclusivamente média, a verificação do contexto é importante, por possibilitar também a notificação da possibilidade de um participio substantivado, o que acarretaria num outro tipo de interpretação. Outra ferramenta que nos auxiliou na confirmação das ocorrências foi o *Perseus Digital Library*⁵³, uma biblioteca digital que oferece recursos computacionais, como o *vocabulary tool*, que lista todas as palavras de uma ou mais obras, indicando frequência de ocorrência, etc., idealizado a partir de 1985, no intuito de atender às novas demandas tecnológicas, quando os livros passavam a ser digitalizados.

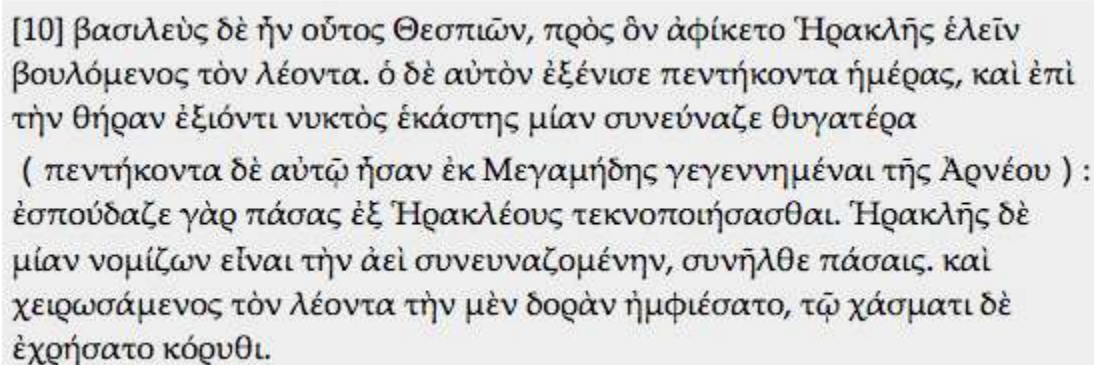
⁵² O detalhamento de cada uma dessas categorias da voz média foi feito no capítulo 2 desta dissertação.

⁵³ Biblioteca Digital Perseus, disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu>

Nesse sentido, construiu-se um banco de dados, com traduções de várias obras greco-latinas, com notas e comentários de seus respectivos tradutores e, tal qual define o próprio Smith (2000):

A Biblioteca Digital Perseu é um banco de ensaio substancial de materiais do grego arcaico e clássico, o início do império romano, e da Europa moderna. A arquitetura do Perseu inclui ferramentas que se encaixa na necessidade dos humanistas: análise linguística para línguas muito flexionais; ligação e alinhamento com esquemas de citação canônicos, terminologia, espacial e base de dados visuais para contextualização documental. Essas ferramentas fornecem tanto escalabilidade para conectar entidades díspares na biblioteca digital e um alicerce para performance de síntese cultural de humanidades.⁵⁴

Com um acesso bastante prático, a Biblioteca Digital *Perseu* nos apresenta os textos em grego conforme demonstrado na figura 13.



[10] βασιλεὺς δὲ ἦν οὗτος Θεσπιῶν, πρὸς ὃν ἀφίκετο Ἡρακλῆς ἐλεῖν βουλόμενος τὸν λέοντα. ὁ δὲ αὐτὸν ἐξένισε πεντήκοντα ἡμέρας, καὶ ἐπὶ τὴν θήραν ἐξιόντι νυκτὸς ἐκάστης μίαν συνεύναζε θυγατέρα (πεντήκοντα δὲ αὐτῷ ἦσαν ἐκ Μεγαμῆδης γεγεννημέναι τῆς Ἀρνέου) : ἐσπούδαζε γὰρ πάσας ἐξ Ἡρακλέους τεκνοποιήσασθαι. Ἡρακλῆς δὲ μίαν νομίζων εἶναι τὴν αἰὶ συνευναζομένην, συνῆλθε πάσαις. καὶ χειρωσάμενος τὸν λέοντα τὴν μὲν δορὰν ἠμφιέσατο, τῷ χάσματι δὲ ἐχρήσατο κόρυθι.

Figura 13 - Apresentação do texto em grego na Biblioteca Digital Perseu

Cada um dos vocábulos possui um *link* que, quando acionado, permite a visualização de uma análise morfológica sugerida pelo Perseus, além da possibilidade de acesso a dicionários eletrônicos, para analisar diferentes acepções e contextos de uma palavra. É importante ressaltar que, diante da frequente ambiguidade de formas presente na língua grega, essa análise morfológica oferecida deve passar por uma verificação, pois nem sempre as sugestões dadas condizem com o emprego no texto, já que são comuns ocorrências polissêmicas. Funcionando concomitantemente com o AntConc, que também permite o acesso ao texto e, por conseguinte ao contexto do verbo, após

⁵⁴ Tradução nossa

apontarmos uma possibilidade de construção média, verificamos, imediatamente, no Perseus Digital Library, essa hipótese e, em seguida, passamos a traduzir e interpretar a ocorrência. O uso de recursos computacionais além de auxiliar na agilidade do andamento dos trabalhos, oferece alternativas que permitem o aprofundamento nas análises e na consequente extração de resultados mais plausíveis. Dessa forma, em nosso trabalho, a análise das ocorrências da voz média permite-nos definir seu escopo, construir uma tabela na qual estejam todas as ocorrências e, por conseguinte, encontrar qual possivelmente é sua forma prototípica e entender sua complexidade semântica presente nos textos gregos. Na seção a seguir, apontaremos os resultados encontrados nesse levantamento de dados da medial, a partir do qual definiremos sua categoria prototípica na obra de Apolodoro.

3.2 A categoria prototípica – análise das ocorrências encontradas

Em continuidade às discussões desenvolvidas nesta dissertação, nosso próximo passo, nesta seção, é expor os verbos coletados e analisados em nosso *corpus*, classificando-os conforme as categorias empregadas por Allan (2003), de modo a encontrar qual a categoria prototípica da voz média grega. Cabe ressaltar que, uma vez que nossa análise incide, especificamente, numa única obra dessa língua, para conclusões mais globais, seria necessário uma ampliação desse *corpus*, o que não ocorre neste trabalho. No entanto, será possível compararmos nossos resultados com os de Allan (2003), que também sugere uma categoria prototípica em seu levantamento de dados.

Primeiramente, o que chamamos de categoria prototípica? Definimo-la como o melhor exemplo dentre de um conjunto, isto é, um membro prototípico possui a maior quantidade de atributos em comum aos outros membros desse conjunto, ao mesmo tempo em que possui a menor quantidade de atributos que pertencem a membros de categorias vizinhas. Rosh (1975), a esse respeito, esclarece por meio da categoria *pássaro*, que, para estudantes americanos, é melhor representada pelo pintarroxo, em direção oposta ao avestruz (que não voa) e ao pinguim (que além de não voar, não possui penas de fácil identificação). As reflexões do autor foram precursoras para as de outros importantes autores, como Lakoff (1987) e sua *network radial*; Langacker (1987), *complex network model*; e Taylor (1989), *family resemblance network*. De acordo com Allan (2003), o modelo de Langacker (1987) difere um pouco dos outros dois, visto que além do nível de concretude, os sentidos de uma unidade linguística

interrelacionados polissemicamente, ele argumenta acerca de um nível mais elevado, chamado de *esquema abstrato*, que, juntamente com a noção da categoria prototípica, é especificado da seguinte maneira:

Um protótipo é uma exemplo típico de uma categoria, e outros elementos são assimilados à categoria com base na sua semelhança saliente em relação ao protótipo; há graus de filiação baseado no grau de semelhança. Um esquema, ao contrário, é uma categorização abstrata que é completamente compatível com todos os membros da categoria que define (então, filiação não é uma questão de grau); é uma estrutura integrada que abarca o que é comum a todos os membros. (p. 371)

A obra *Biblioteca*, de Apolodoro, possui um total de 35.180 palavras⁵⁵, dentre as quais, 4070, se contadas, excluindo as repetições, e apenas 802 aparecem uma única vez. Quanto à densidade lexical, dividindo os dois primeiros valores, temos um resultado de 8,6, ou seja, uma palavra nova a cada 8,6 repetidas. Um problema enfrentado no grego antigo no uso dos *softwares* com que trabalhamos refere-se à lematização, isto é, reunir todas as flexões de uma palavra numa única forma, o lema, o que dificulta, por exemplo, encontrar se um verbo é médio ou ativo, quando não for uma forma deponente. Quanto aos verbos médios, foram encontradas 1251 ocorrências e, sobre esses resultados, podemos resumi-los na tabela 34.

Tabela 34 - Ocorrências de voz média em Apolodoro

TIPO DE MEDIAL	N. DE OCORRÊNCIAS	PORCENTAGEM
Média Passiva	124	10%
Processo Espontâneo	274	22%
Processo Mental	77	6,5%
Movimentação Corporal	215	18%
Ação Coletiva	13	1%
Recíproca	43	3,5%
Reflexiva Direta	26	2%
Perceptiva	36	3%

⁵⁵ Dados extraídos da Perseus Digital Library.

TIPO DE MEDIAL	N. DE OCORRÊNCIAS	PORCENTAGEM
Atividade Mental	06	0,5%
Ato de Fala	65	5,2%
Reflexiva Indireta	372	30%
Total de de ocorrências	1251	100%

Nessa primeira contagem, fizemos um cálculo básico, contando todas as ocorrências classificadas como média e sua porcentagem no total de ocorrências da obra. Nessa exposição, nota-se o predomínio da Reflexiva Indireta, seguida pelo Processo Espontâneo e a Movimentação Corporal. Essa contagem, no entanto, não desconsidera a repetição de lemas, tampouco as formas depoentes, isto é, aqueles que só possuem forma média e, conseqüentemente, não dariam ao falante do grego antigo a opção de uma construção ativa. Nessa nova verificação, encontramos os resultados listados na tabela 35.

Tabela 35 - Verbos depoentes em Apolodoro

TIPO DE MEDIAL	N. DE OCORRÊNCIAS	DEPOENTES
Média Passiva	124	8
Processo Espontâneo	274	175
Processo Mental	77	32
Movimentação Corporal	215	80
Ação Coletiva	13	1
Recíproca	43	18
Reflexiva Direta	26	2
Perceptiva	36	11
Atividade Mental	06	1
Ato de Fala	65	18
Reflexiva Indireta	372	30
Total de de ocorrências	1251	100%

Com base nesses dados, chama a atenção a categoria Processo Espontâneo, que conta com uma grande quantidade de verbos depoentes, que acarreta numa restrição de escolha por parte do falante. Por outro lado, a Média Reflexiva Indireta proporcionalmente, apresenta a menor quantidade de verbos depoentes e, diante da possibilidade de uma construção ativa, a opção pela forma medial parece-nos uma escolha motivada. Cabe destacar, também, a categoria Ação Coletiva que, embora de baixa recorrência, apresentou apenas uma forma depoente, que também justifica a teoria da motivação. De maneira geral, a quantidade de verbos depoentes nas outras categorias é bem menor que a quantidade de verbos com oposição ativa. Ademais, analisamos a questão dos lemas, isto é, dentre as formas encontradas em cada categoria, quantos foram os lemas encontrados e, assim, foram colhidos os dados apresentados na tabela 36.

Tabela 36 - Quantidade de lemas de verbos médios

TIPO DE MEDIAL	N. DE OCORRÊNCIAS	QUANTIDADE DE LEMAS
Média Passiva	124	50
Processo Espontâneo	274	21
Processo Mental	77	21
Movimentação Corporal	215	48
Ação Coletiva	13	06
Recíproca	43	11
Reflexiva Direta	26	13
Perceptiva	36	07
Atividade Mental	06	03
Ato de Fala	65	43
Reflexiva Indireta	372	71
Total de de ocorrências	1251	100%

A categoria Processo Espontâneo é a que mais contempla a repetição de seus lemas, e, no sentido oposto, na categoria Ato de Fala que temos a menor repetição, seguida pela Reflexiva Indireta. Os dados acima parecem-nos coerentes diante do fato de essas duas categorias assinalarem, geralmente, um sujeito *beneficiário* ou *recipiente*

e, por essa razão, a quantidade de verbos que atribuem esse papel semântico ao sujeito se apresentam mais prolíficos. Finalmente, o último cruzamento de dados feitos foi, justamente, o cruzamento entre quantidade de ocorrências de verbos depoentes e lemas, obtendo as informações explicitadas pela tabela 37.

Tabela 37- Quantidade de depoentes com lemas distintos em Apolodoro

TIPO DE MEDIAL	VERBOS DEPOENTES	LEMAS DE DEPOENTES
Média Passiva	8	6
Processo Espontâneo	175	04
Processo Mental	32	14
Movimentação Corporal	80	19
Ação Coletiva	01	01
Recíproca	18	03
Reflexiva Direta	2	02
Perceptiva	11	02
Atividade Mental	1	01
Ato de Fala	18	12
Reflexiva Indireta	30	07
Total de de ocorrências	1251	100%

Os verbos depoentes foram mais repetitivos, os mesmos lemas foram bastante recorrentes na obra, principalmente em categorias como Processo Espontâneo e Ato de Fala. Nas demais categorias, a proporção de número de ocorrências depoentes em relação ao lemas girou em torno da mesma média. Dispostos, graficamente, os dados acima são contemplados da seguinte forma:

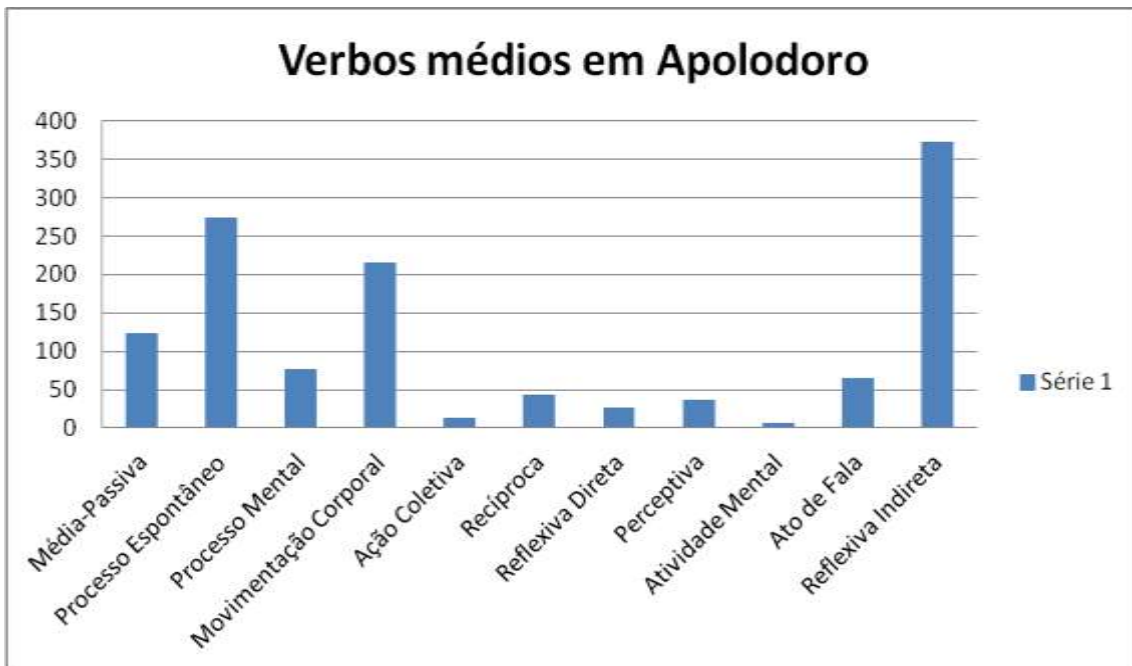


Figura 14 - Verbos médios em Apolodoro

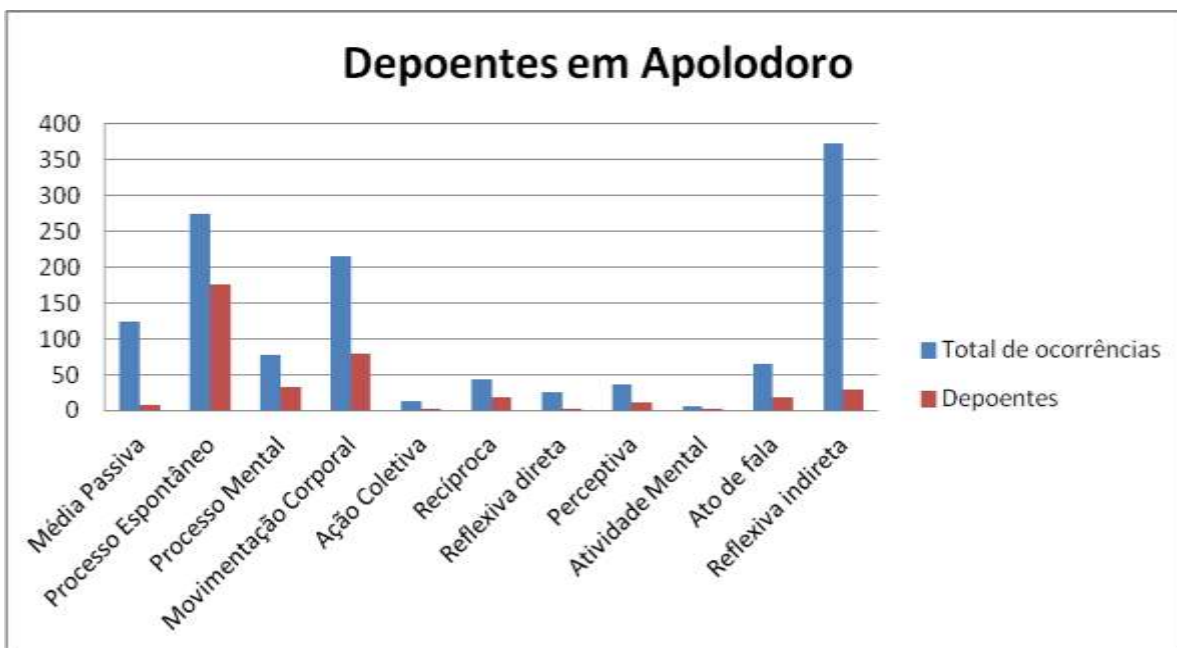


Figura 15 - Verbos depoentes em Apolodoro

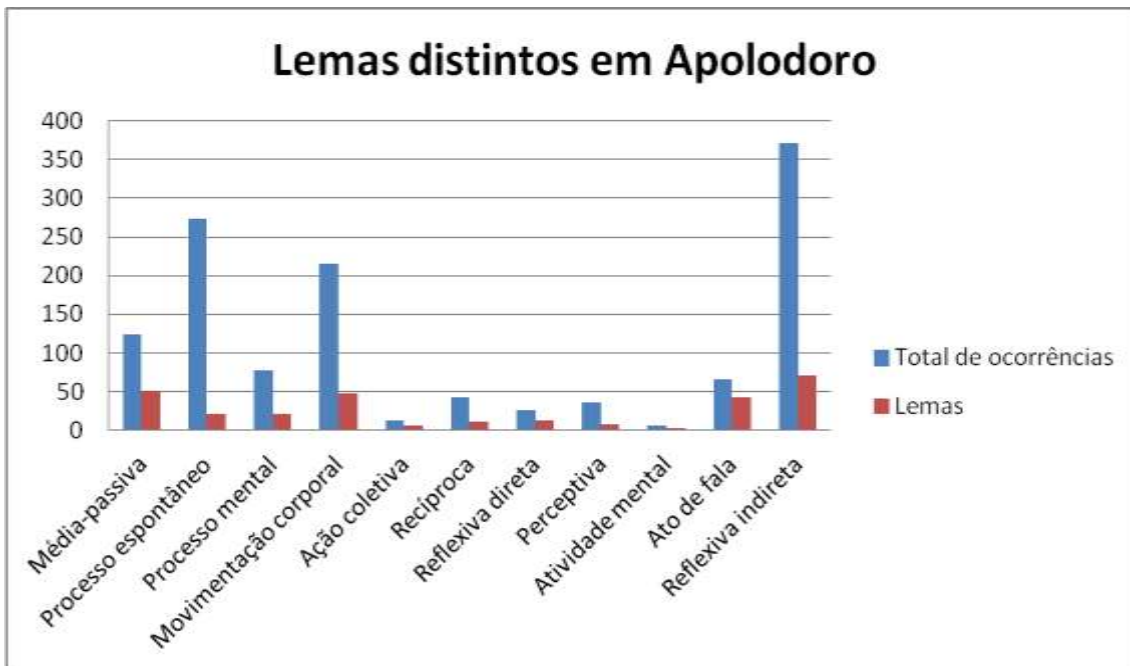


Figura 16 - Lemas distintos em Apolodoro

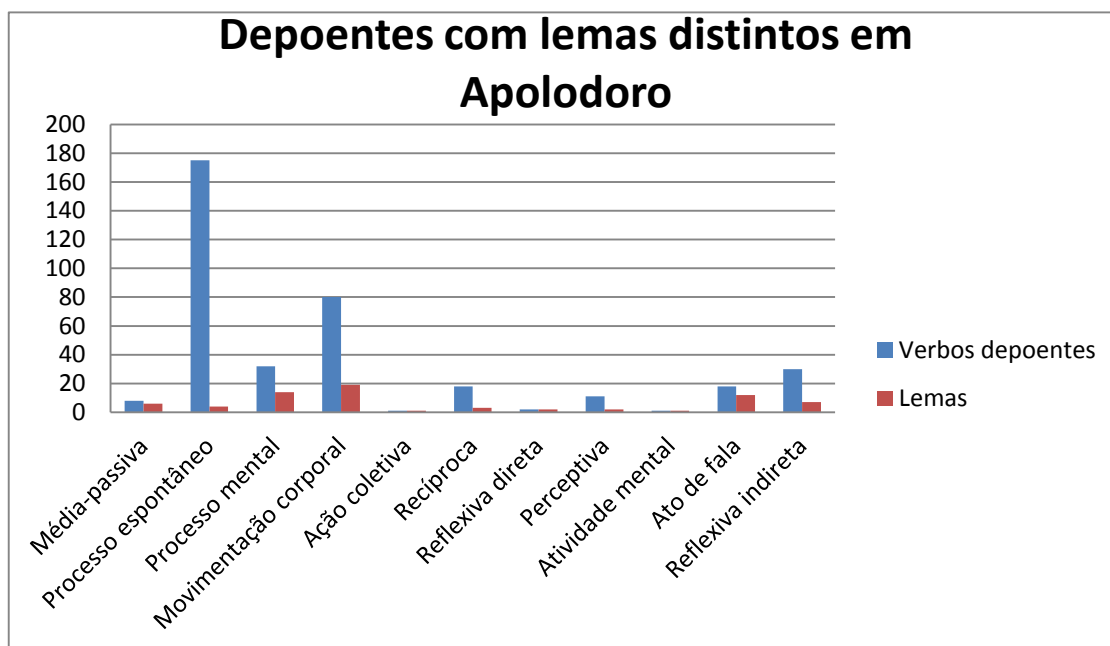


Figura 17 - Depoentes com lemas distintos em Apolodoro

A partir de cada um dos cruzamentos de dados encimados, a forma medial mais recorrente em nosso *corpus* foi a Reflexiva Indireta e, portanto, esta configura-se como nossa categoria prototípica. É interessante ressaltar que essa classificação é a que melhor abarca aquelas, comumente, difundidas pelos materiais didáticos do grego antigo, em que se atribui ao sujeito um “interesse” no processo expresso pelo verbo médio. Em nossa classificação, o sujeito da reflexiva indireta é visto como beneficiário desse processo e, por conseguinte, a construção média se opõe à ativa nesse sentido;

deixa-se claro, ou ao menos se enfatiza, o benefício extraído pelo sujeito naquele contexto. Lembremos, pois, que os verbos em voz média coletados para este trabalho foram analisados com base num único contexto (nos textos de Apolodoro) e, por essa razão, delimitar o escopo do significado desses verbos e ver se não há variações muito grandes em seu significado exige a ampliação do *corpus* e, portanto, fica como proposta para trabalhos futuros. Um verbo na voz média deve ser analisado semanticamente, alguns verbos em grego possuem uma ampla variedade de sentidos e, nesses casos, podemos ter, por exemplo, verbos que ora sejam *reflexivos indiretos* ora de *ato de fala*; a mudança na classificação acompanha uma nuance semântica do verbo, porém, o mais importante é que o emprego da média esteja justificado e se faça legítimo.

De maneira geral, tal como vimos acima, há uma grande repetição nas ocorrências sob flexões diferentes, isto é, muitos itens lematizados são repetidos. A média como processo espontâneo, por exemplo, conforme explicitado pelas tabelas, mostrou-se bastante recorrente, porém é interessante notar que a quantidade de lemas distintos é muito pequena, proporcionalmente, é a categoria com menor índice nesse sentido. Exemplos de atividade mental foram bem baixos, dentre as seis encontradas, metade fazia parte de um mesmo tema. Acerca dessa categoria, discutiremos na seção a seguir.

A quantidade de verbos depoentes é pequena e, mesmo dentro dessa categoria, os lemas são bastante repetitivos. Esses dados corroboram para nossa concepção de que, em meio à existência de inúmeros verbos depoentes que, automaticamente restringem a opção de um falante, maior é quantidade de verbos com oposição ativa e, dessa forma, torna-se saliente a questão da motivação: embora a voz média tenha desaparecido dos sistemas linguísticos modernos, por um considerável espaço de tempo, essa construção verbal figurava como importante ferramenta de construção de sentido; em meio à existência de mais de uma possibilidade de construção do sentido verbal, o falante de grego faz opção pela voz média, dando ênfase ao seu envolvimento naquele processo.

Com relação à categoria prototípica verificada por Allan (2003), o autor afirma que seu critério se relaciona à frequência de ocorrência, maior a ocorrência de um membro, maior sua saliência cognitiva. O segundo critério, para ele, tem a ver com a centralidade do membro dentro da rede. Quanto maior a relação de um membro com outros, mais prototípico ele é. O levantamento de dados feito pelo autor é com base em 300 ocorrências de verbos médios, em Homero, Heródoto e Aristófanes, no intuito de explorar narrativas e diálogos. Os dados expostos contemplam a tabela 38.

Tabela 38 - Verbos médios em diversos corpora

Passiva	24 (1)	8% (0,3%)
Processo Espontâneo	35 (14)	11,7% (4,7%)
Processo Mental	63 (44)	21% (14.7%)
Movimentação Corporal	59 (26)	19,7% (8.7%)
Ação Coletiva	11 (4)	3.7% (1.3%)
Recíproca	10 (10 ²¹⁵)	3.3% (3.3%)
Reflexiva Direta	3 (0)	1% (0%)
Perceptiva	3 (1)	1% (0.3%)
Atividade Mental	9 (5)	3% (1.7%)
Ato de Fala	19 (13)	6.3% (4.3%)
Reflexiva Indireta	58 (21)	19.3% (7%)
δύναμαι	6 (6)	2% (2%)
Total	300 (145)	100% (48.3%)

Segundo o Allan (2003)

Com relação à frequência de ocorrência, três empregos da média surgem como candidatos ao posto de categoria prototípica. Processo mental, movimentação corporal e média reflexiva indireta. A frequência das terminações médias são representadas na figura dois, pelo quantidade entre parênteses. O segundo critério se relaciona à centralidade do uso médio na rede. Pode ser visto na figura dois que o processo mental possui maior conexão na rede com outros usos da média. Especialmente o fato de estar relacionado tanto com a reflexiva indireta quanto à média-passiva - que pode ser considerados os dois pólos extremos da categoria, o que torna um argumento forte para assumir o processo mental como membro central. (p.91)

Embora o autor justifique sua escolha pelo Processo Mental como categoria prototípica da média, nossa pesquisa envolveu uma quantidade de verbos consideravelmente maior, 1258 contra 300. Embora o processo mental pareça, de fato, a categoria com a maior quantidade de elementos similares às demais, em comparação à frequência de ocorrência da reflexiva indireta, a diferença é muito alta e, portanto,

ratificamos nossa escolha por essa última categoria. Nossa conclusão também vai ao encontro de Sicking & Stork (1996), que afirmam que a voz média denota, basicamente, eventos que ocorrem em um único lugar, em que se evidencia o traço controle por um agente humano, tal como *μαίνεται*, "ele está furioso", *ἐγείρεται* "ele acorda", *ὀγήνεται*. "ele quebra". No entanto, esses autores fazem apenas uma breve reflexão acerca da medial e sequer consideram o processo espontâneo; ademais, não identificamos um *corpus*, a partir do qual essa conclusão foi extraída e, portanto, não podemos aprofundar num confronto de conclusões.

Manney (2000), ao tratar do processo mental, chamando-o de resposta emocional, e do processo espontâneo, como mudança espontânea, considera ambos como a categoria prototípica da medial. Entretanto, com base em nossos dados, novamente, uma vez que a categoria de processo espontâneo contempla uma quantidade pequena de lemas distintos e um grande número de verbos depoentes, ela não se torna uma escolha plausível. Em suma, a fim de verificarmos se a categoria processo mental configura-se como uma categoria prototípica, seria necessário uma ampliação do *corpus*, algo produtivo para propostas de pesquisa futuras. Na seção a seguir, com base nos dados levantados nesta pesquisa, propomos uma reformulação das categorias propostas por Allan (2003), a fim de facilitar os critérios de classificação da voz média, a partir da aproximação de algumas categorias, cujos limites são bem estreitos.

3.3) Uma nova categorização

Conforme apresentado e discutido no capítulo dois desta dissertação, as categorias empregadas por Allan (2003) na classificação da voz média do grego antigo tocam aspectos semânticos e psicolinguísticos, atribuindo-lhe, como principal traço, a *afetação do sujeito*. Assim, onze grupos foram criados pelo autor, a fim de abarcar a medial em toda sua complexidade. Muitas dessas categorias já haviam sido utilizadas por outros estudiosos, como Kemmer (1994), Rijksbaron (1994) e Vasquez-Yamuza (1999), ou pelo uso da mesma terminologia, ou numa terminologia diferente, porém de mesma definição.

Dentre os autores que propõem diferentes grupos de classificação para a medial, Allan (2003) é, justamente, aquele que trabalha com o maior número de categorias. No entanto, já como uma leitura crítica nossa, acreditamos que essas onze categorias geram certa dificuldade em diversos momentos de análise, uma vez que muitas delas são tão próximas, a ponto de o traço que as distingue não ser tão claro ou mesmo saliente.

Diante disso, propomos uma reorganização das onze categorias de Allan (2003), reduzindo-as a um número menor.

3.3.1 Atividade Mental x Processo Mental

Allan (2003) separa essas duas categorias distinguindo-as pelo traço volição; processos mentais são volitivos, enquanto atividades mentais, não. Primeiramente, acreditamos existir um problema em relação à terminologia: atividade e processo não parecem distinguir-se de modo muito claro. Os termos utilizados pelo autor são *Mental Process* e *Mental Activity*, que, embora polissêmicos, não nos parecem trazer qualquer diferenciação de significado. Em segundo lugar, em se tratando de um evento mental, é difícil analisar o critério *volição*, embora haja ocorrências contextualizadas, essa parece-nos uma tarefa muito complexa, a ponto de ser definida, rapidamente. Sendo assim, pareceu-nos adequado, com base em nossa análise, utilizar um único grupo, *Processo Mental*, com observações e discussões acerca da caráter volitivo de alguns desses processos.

3.3.2 Reflexiva (Direta e Indireta)

As médias reflexivas resultam em ações que retornam ao sujeito. Nesse sentido, o papel semântico mais comum a elas é o de *beneficiário* ou *experienciador* e, para verbos depoentes, muitas vezes, *recipiente*. No entanto, com base em nosso levantamento de dados, a quantidade de verbos reflexivos diretos é muito pequena e ao invés de duas categorias, pode haver uma única, denominada reflexiva, na qual uma certa quantidade de verbos envolve ações executadas pelo sujeito nele próprio (verbos de arrumação).

3.3.3 Movimentação Corporal x Ação Coletiva

Allan (2003), ao se referir à movimentação corporal, salienta a questão de um sujeito passar de um ponto A para o B. Essa mesma noção pode ser encontrada nas ações coletivas, com a diferença de ocorrer com a movimentação de grupos. Verbos, como *dispersar e reunir*, típicos na ação coletiva, também envolvem um deslocamento de A para B e, portanto, torna-se adequado incluir essa categoria na de Movimentação Corporal, apontando para esse detalhe: em grego, algumas ações realizadas em conjunto são retratados pela média. Vasquez-Yamuza (1999) utilizam-se de uma terminologia bastante interessante, *deslocamento*, que nos parece abarcar com mais precisão as ações coletivas e, portanto, tornam-se bastante adequadas para uma reformulação.

3.3.4 Média-Passiva x Processo Espontâneo

Ao longo dos trabalhos sobre voz média, deparamo-nos com duas terminologias que dizem respeito a essas categorias: *processo espontâneo*, tal qual empregada por Allan (2003) e, *processos*, utilizada por Vasquez-Yamuza (1999). Segundo o próprio Allan (2003), o que difere essas duas categorias é a ausência de um agente externo, no caso de processos espontâneos, ao contrário da média-passiva, que implica a presença de um. Em nossa análise, houve grande dificuldade para entender, muitas vezes, a diferença dessas duas categorias. Verbos como *καλέω* e *λέγω*, *chamar* e *dizer*, respectivamente, em suas acepções primárias, foram recorrentemente construídos na voz média, o que, com frequência, traziam dúvidas quanto à categorização, visto que o sentido não era sempre o mesmo à medida que as variantes ocorriam. Sendo assim, a denominação *processos* parece-nos bastante adequada, já que nos permite abarcar essas duas categorias, eliminando uma possível confusão nos limites que a separam, de acordo com Allan (2003), e assinala para os tipos de processos existentes, tais como os espontâneos, exemplificados e abordados no capítulo 2 desta dissertação. Finalmente, verbos média de percepção, ato de fala e reciprocidade permanecem como categorias isoladas das demais, uma vez que suas proximidades para com outras classificações não foram tão estreitas, a ponto de se unirem em um único grupo.

Neste capítulo, optamos por mostrar como a linguística de *corpus*, como ferramenta metodológica, foi inserida nesta pesquisa, por meio da demonstração das duas ferramentas computacionais utilizadas ao longo de nosso trabalho: o AntConc e o Perseus Digital Library, cujos mecanismos de busca permitiram-nos um eficaz e produtivo levantamento e, por conseguinte, análise de ocorrências de voz média do grego antigo. Apresentados os *softwares*, expusemos os dados colhidos em nossa pesquisa, o número total de ocorrências de verbos médios na obra *Biblioteca*, de Apolodoro, enquadrando-os nas categorias propostas por Allan (2003), apresentando-os de diferentes modos: a) quantidade total de ocorrências em cada categoria; b) quantidade de verbos depoentes em cada categoria; c) quantidade de lemas em cada categoria e d) quantidade de lemas dentro da categoria dos depoentes. A partir do levantamento desses dados, assinalamos a categoria prototípica da voz média, a qual, em nossa análise, foi a Reflexiva Indireta, diferente daquela verificada por Allan

(2003), que a definiu como sendo a de Processo Espontâneo. Sobre esta, inclusive, verificamos uma enorme recorrência, porém num predomínio de um único verbo. Ademais, foi constatada a baixa ocorrência de verbos depoentes no *corpus* em comparação a verbos com oposição ativa, o que reforçou nosso conceito de motivação, no que diz respeito ao emprego da medial pelos falantes do grego antigo.

Salientamos, também, a importância da voz média no grego antigo, visto que é pequena a quantidade de verbos depoentes o que, por conseguinte, exige, por parte do enunciador, a opção por essa forma, diante da possibilidade de uma construção ativa. Em outras palavras, a voz média reforça o conceito de motivação que, durante um grande espaço de tempo, na língua grega, foi utilizada de forma consciente pelo falante, assinalando peculiaridades no significado almejado.

Por fim, diante de um grande grupo de categorias estipulados por Allan (2003), sugerimos uma redução nessas categorias, de 12 para sete grupos, sugerindo as novas categorias: a) *processos*, para a média-passiva e processo espontâneo; b) *deslocamentos*, para ação coletiva e movimentação corporal; c) *reflexiva*, para as reflexivas direta e indireta e d) *processos mentais*, para atividade e processo mentais, justificando essa reformulação, além de manter as originais ato de fala; recíproca; perceptiva. No capítulo seguinte, teceremos reflexões sobre a oposição ativa/média, de modo a tratar dos limites que as separam, ao mesmo tempo em que trataremos de sinônimos entre ambas, a partir da discussão de pares de verbo e coleta de exemplos em nosso *corpus*.

Capítulo 4 – Implicações para as sinonímias entre vozes ativa e média

Vimos, nesta dissertação, que, percorridos os estudos linguísticos acerca da voz média, o traço semântico que mais abarca sua complexidade é o de *afetação do sujeito*, compreendido por meio dos papéis semânticos dos sujeitos oracionais. Embora Allan (2003), tenha estabelecido possibilidades de voz média no grego (capítulo 2), as quais, nesta dissertação, foram questionadas, no sentido de reduzir o número das categorias (capítulo 3), é comum encontrarmos nos textos gregos a alternância no uso entre forma ativa e média sem que, a princípio, haja uma distinção semântica entre ambas. Considerando, então, que, linguisticamente, não existe uma sinonímia perfeita, o que, de fato ocorre, quando, em grego, as vozes ativa e média aparentam ser empregadas de forma equivalente, sem que a alternância entre uma e outra promova uma mudança de significado?

Neste capítulo, trataremos dessa oposição *ativa vs média*, a fim de encontrar alguma justificativa para a ocorrência de sinonímias entre ambas, pensando na questão da marcação e, também, por meio da linguística de *corpus*, separamos em cinco seções, cinco pares de verbos, ativos e médios, que contemplam o mesmo significado e, dessa forma, procuramos exemplos contextualizados em nosso *corpus* de análise, a fim de encontrar alguma diferença que possa existir entre ambos.

4.1 ATIVA vs MÉDIA

Se lembrarmos que, originalmente, as duas vozes predominantes na língua grega eram a ativa e a média, seriam então elas oposições perfeitas? Em outras palavras, uma vez que assumimos o traço *afetação do sujeito* como principal marcação semântica da voz média, podemos, então, concluir que na voz ativa prevalece a ausência desse traço? Segundo Allan (2003), a voz média deve ser vista como um membro não marcado de uma oposição privativa, ou seja, para ele a voz ativa é neutra em relação à característica semântica de *afetação do sujeito*. Essa ideia já havia sido apresentada por Gonda (1979), segundo o qual:

A voz ativa não é essencialmente a oposição exata, o contrário da média, mas é caracterizada por não expressar aquilo que é veiculado pela medial, alguma referência especial ao sujeito. Isso significa que pode ser usada quando o autor não a vê como necessária para expressar explicitamente a modificação medial. (p.39)

A definição acima nos remete, novamente, à questão da motivação. Possivelmente, um falante de grego, na possibilidade de uso de duas formas, ativa e média, diante de uma distinção diluída por razões, por exemplo, histórias, poderia fazer uso de qualquer uma das duas, sem prejuízo de significado. Pensemos, por exemplo, nas palavras do inglês, *oak* e *puppy*: se ditas ou escritas assim, um interlocutor, imediatamente, compreende que significam, respectivamente, carvalho e filhote de cachorro. No entanto, se um falante de língua inglesa disser *oak tree* e *puppy dog*, a construção torna-se, ao invés de redundante, enfática. Nesse sentido, uma das possibilidades de existência de sinonímia entre média e ativa nos remete à questão da ênfase, sobre a qual faremos menção ainda neste capítulo.

Existem inúmeras abordagens envolvendo o fenômeno de marcação e um dos responsáveis pela seleção e redução dos critérios utilizados foi Croft (1990), que dividiu esse tipo de pesquisa em três gêneros, sendo eles:

1) **Estrutural**: relativo ao número de morfemas usados para expressar valores marcados e não marcados;

2) **Comportamental**: a) *Flexional*: número de distinções cross-cutting que os valores marcados e não marcados contêm;

b) *Distribucional*: número de contextos semânticos em que os valores marcados e não marcados ocorrem;

c) *Cross-linguistic*: número de tipos de línguas em que os valores marcados e não marcados ocorrem;

3) **Frequência**: a) *Textual*: número de ocorrências dos valores marcados e não marcados no texto;

b) *Cross-linguistic*: número de línguas em que os valores marcados e não marcados são encontrados.

O primeiro critério, envolvendo a marcação estrutural, diz respeito à contagem de morfemas que marcam determinada categoria. Segundo Croft (1990), "o valor marcado de uma categoria gramatical será expresso por, pelo menos, quantos morfemas quanto o valor não marcado da categoria". Atentemos para a tabela 39, em que esboçamos as terminações médias e ativas do presente e do imperfeito do indicativo.

Tabela 39 - Desinências ativas e médias

	Presente		Imperfeito	
	Ativo	Médio	Ativo	Médio
1 sg	-ω	-ομαι	-ον	-όμεν
2 sg	-εις	-η/-ηι	-ες	-ου
3 sg	-ει	-εται	-ε	-ετο
Dual	-ετον	-εσθον	-ετον	-εσθον
1 pl	-ομεν	-όμεθα	-ομεν	-όμεθα
2 pl	-ετε	-εσθε	-ετε	-εσθε
3 pl	-ουσι	-ονται	-ον	-οντο

Uma maior complexidade morfológica da média comparada à ativa é encontrada na 1ª pessoa do singular, no presente (-ω vs -ομαι), 3ª pessoa do singular (-ει vs -εται), e na 3ª pessoa do singular do imperfeito (-ε vs -ετο). Na 1ª e 3ª pessoas do singular, no presente, a forma ativa contém um morfema não analisável que, simultaneamente, expressa *aspecto, radical, tempo, voz e pessoa* (a vogal temática -ο- ou -ε-), e a outra expressando *tempo, voz e pessoa*. O fato de um número de terminações da média mostrar uma grande complexidade é uma evidência que a voz média é marcada comparada à ativa. Croft (1990), ao citar Greenberg, afirma que numa escala crescente de marcação, de menos marcada para mais marcada, há uma tendência de, em primeiro lugar nessa escala, estarem as terceiras pessoas do indicativo, seguidas pelas primeiras e, depois, pelas segundas pessoas. No entanto, se pensarmos no grego antigo, essa afirmação acaba por não condizer com as desinências expressas nas segundas pessoas do presente e do imperfeito singular, -ηι (presente) e -ου (imperfeito), que são menores que as desinências das demais pessoas. Se confrontamos as terminações ativas e médias (-ω vs. -ο-μαι etc), podemos observar que as terminações mediais contêm mais fonemas, 14 dentre 16 formas do paradigma. Apenas em dois casos, especificamente as duas pessoas nas formas singulares, o padrão é diferente. Assim, podemos concluir que a voz média é estruturalmente (em particular fonologicamente) marcada, comparada à ativa.

Segundo Croft (1990), com relação à marcação⁵⁶ podem-se estabelecer dois critérios: a) relativo à morfologia, denominado pelo autor como flexional, envolvendo o número de formas num paradigma flexional; e b) relativo ao tipo sintático, por ele definido como distribucional, envolvendo o número de contextos sintáticos em que um elemento gramatical pode ocorrer. Para o autor, "se um valor marcado possui um certo número de formas distintas num paradigma flexional, então o valor não marcado terá, pelo menos, a mesma quantidade de formas no mesmo paradigma". Já Greenberg (1996), defende a ideia de que "uma forma não marcada terá, pelo menos, a mesma quantidade de alomorfes ou irregularidades paradigmáticas que a forma marcada". Acerca do comportamento flexional, as vozes ativa e média exibem uma importante diferença: a primeira possui dois grupos de terminações (conjugações), a temática (1 sg. -ω 2sg -εις 3sg. -ει e 3pl -ουσι), e a aтемática (1 sg. -μι, 2 sg. -ς 3sg. -σι 3 pl. -ασι), ao passo que existe apenas um grupo de terminações para a média (-ομαι etc). O fato de a voz ativa possuir mais formas distintas é um indicativo de que é uma categoria não marcada, se comparada à média.

O segundo critério discutido por Croft (1990) envolve o número de meios em que determinado elemento linguístico ocorre, e para esse comportamento o autor o chama de distribucional, definindo-o da seguinte forma: "se um valor marcado ocorre num certo número de contextos gramaticais distintos (tipos de construção), então, o valor não marcado também ocorrerá em, pelo menos, nesses contextos em que o marcado ocorre". Consoante o autor, o fenômeno de neutralização⁵⁷ pode ser considerado como um subtipo do critério distribucional. Para Allan (2003), no grego antigo é possível constatar isso, já que há diversos contextos em que a voz ativa é usada, embora haja, do ponto de vista semântico, a possibilidade de ocorrência da média. Se pensarmos em exemplos para ilustrar esse fato, existem verbos ativos usados para suprir a construção passiva, tal como ἀποθνήσκω, "morrer", que é usado como substituto passivo de ἀποκτείνω, "matar". Nesse caso, o primeiro verbo significa "ser morto por". Outro exemplo é o caso de φεύγω, "fugir", usado como passivo de διώκω, "processar" (quando empregado em contextos jurídicos). Dessa forma, φεύγω ὑπό significa "ser processado por".

⁵⁶ O autor se refere a essa marcação como *behavioural markedness*.

⁵⁷ Acerca do conceito de neutralização, entendemo-lo como que embora exista a possibilidade de ocorrência de duas formas num determinado contexto, na prática apenas uma se realiza, sendo esta a forma não marcada.

Além disso, para Allan (2003), a voz ativa pode ser usada em contextos em que é claro que o sujeito extrai benefício da ação. Exemplos claros para o autor são aqueles em que as formas ativa e média são usadas alternativamente. Para Gildersleeve (1900) e Gual (1970), se é possível inferir do contexto que a ação é realizada no interesse do sujeito, então o uso da forma média não é obrigatório. Em verbos como *comer* e *beber*, em sua maioria ativos, podemos encontrar um tipo comparável de neutralização. Uma vez que essas atividades são inerentes ao benefício do sujeito, não há necessidade de codificá-las com a voz média. Se pensarmos no autor com que trabalhamos, Apolodoro, a codificação desses verbos é feita na voz ativa, tal qual em:

a) ἔλεγεν οὖν, εὐρεθείσης τῆς μαχαίρας εἰ ξύων τὸν ἰὸν ἐπὶ ἡμέρας δέκα Ἴφίκλω δῶ **πιεῖν**, παῖδα γεννήσειν. (Apol. *Biblio.* 1.9.12) - Disse, então, que se a faca, após ter sido encontrada, fosse limpa da ferrugem, e dado [o carvalho] para Íficles **beber** por dez dias, ele engendraria uma criança.

b) κολάζεται δὲ καὶ μετὰ θάνατον: γῦπες γὰρ αὐτοῦ τὴν καρδίαν ἐν Ἄιδου **ἐσθίουσιν**. (Apol. *Biblio.* 1.4.1) - Ele é punido também após a morte, pois abutres **devoram** o coração dele no Hades.

Por uma razão similar, uma expressão como ἀνοίγω τὴν θύραν - *eu abro a porta* - é sempre na ativa. A forma média reflexiva indireta nunca é usada, porque é mais comum que alguém abra a porta para si próprio. Há, também, um terceiro tipo de neutralização, que ocorre em contextos com pronomes reflexivos. No exemplo a seguir, a voz ativa é usada em combinação com um pronome nominativo reflexivo, αὐτὸς - *para si* - usado em combinação ao invés de uma forma média reflexiva direta sem pronome – em casos em que a reflexividade está enfatizada.

a) Ἡρακλῆς ἔλαβεν παρὰ Ἑρμοῦ μὲν ξίφος, παρὰ Ἀπόλλωνος δὲ τόξα, παρὰ δὲ Ἥφαιστου θώρακα χρυσοῦν, παρὰ δὲ Ἀθηνᾶς πέπλον: ῥόπαλον μὲν γὰρ **αὐτὸς** ἔτεμεν ἐκ Νεμέας. (Apol. *Biblio.* 2.4.11) - Hércules recebeu de Hermes uma espada; de Apolo, um arco; de Hefesto, uma armadura dourada e, de Atena, uma capa, já que ele cunhou **para si** próprio uma clava em Neméia.

Nesses casos, para Kühner e Gut (1898), a voz média também seria possível de um ponto de vista semântico. A voz ativa, portanto, ocorre prontamente em contextos em que o elemento de afetação do sujeito está claramente presente. Isso implica, dessa forma, que a voz ativa não pode ser pensada como uma marca de ausência de afetação do sujeito, mas como *neutra* em relação esse traço⁵⁸. É adequado lembrar que os dois principais eventos em que não há afetação do sujeito são a transitiva prototípica e o evento estático. Na primeira, o sujeito é um agente volitivo que não se afeta, enquanto o objeto é um único participante passando pelo efeito do evento. No segundo tipo de evento, não há afetação, uma vez que a afetação só pode ser resultado de *mudança* que se realiza ou se realizou: é o que, geralmente, ocorre em verbos como εἶμι *ser/estar*; ζῶ *viver*; κατεύδω *dormir*; μένω *esperar*; ὄζω *cheirar*. Cabe salientar, contudo, que há casos, como o futuro εἶμι, em que somente há a possibilidade de uma construção média e, por conseguinte, sugere, apenas uma marcação morfológica, embora o traço *afetação* não esteja mais presente. Um maior levantamento de dados é necessário, a fim de confirmar a frequência ativa/média para verbos estáticos, para assegurar um padrão de emprego desses verbos.

Finalmente, acerca da questão da marcação, Croft (1990) aborda a frequência textual, sobre a qual afirma que se um valor marcado ocorre em um certo número de vezes em frequência em uma amostra de texto, então o valor não marcado ocorrerá, pelo menos, o mesmo tanto de vezes em uma amostra comparável de texto. Rijksbaron (1994) aponta para a menor recorrência da voz média nos textos gregos: 30% em Heródoto e 33% em Platão, numa proporção é de 2:1. A seguir, propomo-nos a comparar alguns pares de verbos ativos/médios sinônimos, a partir do levantamento de algumas hipóteses para esse fenômeno, bem como a verificação de ocorrências em nossos *corpus*.

4.2 VERBOS ATIVOS E MÉDIOS SINÔNIMOS

Nesta seção, faremos algumas reflexões acerca da existência de uma sinonímia entre verbos ativos e médios, questão esta que prejudica bastante os estudantes de grego antigo. Embora uma sinonímia perfeita seja algo extremamente raro numa língua, muitos são os contextos em que um verbo na voz *ativa* possui o mesmo sentido e

⁵⁸ Allan (2003) argumenta acerca da não marcação da voz ativa com relação à forma aorista passiva. Para maiores detalhes, cf. ALLAN (2003, p.19)

tradução que um na voz *média*. *A priori*, poderíamos pensar que o que diferencia um verbo ativo de um médio é que, para este, existe a *afetação do sujeito*. No entanto, conforme salientamos na seção anterior, há ocorrências verbais nas quais essa característica não pode ser negada, tanto na voz ativa, quanto na média. Por exemplo, pensemos nos pares de verbo ἐθέλω e βούλομαι, formas ativa e média, respectivamente, para o verbo *desejar*. Se ambas implicam um elemento de envolvimento mental por parte do sujeito, ou seja, uma *afetação*, qual, então, traço pode ser utilizado a fim de distinguir essas duas possibilidades de construção?

Vejamos alguns pares de verbos sinônimos (tabela 40) que, a princípio, ultrapassam os limites de distinção entre a voz *ativa* e a *média*.

Tabela 40 - Sinonímias de diferentes radicais

VERBOS SINÔNIMOS DE DIFERENTES RADICAIS		
ἐθέλω	βούλομαι	<i>Desejar</i>
χαίρω	ἠδομαι	<i>Alegrar-se</i>
εἶμι	ἔρχομαι	<i>Ir</i>
ικάνω	ικνέομαι	<i>Vir</i>
ἀκολουθέω	ἔπομαι	<i>Seguir</i>
πηδάω	ἄλλομαι	<i>Saltar</i>
σκοπέω	σκέπτομαι	<i>Examinar</i>

Tabela 41 - Sinonímias de mesmo radical

VERBOS SINÔNIMOS DE MESMO RADICAL		
ὀρμάω	ὀρμάομαι	<i>Impelir</i>
πειράω	πειράομαι	<i>Tentar</i>
πολιτεύω	πολιτεύομαι	<i>Ser cidadão</i>

Primeiramente, podemos pensar em três hipóteses com relação ao uso, aparentemente, equivalente dos verbos ativos e médios do grego antigo, sendo elas:

a) Nenhum dos verbos de uma parêntese envolve *afetação do sujeito*, isto é, a desinência da medial contida num dos verbos está lexicalizada e sem significado, possivelmente como resultado de um outro e mais antigo sentido do verbo.

Ao longo desta dissertação, seguimos a ideia de que a voz média possui, como principal traço, a *afetação do sujeito*, e, olhando para a tabela encimada, notamos que a maioria dos verbos envolvem um processo mental ou um deslocamento, categorias que envolvem uma mudança de local ou de estado mental. Diante desse motivo, essa justificativa é menos plausível, se pensarmos no desenvolvimento deste trabalho. Antes mesmo de uma ausência de uma *afetação do sujeito*, podemos pensar numa diferença no grau de afetação, o que nos leva a uma segunda proposta de justificativa para os sinônimos:

b) Ambos os verbos demonstram uma *afetação do sujeito*. No entanto, esse traço é enfatizado por meio da construção média.

Tal qual mencionamos no início deste capítulo, as palavras em inglês *oak* e *puppy*, se utilizadas em sua forma *oak tree* e *puppy dog*, tornam-se enfática, ao invés de pleonástica. O uso dessa última possibilidade, de alguma forma, enfatiza os termos *tree* e *dog*. É essa mesma ideia que parece possível de existir nos pares de verbos ativo e médio: o traço *afetação do sujeito* está presente em ambas as construções, porém, na média, essa característica torna-se mais saliente. Dessa forma, na construção ativa, a *afetação* aparenta estar implícita no sentido lexical, enquanto que na medial, por meio das desinências, ela passa a ser enfatizada. Na seção 4.2.5, mostraremos como esse grau de *afetação* parece ser maior e menor na comparação média/ativa, nos verbos ἔθελω e βούλωμαι, ambos com o sentido de *desejar*.

Por fim, como última justificativa sugerida para a existências das sinonímias, temos:

c) Ambos os verbos demonstram *afetação do sujeito*, porém aquela presente no verbo ativo é inerente ao significado lexical do verbo e, portanto, não há diferença semântica demonstrável entre o verbo ativo e o médio.

Essa justificativa nos parece bastante plausível, ao passo que vai ao encontro da ideia por nós, anteriormente, abordada com relação ao fato de a voz ativa ser uma categoria não marcada e, por conseguinte, neutra em relação ao traço *afetação do sujeito*. Podemos entender que, historicamente, houve, em algum momento, uma distinção semântica, que, provavelmente, perdeu-se com o tempo⁵⁹.

⁵⁹ Existe a possibilidade de abordar outros fatores para a questão dos sinônimos, tais como fatores diacrônicos, de gênero ou mesmo estilísticos, porém, nesta pesquisa nos ocupamos, somente, dos traços semânticos.

Dentre alguns verbos que, aparentemente, não demonstram qualquer distinção semântica entre as formas média e ativa apontados por Allan (2003), temos:

Tabela 42 - Sinônimos médios e ativos

SINÔNIMOS MÉDIOS E ATIVOS	
ἀκούω	ἀκούμαι <i>ouvir</i>
αὐδάω	αὐδάομαι <i>falar</i>
βρέμω	βρέμομαι <i>rugir</i>
δακρῶ	δακρῶμαι <i>chorar</i>
διώκω	διώκομαι <i>perseguir</i>
δωρέω	δωρέομαι <i>presentear</i>
ἰμείρω	ἰμείρομαι <i>desejar</i>
κλαίω	κλαίομαι <i>lamentar</i>
λάμπω	λάμπομαι <i>brilhar</i>
μέλπω	μέλπομαι <i>celebrar com música e dança</i>
νήχω	νήχομαι <i>nadar</i>
οἶω	οἶομαι <i>pensar</i>
πέλω	πέλομαι <i>tornar-se</i>
σπέρχω	σπέρχομαι <i>apressar-se</i>
σπεύδω	σπεύδομαι <i>correr</i>
φημι	ἔφατο <i>dizer</i>

Os verbos em negrito foram aquelas encontrados em Apolodoro. Numa rápida análise, verificamos que diante das duas possibilidades de uso, houve predomínio da ativa. Somente um exemplo, *σπεύδω/σπεύδομαι* *correr*, ocorreu com alternância das vozes e, tal qual postulado acima, a diferença entre essas formas toca questões de ênfase, que justificaremos com mais detalhes a seguir. No entanto, se pensarmos em poesia, gênero textual em que a maioria, ou quase todos, esses exemplos podem ser encontrados, Scwyzer-Debrunner (1980) afirma que a alternância entre as construções média e ativa estão diretamente ligadas a questões de métrica, desconsiderando uma variação semântica entre ambas. É adequado lembrar que a alternância das vozes não é

completamente arbitrária do ponto de vista semântico, uma vez que, na lista encimada, a maioria dos exemplos se enquadra em verbos, comumente marcados por construções médias, restritos a algumas classes: deslocamento, ato de fala, processos mentais e percepção; logo, a afetação do sujeito é inerente e motiva a flexão média, ao passo que a forma ativa é neutra em relação a esse traço.

Nas seções a seguir, analisaremos algumas pares de verbos ativos e médios sinônimos, sugerindo um das três justificativas expostas acima, além de apresentar alguns exemplos extraídos de nosso *corpus*.

4.2.1 ὀρμάω e ὀρμάομαι (*impelir*)

Segundo Allan (2003), essas duas formas aparecem em Homero sem nenhuma distinção. No entanto, de modo geral, em grego, parece haver uma pequena distinção entre elas. Em Apolodoro, não há ocorrência desses verbos, que são muito recorrentes em Heródoto e, por essa razão, os quatro primeiros exemplos são extraídos de sua obra *Histórias*, enquanto o último foi retirado da peça *Édipo em Colono*, de Sófocles.

a) πρὶν δὲ ἐξελαύνειν ὀρμηῆσαι τὸν στρατόν - Mas antes de começar a **por em marcha** o exército.

b) καὶ τοὺς Φοίνικας διακελευσαμένους ὀρμηῆσαι ἐπ' αὐτάς - Os fenícios, tendo sido exortados, **impeliram** contra eles.

c) προιδόντες δὲ οὗτοι τὰς νέας τῶν βαρβάρων ἐς φυγὴν ὤρμησαν - Eles, tendo visto os navios dos bárbaros, **puseram-se em fuga**

d) ὀρμᾶσθαι μὲν ἐκ Τάραντος (...) μισθώσασθαι πλοῖον ἀνδρῶν Κορινθίων - **Partindo** então de Tarento, alugou um barco dos homens de Corinto.

b) ὤρματ ἀπ οἴκων Ἡρακλῆς - Héracles **estava saindo** de casa.

Se observarmos os três primeiros exemplos, a forma ὀρμάω (ativa) traz os significados de *por em marcha*, *fugir e partir*, verbos cujo enfoque se dá na *velocidade* ou a *força* do movimento. A construção ὀρμάομαι (média), empregada em (d) e (e) focaliza sua transição e, geralmente, tal como ocorre nos dois exemplos encimados, vem

acompanhada das preposições ἐκ e ἀπό, que indicam ponto de partida de um movimento. Com efeito, em ambas as formas temos um traço de *afetação do sujeito*, porém a intensidade da afetação é o que difere uma forma da outra. No caso de ὀρμάομαι, forma média, ela é maior e, além de ser um verbo pontual, o foco está no momento no tempo em que o sujeito passa por uma mudança de uma posição estática para uma em movimento. Diferentemente da forma ativa ὀρμάω que, por sua vez, foca no andamento do movimento numa velocidade maior (sem mudança de posição, apenas de intensidade). Em suma, a segunda justificativa apresentada anteriormente para a que melhor se encaixa aqui; embora haja afetação do sujeito nas duas formas verbais, na construção média ὀρμάομαι esse traço é mais enfático.

4.2.2 πειράω e πειράομαι

Allan (2003) assinala que o sentido desse verbo como *testar, experimentar* + genitivo é uma construção exclusivamente expressa pela média, que expressa que o sujeito-referente é afetado por aquilo por que passa numa mudança mental e, dessa forma, aproxima-se de verbos com valor cognitivo. A construção *ativa*, por sua vez, possui o sentido de *tentar algo à força*. Entretanto, de maneira geral, por meio de uma análise de diversos textos, a forma ativa πειράω tem sido englobada pela média πειράομαι. É interessante notar que a forma média, πειράομαι, parece ter, no grego antigo, sobreposto a construção ativa, visto que, em Heródoto são três ocorrências ativas para 88 médias. Vejamos alguns exemplos extraídos, respectivamente, de Apolônio de Rodes e Platão:

a) πειράῃ μὲν οὖν ἴσως σε καὶ τῶν τιθίῳν ἐφάπτεταί σου - Na certa ele **tenta** te seduzir e apalpa-te as maminhas.

b) πειρώμενος ἀνδρός ἀγαθοῦ καὶ νοῦν ἔχοντος - [...] **reconhecendo por experiência** que o homem era honesto e sensato [...]

Considerando, então, o elemento *cognição* como diferenciador entre as formas ativa e média, a terceira justificativa aqui parece-nos adequada, de que o traço *afetação do sujeito* está presente em ambas, porém, a forma ativa demonstra ser neutra com relação a ele.

4.2.3 πολιτεύω e πολιτεύομαι (*ser cidadão*)

Para esse par de sinônimos, Allan (2003) afirma que a forma ativa significa *ser cidadão*, enquanto que a forma média, *comandar o estado*, e a passiva *viver sob uma constituição*. No entanto, aparentemente, somente Xenofonte utiliza as formas ativa e média com o sentido da medial e, com exceção de Tucídides, nenhum outro autor clássico utiliza a forma ativa. Os exemplos coletados são, respectivamente, de Isócrates e Xenofonte.

a) ἐν εἰρήνῃ **πολιτεύομαι** - [...] **governar** melhor do que os outros [...]

b) ἄριστα τῶν ἄλλων **πολιτεύω** - [...] **comportar-se como cidadão** pacífico [...]

Com efeito, a existência dessas duas formas pode ser resultado de uma perda numa maior diferença semântica e a manutenção das duas construções. Em relação à forma média *πολιτεύομαι*, o autor a classifica como uma reflexiva indireta, uma vez que quando um cidadão grego atua politicamente, ele extrai, ou pelo menos tem essa intenção, benefício de seus atos.

4.2.4 πηδάω e ἄλλομαι (*pular*)

Diferentemente dos outros pares de sinônimos, esses dois verbos não são formados pelo mesmo radical. Para esse caso, Allan (2003) afirma que não há uma distinção semântica, mas de registro, estilística ou mesmo de métrica, em se tratando do drama ático. De acordo com os dados extraídos do TLG, a frequência de ocorrências desses verbos em diferentes autores é a demonstrada na tabela 43.

Tabela 43- Frequência de ocorrência de ἄλλομαι e πηδάω

	ἄλλομαι	πηδάω
Aristóphanes	8	19
Demóstenes	1	14
Eurípides	3	20
Ésquilo	3	1
Heródoto	1	6
Homero	58	4
Platão	6	22

	ἄλλομαι	πηδάω
Sófocles	4	5
Tucídides	1	0
Xenofonte	19	52

A forma ἄλλομαι parece ser mais frequente em Homero do que seu sinônimo, o que nos permite inferir ser ela uma forma mais antiga para o sentido *pular*. πηδάω, por sua vez, é uma construção mais frequente no ático. Em Sófocles e nos hinos homéricos, respectivamente, podemos encontrar as seguintes ocorrências:

a) εἰς σκάφη πηδάω [...] **pulo** sobre os barcos [...]

b) ἄλτο θέειν [...] **pulou** para correr [...]

ἄλλομαι parece-nos ser de um registro mais poético, enquanto que πηδάω é neutralizado do ponto de vista estilístico. Em Xenofonte, com base nos dados extraídos do TLG, temos a frequência de ocorrência resumida na tabela 44.

Tabela 44 - Frequência de ocorrência de ἄλλομαι e πηδάω em Xenofonte

	ἄλλομαι (19)	πηδάω (50)
Helênicas	6	9
Anábase	4	7
Ciropédia	4	12
Da equitação	3	12
Da equitação	1	3
Memoráveis	1	1
Cinergética	0	6

Em contextos bélicos, o autor parece optar pela forma ἄλλομαι, por isso o registro mais algo nas obras *Helênicas* e *Anábase*. Com efeito, a justificativa três parece-nos mais adequada aqui: há o traço de *afetação do sujeito* em ambas as construções, porém a distinção entre ambas parte para fatores de estilística ou métrica, e não para a semântica.

4.2.5 ἐθέλω e βούλομαι (*desejar*)

Allan (2003) afirma que essas duas formas verbais nos obrigam a pensar o motivo de existirem duas formas tão distintas para verbos com uma proximidade semântica tão acentuada. Vejamos os exemplos extraídos de Apolodoro.

a) καὶ ταύτη συγχωρεῖ τῶν αἰχμαλώτων ὃν ἤθελεν ἄγεσθαι - e consentiu a ela trazer, dentre os prisioneiros, aqueles que **desejava**. (Apol. *Bibl.* 2.6.4)

b) Ζεὺς δὲ πέμψας Ἑρμῆν πρὸς αὐτὸν ἐπέτρεψεν αἰρεῖσθαι ὃ τι **βούλεται**: - Zeus enviou Hermes e o permitiu escolher o que deseja. (Apol. *Bibl.* 1.7.2)

Em demais autores, segundo constam os dados do TLG, acerca da ocorrência dessas formas verbais, as informações são apresentadas na tabela 45.

Tabela 45 - Frequência de ocorrência de βούλομαι e ἐθέλω

	βούλομαι	ἐθέλω
Aristófanēs	193	93
Demóstenes	757	269
Eurípides	170	288
Ἐσquila	3	68
Heródoto	256	288
Homero	38	292
Platão	976	527
Sófocles	38	102
Tucídides	369	70
Xenofonte	788	292
Apolodoro	58	53

Apolodoro foi destacado por se tratar de nosso *corpus* de análise⁶⁰ e mostra um equilíbrio entre o emprego dessas duas formas verbais. Esse mesmo equilíbrio pode ser visto em Heródoto. Demóstenes e Platão já trazem índices que mostram um uso muito

⁶⁰ Tal qual salientado, exemplos extraídos de outros autores foram usados para reforçar nossas conclusões ou para situação em que em Apolodoro não foi possível encontrar determinadas ocorrências.

mais predominante de βούλομαι. É interessante notar que somente em dois autores, Ésquilo e Homero, a forma ativa ἐθέλω é mais recorrente que sua oposição média e, ao mesmo tempo, são, dispostos numa linha do tempo, são os autores mais antigos do grupo disposto acima. Em Homero, por exemplo, βούλομαι aparece como algo que “dê preferência para o que se oferece como excelente, ou aparenta causar menos mal”, ou mesmo algo espontâneo, intuitivo e, normalmente, é modificado pelo advérbio πολύ ou ocorre com a conjunção comparativa ἤ. Em outras palavras, é um verbo que pode ser traduzido como *preferir*. No caso de ἐθέλω, seu sentido é de *desejar, querer, estar desejoso*. Dessa forma, há uma diferença em relação a βούλομαι, que se torna mais específico, uma vez que seu sentido de *preferir* implica na existência de uma escolha alternativa, em detrimento do sentido mais geral de ἐθέλω. No grego clássico, o limite entre esses dois verbos tornou-se, gradualmente, mais indistinto em comparação com as ocorrências em Homero. Esse desenvolvimento é devido, principalmente, à ampliação do sentido de βούλομαι: este acabou ampliado em relação ao seu sentido específico de *preferir* para o sentido mais neutro de *querer, desejar*. Consequentemente, ἐθέλω perdeu seu campo semântico em favor de βούλομαι, o que passa a ser justificado pela mudança de frequência dos verbos, uma vez que fica nítido o predomínio da forma média nos autores posteriores a Ésquilo e Homero.

βούλομαι implica um grau maior de envolvimento mental do que ἐθέλω. Aquele traz uma escolha positiva, isto é, o sujeito ativamente e de forma autônoma prefere uma alternativa à outra. Já ἐθέλω denota uma intenção que emerge sob a influência da vontade de outra pessoa. Ao persuadir a mente de alguém (βούλομαι), uma pessoa é psicologicamente envolvida num âmbito maior do que conceber o pedido de alguém (ἐθέλω). Com efeito, embora nesses dois verbos haja um elemento de afetação mental, esse elemento se torna mais enfático na construção média, enquanto que a forma ativa, neutra para a *afetação do sujeito*, não contribui para o sentido lexical do verbo.

Neste capítulo, fizemos uma comparação entre as vozes ativa e média, de modo a tratar dos limites que as separam, bem como das semelhanças que, por muitas vezes, confundem-nas. Uma vez que a voz ativa pode ocorrer em meios em que o sujeito é afetado (neutralização contextual), pode-se concluir que a ativa é inespecífica à

característica semântica *afetação do sujeito*. Reciprocamente, a voz média é semanticamente marcada em relação à *afetação do sujeito*. Consequentemente, eventos em que não há *afetação do sujeito* não podem ser expressos por verbos médios.

Em sequência, analisamos a questão da sinonímia existente entre pares de verbos ativos e médios, os quais foram dispostos em cinco seções, de modo a propor uma justificativa para esclarecer a existência dos sinônimos. Sugerimos três possibilidades para os sinônimos, sendo elas, a) a ausência do traço *afetação do sujeito* tanto na ativa quanto na média; b) a presença desse traço em ambas, porém mais enfatizado na medial e c) a *afetação do sujeito* em ambas, porém, lexicalizado na forma ativa e, por conseguinte, a falta de uma distinção entre os verbos. A partir dessas hipóteses, analisamos cinco pares de verbos e, em ὀρμάω/ὀρμάομαι; πειράω/πειράομαι; ἐθέλω/βούλομαι ambas as vozes contemplam o traço *afetação do sujeito*, porém é a forma média de torna esse traço mais saliente e, portanto, enfático. Já nos pares πηδάω/ἄλλομαι e πολιτεύω; πολιτεύομαι a distinção não parece tocar aspectos semânticos e, também, tanto média e ativa denotam uma *afetação do sujeito*, sendo que a distinção entre as construções tange outros fatores, tais como estilística e métrica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, nesta pesquisa, aprofundar os estudos acerca da voz média do grego antigo, por meio da verificação das variantes de seu emprego no grego antigo, a partir do levantamento e análise de ocorrências da medial no livro *Biblioteca*, de Apolodoro, prosador do século II, d.C. No primeiro capítulo, foi feita uma análise das teorias que tratam das vozes ativa e passiva no grego antigo e, em seguida, traçamos um percurso diacrônico acerca dos estudos linguísticos sobre a medial, iniciados no século XIX, até os anos mais recentes, ressaltando a dificuldade de se encontrar trabalhos voltados a esse tema, os quais, em sua totalidade, especificamente sobre o grego antigo, foram todos em língua estrangeira. De modo geral, nas gramáticas tradicionais, a voz ativa é definida pela presença de um sujeito-agente, distinguindo-se da passiva que, por sua vez, possui um sujeito-paciente. No caso da média, a identificação da voz seria dada pela presença de um sujeito-beneficiário, porém essa noção, muitas vezes, não é tão clara e nem sempre recorrente numa estrutura frasal. Para a voz média, entendemos que seu sentido é definido pelo próprio verbo, isto é, na forma de empregá-lo em determinados contextos. Portanto, compreender a voz média acarreta numa abordagem semântica e num estudo descritivo de seu emprego contextualizado nos textos gregos.

A fim de explicitar as particularidades da voz média grega, baseamo-nos no modelo cognitivo "Bola de Bilhar", proposto por Langacker (1983), a partir do qual justificamos o emprego da medial nos textos helênicos, baseando, também, nossas inferências no conceito de motivação, proposto pela Linguística Cognitiva. Dentre as noções de voz média discutidas no primeiro capítulo, as de Kemmer (1992), *Initiator*, *Endpoint* e relativa distinguibilidade de participantes foram capazes de abarcar, e muitas vezes, justificar o emprego da medial no grego antigo. No entanto, foram os estudos de Allan (2003), a base teórica para nossa análise, a qual define a voz média como uma construção verbal em que se evidencia o traço de *afetação do sujeito*. Ao final desse capítulo, tecemos comentários acerca da categoria dos depoentes, os quais, embora unicamente possíveis de ocorrência na construção média, foram inseridos na mesma análise que verbos com oposição ativa.

Feita essa exposição teórica sobre as vozes verbais do grego antigo, com um enfoque especial na média, demos início ao segundo capítulo, em que apresentamos as onze categorias estabelecidas por Allan (2003), ligadas pelo traço *afetação*, sendo elas: a) média-passiva; b) processo espontâneo; c) processo mental; d) movimentação

corporal; e) ação coletiva; f) recíproca; g) reflexiva direta; h) perceptiva; i) atividade mental; j) ato de fala e k) reflexiva indireta. Mostramos as definições utilizadas pelo autor para cada uma dessas classificações, por meio de usos extraídos de nosso *corpus* de análise, resultando num mapa semântico da voz média grega.

No capítulo três, tratamos da abordagem baseada em *corpus*, mostrando como a Linguística de Corpus, como ferramenta metodológica, inseriu-se neste trabalho. Para isso, apresentamos as duas ferramentas computacionais usadas na coleta e análise dos verbos médios em Apolodoro: o *software* AntCONC e a Biblioteca Digital Perseus. Ademais, fizemos um levantamento das ocorrências médias, separadas em gráficos, divididos em: a) total de ocorrências em cada categoria; b) total de verbos depoentes em cada categoria; c) total de lemas em cada categorias e d) total de lemas dentre os depoentes em cada categoria. A partir desse levantamento, buscamos encontrar a categoria prototípica da voz média, isto é, aquela que reúne as principais características de suas variantes e se mostrou mais recorrente no *corpus* e, no caso, foi a Reflexiva Indireta.

Com base em nossa coleta e análise de resultados, formalizamos uma leitura crítica das categorias de classificação da voz média propostas por Allan (2003); propondo uma redução de 11 para 7 classificações, estabelecendo a unificação de a) média-passiva e processo espontâneo em processos; b) movimentação corporal e ação coletiva em deslocamentos e c) reflexiva direta e indireta em reflexiva. Por fim, ainda neste capítulo, justificamos nossa análise com relação à questão de ensino-aprendizagem, explicando como foi elaborado um material de suporte didático a alunos e professores do grego antigo, a partir desta pesquisa. Justificamos essa tarefa com base na escassez de métodos de ensino de grego clássico em língua portuguesa, dando enfoque a um dos temas de maior carência teórico também em português, que é o caso da voz média.

A escolha de Apolodoro foi feita devido à presença única do dialeto padrão helênico, o ateniense, e a extensão praticável do texto foi bastante produtiva, tanto para a realização das traduções como para, a partir dos textos, criar as seções elaboradas para o material didático. O uso de textos originais permite ao aluno uma compreensão maior da sintaxe grega e, além disso, o tema central das passagens selecionado, a figura de Hércules, possibilita o contato com aspectos da cultura clássica, extremamente importante para a formação do aluno. Dessa forma, acreditamos que com este trabalho, estudiosos do grego antigo possam compreender melhor a voz média, desmistificando,

guardadas as devidas proporções, a aparente incoerência que por muitas vezes dificulta delimitar seu emprego nos textos e reconhecer as diferenças em relação às construções ativas.

No quarto e último capítulo, promovemos uma discussão envolvendo a oposição ativa/média, levantando a seguinte indagação: se a média é marcada pelo traço *afetação do sujeito*, seria a ativa, então, uma construção desprovida desse traço? Justificamos a voz média como uma categoria marcada por meio de fatores de frequência, distribuição e morfologia. Assim, enquanto que na medial há a marcação do traço *afetação do sujeito*, a ativa, em contrapartida, é neutra e ele. Em seguida, dedicamos uma seção à existência dos sinônimos entre as vozes ativa e média, no grego antigo, elencando três hipóteses passíveis de serem usadas, a fim de justificar esse fenômeno. Por conseguinte, cinco pares de verbos foram selecionados e analisados, sendo eles *πηδάω/ἄλλομαι* e *πολιτεύω; πολιτεύομαι; ὀρμάω/ὀρμάομαι; πειράω/πειράομαι; ἐθέλω/βούλομαι*, a partir de ocorrências em nossos *corpus* e frequência de ocorrências extraídas do TLG, a fim de entender a coexistência de formas sinonímias em construções de voz distintas, ou do ponto de vista semântico, por meio de uma diferença de ênfase ou por fatores como diacronia, gênero, estilística, dentre outros.

Referências

Dicionários da língua grega

BAILLY, A. *Dictionnaire Grec Français*. Éd. revue par L. Séchan et P. Chantraine. Paris: Hachette, 2000.

LIDDEL, H.G. & SCOTT, R. *A Greek-English Lexicon*. Revised and augmented by H.S. Jones and R. McKenzie. Oxford: Clarendon Press, 1940.

_____. *Abridged Greek Lexicon*. Oxford,: Oxford University Press, 1977

MALHADAS, D.; DEZOTTI, M. C. C e MOURA NEVES, M. H. *Dicionário Grego-Português*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2006, 2007 e 2008. Vol. I. II e III.

MONTANARI, F. *Vocabolario della lingua greca*, seconda edizione, con CD-ROM e Guida all'uso e lessico di base. Torino, Loescher, 2004.

Gramáticas e outros estudos

ABBOTT, E. & MANSFIELD, E.D. *A Primer of Greek Grammar*. London: Duckworth, 1977. ALLARD, J. *Grammaire Grecque*. Paris: Hachette, 1969.

ABREU, Antônio Suárez. *Linguística Cognitiva: uma visão geral e aplicada*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

ALLAN, Rutger J. *The Middle Voice in Ancient Greek. A Study of Polysemy*. Leiden and Boston: Brill, 2003.

ANDERSEN, P.K. *Remarks on the origin of the term Passive*. Berlim, Klincksieck. 1989

APOLLODORUS. Apollodorus, The Library, with an English Translation by Sir James George Frazer, F.B.A., F.R.S. in 2 Volumes. Cambridge, MA, Harvard University Press; London, William Heinemann Ltd. 1921. Includes Frazer's notes. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu>

- _____. *Biblioteca*. Trad. y notas SEPÚLVEDA, M. R. Introducción ARCE, Javier. Madrid: Gredos, 1985.
- BARBER, E.J.W. *Voive - Beyond the passive*, in C Cogen, *Proceedings of the first annual meeting of Berkeley Linguistics Society: BLS, 16-24, 1975*.
- BENVENISTE, Émile. Actif et moyen dans le verbe. In: *Journal de Psychologie*, 43. 121-130 [retomado em *Problèmes de Linguistique general I*, 168-175. Paris: Gallimard, 1966].
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Conceito lingüístico de palavra. In: Margarida Basílio. (Org.). *Palavra*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Grypho, 1999, v. vol. I, p. 81-97.
- BOHEM, Isabelle. De la “voix” et de la “diathèse”. In: COLOMBAT, B et SAVELLI, M. *Métalangage et terminologie linguistique. Actes du colloque international de Grenoble*. Grenoble: Peeters, 1998, p. 91-111.
- BRANDÃO, Jacyntho de Lins (*et alii*). *Introdução ao grego antigo*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- BRUGMANN, K. *Greek Grammar*, 1903. In: ALLAN, Rutger J. *The middle voice in ancient Greek*, Leiden and Boston: Brill, 2003.
- CAMARGO, C. V. R. & ROSA, E. B. *A voz média grega: elaboração de material didático*. Relatório de iniciação científica, Araraquara, 2009.
- CHANTRAINE, P. *Morphologie historique du grec*. Paris: Klincksieck, 2º éd., 1961.
- CONRAD, C W. *Active, Middle, and Passive: Understanding Ancient Greek Voice*. In: <http://www.artsci.wustl.edu/~cwconrad/docs/UndAncGrkVc.pdf>
- CONTI, S. E. Breve introduzione alla questione del sistema verbale greco antico. *Quaderni del Laboratorio di Linguistica*, Pisa, v. 5, 2004-2005. Disponível em:

- <http://alphalinguistica.sns.it/QLL/QLL04_05/Conti_EcoSara.PDF>. Acesso em: 17 jul. 2009.
- CRANE, G. *Perseus Digital Library*, disponível em: <http://perseus.tufts.edu>
- CROFT, W. *Case markings and the semantics of mental verbs*, in J. Pustejovski (ed.), *Semantics and the Lexicon*. Dordrecht: Kluwer, 55-72. 1993
- DUHOUX, Y. *Le verbe grec ancien: éléments de morphologie et de syntaxe historiques*. 12. ed. rev. et augm. Louvain-la-Neuve: Peeters, 2000. (Bibliothèque des Cahiers de l'Institut de Linguistique de Louvain, 104). [1. ed., 1991]
- _____. *Le verbe grec ancien: éléments de morphologie et de syntaxe historiques*. 12. ed. rev. et augm. Louvain-la-Neuve: Peeters, 2000. Resenha de WAKKER, G. C. *Mnemosyne*, Fourth Series, v. 55, n. 1, p. 108-116, 2002. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/4433304>>. Acesso em: 7 ago. 2009.
- FONTANIER, J. M., et MENU, M. *Le grec en 15 leçons*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2005.
- FRAJZYNGIER, Z. *Reciprocal forms and functions*. Amsterdã/Filadélfia, John Benjamins, 2000.
- FREIRE, A. *Gramática grega*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- GARCÍA GUAL, C. *El sistema diatéptico en el verbo griego*. NereaMadrid, 1970.
- GENIUSIENE, E. *The typology of Reflexives (Empirical Approaches to Language Typology 2)*. Berlim, Mouton de Gruyter, 1987.
- GILDERSLEEVE, B. L. *Syntax of classical greek*. Nova Iorque, Cincinnati, 1900 - 1911.
- GIVÓN, T. *Voice and inversion*. Amsterdã, John Benjamins, 1994.

- GONDA, J. *Reflections on the Indo-European medium*. In: *Lingua*, 1960, 30-57; 175-193.
- GREENBERG, J. *Conflict in the middle voice*. *Psychoanalytic Quarterly*, 2005, 74:105-120.
- GUIRAUD, C. *Grammaire du Grec*. Paris: PUF, 3^e. éd., 1982.
- HALLIDAY, M.A.K. *Estrutura e função da linguagem*. In: LYONS, John. (org.) *Novos horizontes em lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1976.
- HASPELMATH, M. *Transitivity Alternations of the Anticausative Type*. Köln, Cologne, 1987.
- HOOPER, P. J & S. THOMPSON. *Transitivity in grammar and discourse*, in *Language* 56, 251-99, 1980.
- HORTA, G.N.B.P. *Os gregos e seu idioma*, 2 v. Rio de Janeiro: Di Giorgio, 1983 (1^o tomo, 3^a ed.) e 1979 (2^o tomo).
- KEMMER, S. *The middle voice*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins. 1993
- KRAHE, H. *Lingüística Indoeuropea*. Trad. J. Vicuña. Madrid: Antonio de Nebrija, 1971.
- KÜHNER, R & GERTH, B. *Ausführliche grammatik der griechischen Sprache*, Capítulo 1: *elementar - und Formenlehre*, 2 volumes. Hanover. Hahnsche Buchhandlung, 1904.
- LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago, University of Chicago Press, 1987.
- LANGACKER, R. W *Foundations of cognitive grammar*, Vol.1 Stanford University Press. Stanford, 1987

- _____. *Concept, imagem and symbol: the cognitive basis of grammar*. Nova Iorque, Mouton de Gruyter, 1991.
- _____. *A dynamic usage-based model*. In: BARLOW M. & KEMMER S, *Usage-based models of language*, Stanford, CSLI, 2000.
- LEVINSON, S.C. *Three levels of meaning*, in F.R Palmer, *Grammar and meaning: essays in honour of Sir John Lyons*, 90-115, Cambridge, UP, 1995.
- LYONS, J. *Linguistic Semantics*, UP. Cambridge, 1996
- LIMA, M. C. *Reflexões sobre a medialidade em português*. In: ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4585.pdf. Acesso: 10/10/2008
- _____ A categoria de voz nas gramáticas tradicionais pré-NGB (I e II). Disponível em: [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/9\(27\)01.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/9(27)01.htm)
- MANNEY, L.J. *The middle voice in modern Greek*. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam. 1998
- MALDONADO, R. *A media voz: problemas conceptuales del clítico se*. México, Universidad Nacional Autónoma de México, 1999.
- MARGUILIÉS, A. *Verbale Stammbildung und Verbaldiathese*, Berlim, KZ, 1931.
- MEILLET, A. *Introduction à l'étude comparative des langues indo-européennes*. Paris 1937.
- MORWOOD, J. *Oxford grammar of classical Greek*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- MOURA NEVES, M.H. *A vertente grega da gramática tradicional*. São Paulo/ Brasília, HUCITEC / UnB, 1987.
- MOURA NEVES, M.H. & MALHADAS, D. *Curso de Grego - Propedêutica*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1985.

- MURACHCO, H. *Língua grega. Visão semântica, lógica, orgânica e funcional. Vol. I Teoria e Vol. II Prática.* São Paulo / Petrópolis: Vozes, 2003.
- NEVES, M. H. de M. *A gramática: história, teoria e análise, ensino.* São Paulo: Ed. UNESP, 2002.
- PARKER, Frank. *Language Change and the Passive Voice.* In: *Language*, Vol. 52, No. 2 (Jun., 1976), pp. 449-460.
- PONTES, A. L. *Dicionário e leitura.* In: *Formação continuada de professores da rede pública – 2ª fase – Português.* Fortaleza: Universidade Aberta do Nordeste/Fundação Demócrito Rocha/Governo do Estado do Ceará, 2000a, p. 54-64.
- RAGON, Emile et DAIN, A. *Grammaire grecque.* Paris: J. de Gigord, 2000.
- RIJKSBARON, A. *The treatment of the Greek middle voice by the ancient grammarians.* In: *Cahiers de philosophie ancienne* 5, Brussels, Éditions Ousia, 427-44, 1987.
- _____, *The syntax and semantics of the verb in Classical Greek,* Amsterdã, Gieben, 1994.
- RISSELADA, R. *Voice in Ancient Greek: Reflexives and Passives.* In: AUWERA, V. de. J, GOSENS, L, *Ins and outs of the predication,* Dordrecht, Foris, 1987, 123-136.
- ROSH, E. *Cognitive representations of semantic categories,* *Journal of experimental psychology* 104, 1975, p.192-233.
- RUCK, C. *Ancient Greek - A New Approach.* Cambridge: MIT, 2nd ed., 1979.
- SARDINHA, T. B. *Linguística de Corpus: histórico e problemática. D.E.L.T.A.* São Paulo, v. 16, n. 2, p. 323-367. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010244502000000200005>. Acesso em: 15 jul. 2010.

SICKING, C.M.J. & STORK, P. *Two studies in the semantics of the Greek verb*. Leiden, Brill, 1996.

SIGNES-CODOÑER, Juan. The Definitions of the Greek Middle Voice between Apollonius Dyscolus and Constantinus Lascaris. *Historiographia Linguistica* 2005 Volume 32, Numbers 1-2, pp. 1-33.

SWEETSER, E. E. *From Etymology to Pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge, UP, 1990.

THE JOINT ASSOCIATION OF CLASSICAL TEACHER'S GREEK COURSE.
Reading Greek - Grammar, Vocabulary and Exercises. Cambridge University Press, 1980.

VÁSQUEZ, YAMUZA & GARRIDO. *Gramática Funcional- Cognitiva del Griego Antiguo I. Sintaxis y semántica de la predicación*. Univ. de Sevilla. Serie Manuales Universitarios, 44, 1999.

VENDRYES, J. "*Une categorie verbale: le mode de participation du sujet*". *BSL* 44, 1948, 1-20.

VIBERG, A. *The verbs of perception: a typological study*. In: BUTTERWORTH COMRIE B & DAHL, Ö, *Explanations for language Universals*. Berlim, Mouton de Gruyter, 1984, 123-62.